



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE**

**MÍSIA TAVARES DA CRUZ ARAÚJO**

**HISTÓRIA DE VIDA E O *HABITUS* DOCENTE NO CURSO DE MÚSICA DO  
INSTITUTO FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS TERESINA CENTRAL**

**FORTALEZA  
2023**

MÍSIA TAVARES DA CRUZ ARAÚJO

HISTÓRIA DE VIDA E O *HABITUS* DOCENTE NO CURSO DE MÚSICA DO  
INSTITUTO FEDERAL DO PIAUÍ - CAMPUS TERESINA CENTRAL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Artes do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Artes. Área de concentração: Música.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Botelho de Albuquerque  
Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Jeriane da Silva Rabelo.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- A69h Araújo, Mísia Tavares da Cruz.  
História de vida e o habitus docente no curso de música do Instituto Federal do Piauí-  
campus Teresina central / Mísia Tavares da Cruz Araújo. – 2023.  
140 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte,  
Programa de Mestrado Profissional em Artes, Fortaleza, 2023.  
Orientação: Prof. Dr. Luiz Botelho de Albuquerque.  
Coorientação: Profa. Dra. Jeriane da Silva Rabelo.
1. Ensino de Música. 2. Habitus docente. 3. História de vida. I. Título.

CDD 700

---

MÍSIA TAVARES DA CRUZ ARAÚJO

HISTÓRIA DE VIDA E O *HABITUS* DOCENTE NO CURSO DE MÚSICA DO  
INSTITUTO FEDERAL DO PIAUÍ- CAMPUS TERESINA CENTRAL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Artes do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Artes. Área de concentração: Música.

Aprovada em: 20 /09 / 2023

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Luiz Botelho de Albuquerque (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Pedro Rogério  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Goretti Herculano  
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Ao meu amado pai José Matos, *in memoriam*, vivo para honrar seu nome. À minha mãe Fátima, por ser meu primeiro modelo vocal e sobretudo por suas constantes orações.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que me sustenta todos os dias, me cercando de amor e cuidado.

Ao Tavares, meu esposo, pelo seu amor, zelo e cuidado, pelo incentivo e por sempre acreditar em mim.

À Mísia Hadassa e Tavarinho, pelos risos, abraços e beijos. Mamãe ama vocês do tamanho que não dá para medir.

Ao mestre querido professor Vladimir Silva que nos preparou para ingressar no mestrado, meu muito obrigada. O senhor sempre será o meu referencial de educador. Ao meu orientador, Luiz Botelho, sempre gentil e humano, por me acalmar me fazendo entender que as críticas devem ser recebidas com uma atitude cidadã.

À minha coorientadora Jeriane Rabelo pela sua generosidade, dedicação, pela paciência durante esse processo de escrita. Você foi um presente vindo dos céus, muito obrigada!

À minha amiga Patrícia Paixão, pelas palavras de coragem e ânimo, por sempre dizer: “não vou deixar você desistir, vou pegar na sua mão”.

Aos colegas do mestrado profissional em Artes – Profartes, aprendi muito com vocês.

Aos professores do Curso de Técnico Concomitante/Subsequente em Instrumento Musical do IFPI - Campus Teresina Central por contribuírem para a educação musical do nosso estado e por permitirem ser entrevistados na minha pesquisa.

A todos(as), meus sinceros agradecimentos.

“Mudaste o meu pranto em dança, a minha veste de lamento em veste de alegria, para que o meu coração cante louvores a ti e não se cale. SENHOR, meu Deus, eu te darei graças para sempre.”

(Salmos 30:11-12 NVI)

## RESUMO

O presente trabalho trata sobre a história de vida e formação do *habitus* docente dos professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI *Campus* Teresina Central. Ele entende a história de vida como a narrativa de si mesmo, permitindo explicar as formas como se vivencia e se concebe a própria formação e as relações com as pessoas e com os espaços que possibilitaram essa construção. Trata-se de narrar experiências vivenciadas. Já o *habitus* diz respeito às experiências construídas e incorporadas ao longo da trajetória de vida, constituindo o indivíduo no que ele é. Parte-se desses conceitos, tendo como proposta conhecer a trajetória de vida dos sujeitos e a constituição do *habitus*, identificando saberes, mudanças e permanências na prática docente. Visa-se responder às seguintes indagações: Como nos tornamos professores de música? De que maneira a trajetória de vida influenciou a escolha pela docência? Como se constitui o *habitus* docente em música? Para tanto, definiu-se como objetivo geral desta pesquisa: investigar, por meio das histórias de vida, a formação do *habitus* docente dos professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI *campus* Teresina Central. Como objetivos específicos, tem-se: desmistificar a minha própria trajetória de vida e formação para falar com propriedade sobre os processos formativos dos professores de música do *campus* Teresina Central; compreender como a relação entre história de vida/formação e a teoria da prática de Pierre Bourdieu contribuem para explicar a formação do *habitus* docente; identificar e analisar, através das histórias de vida e formação, a constituição do *habitus* docente dos sujeitos entrevistados. O trabalho utiliza o método qualitativo, com pesquisa narrativa, tendo como suporte teórico a abordagem de Histórias de Vida em Formação – HIVIF, associada à Praxiologia, guiando-se pela abordagem das Histórias de Vida fundamentado em: Josso (2004), Santos e Tuma (2008); Silva (2009 e 2016); e Oliveira (2016); e nas teorias de Praxiologia Bourdieu (1983, 1989, 2007), a fim de entender as narrativas docentes e como cada sujeito se tornou professor de música. A coleta de dados se dará através de entrevistas de narrativas de história de vida utilizando os seguintes instrumentos de coleta de dados; diário de campo, filmagem em vídeo e/ou gravador de áudio.

**Palavras-chave:** ensino de Música; *habitus* docente; história de vida.



## ABSTRACT

This research is about the life history and formation of the teaching habitus of the teachers of the Technical Course in Musical Instrument at IFPI Teresina Central Campus. It understands the life story as a narrative of oneself, allowing to explain the ways in which one experiences and conceives one's own formation and the relationships with people and with the spaces that made this construction possible. It is about narrating lived experiences. Habitus, on the other hand, refers to the experiences built up and incorporated throughout a person's life, making them who they are. These concepts are taken as a starting point, with the aim of getting to know the subjects' life trajectories and the constitution of their habitus, identifying knowledge, changes and permanence in teaching practice. The aim is to answer the following questions: How did we become music teachers? How did life trajectory influence the choice to become a teacher? How is the habitus of teaching music formed? Therefore, the general objective of this research was: to investigate, through life stories, the formation of the teaching habitus of the teachers of the Technical Course in Musical Instrument at IFPI Teresina Central campus. The specific objectives are: to demystify my own life story and training in order to speak with propriety about the training processes of the music teachers at the Teresina Central campus; to understand how the relationship between life story/training and Pierre Bourdieu's theory of practice contribute to explaining the formation of the teaching habitus; to identify and analyze, through the life stories and training, the constitution of the teaching habitus of the subjects interviewed. The academic work uses the qualitative method, with narrative research, having as theoretical support the approach of Life Stories in Formation (Histórias de Vida em Formação) - HIVIF, associated with Praxiology, guided by the approach of Life Stories based on: Josso (2004), Santos and Tuma (2008); Silva (2009 and 2016); and Oliveira (2016); and in the theories of Praxiology Bourdieu (1983, 1989, 2007), in order to understand the teaching narratives and how each subject became a music teacher. Data will be collected through life story narrative interviews using the following data collection instruments: field diary, video footage and/or audio recorder.

**Keywords:** music teaching; teaching *habitus*; life history.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Minha trajetória .....	14
Figura 2 –	Minha família (ano de 1997).....	15
Figura 3 –	U. E Felismino Freitas.....	16
Figura 4 –	CETI- Pequena Rubim.....	18
Figura 5 –	U.E Dep. Alberto Monteiro.....	19
Figura 6 –	Coral do Cefet- PI.....	21
Figura 7 –	Coral do Cefet- PI.....	21
Figura 8 –	Coral do Cefet – PI em Anápolis.....	22
Figura 9 –	Coral do Cefet -PI em Anápolis.....	22
Figura 10 –	Sala 450 UFPI.....	24
Figura 11 –	1 ° Recital de Canto: 2007.....	26
Figura 12 –	1 ° Recital de Canto: 2007.....	26
Figura 13 –	Madrigal da UFPI - estreia do Glória de Vivaldi.....	28
Figura 14 –	IX Nordeste Cantant.....	29
Figura 15 –	IX Nordeste Cantant.....	29
Figura 16 –	32º Femaco - São Luís.....	29
Figura 17 –	Coro Feminino.....	30
Figura 18 –	Coro Masculino.....	30
Figura 19 –	Coro Feminino UFPI - Recital Infantil / 2008.....	31
Figura 20 –	Recital de despedida.....	32
Figura 21 –	Final do recital.....	32
Figura 22 –	Decoração de Natal com material de sucata.....	34

Figura 23 –	Aula de música na educação infantil – IDB.....	36
Figura 24 –	Turma Flauta de Voz/ 2012- IDB.....	37
Figura 25 –	Coroação de Maria, 31/10/2012.....	38
Figura 26 –	Último dia de aula - Infantil II (2013).....	39
Figura 27 –	Aula inaugural Canto Coral / Teoria Musical – 2013.....	40
Figura 28 –	1º aniversário do Campus Oeiras.....	41
Figura 29 –	Turma Canto Coral.....	41
Figura 30 –	Recital de encerramento.....	41
Figura 31 –	Ensaio no refeitório: Canto Coral / Teoria Musical, 2015.....	42
Figura 32 –	Apresentação: Evento / Pronatec, 2015.....	42
Figura 33 –	Francisco Queiroz e os Bandolins e Novo Bandolins de Oeiras.....	43
Figura 34 –	Coral recebe o nome de Coral Serenata – 2016.....	44
Figura 35 –	Coral recebe o nome de Coral Serenata – 2016.....	44
Figura 36 –	Coral Serenata, Francisco Queiroz, Bandolins e Novo Bandolins de Oeiras.....	44
Figura 37 –	IV Feira Literária de Oeiras (FLOR).....	45
Figura 38 –	Coral Serenata em Pedro II – PI.....	45
Figura 39 –	Cartaz do Natal da cidade.....	46
Figura 40 –	Abertura do natal da cidade.....	46
Figura 41 –	Coral Serenata em frente à Igreja Nossa Senhora da Vitória.....	46
Figura 42 –	Aula inaugural - Doce Som/2016.....	47
Figura 43 –	Recital de Natal na Igreja Nossa Senhora da Vitória.....	47
Figura 44 –	Aula inaugural e o diretor do <i>campus</i> : de pé de blusa azul.....	48
Figura 45 –	Recital de conclusão de curso - Doce Som.....	49

Figura 46 –	Carnegie Hall, Nova York - Missa de Alçacus.....	50
Figura 47 –	Conservatório de Barleduc em Orleans – França, 2018.....	50
Figura 48 –	Conservatório de Barleduc em Orleans – França, 2018.....	50
Figura 49 –	2 ° Administração, 2018.....	51
Figura 50 –	2º Agricultura; Coral Serenata, 2018.....	51
Figura 51 –	Projeto de ensino: Canto Coral.....	52
Figura 52 –	Prática de conjunto - Flauta doce.....	52
Figura 53 –	Turma de Técnica vocal.....	53
Figura 54 –	Banda de pop rock- Brain Love.....	53
Figura 55 –	Cartaz virtual - Mostra Musical.....	54
Figura 56 –	Coral do Campus Uruçuí.....	54
Figura 57 –	Prática de Conjunto.....	54
Figura 58 –	Os parabéns.....	55
Figura 59 –	O diretor geral ao centro, de vermelho.....	55
Figura 60 –	Localização de Teresina – mapa do PI.....	61
Figura 61 –	Campi - IFPI.....	62
Figura 62 –	Perfil dos docentes.....	68

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	História de vida: origem familiar.....	69
Quadro 2 –	História de vida: formação escolar.....	74
Quadro 3 –	História de vida: experiências escolares.....	82
Quadro 4 –	História de Vida: Primeiro contato com a música.....	85
Quadro 5 –	Habitus docente: Ensino de Música .....	90
Quadro 6 –	<i>Habitus</i> docente: Planejar ser professor(a).....	96
Quadro 7 –	<i>Habitus</i> docente: Ensino de música .....	98
Quadro 8 –	<i>Habitus</i> docente: Expectativas em relação à profissão.....	101
Quadro 9 –	<i>Habitus</i> docente: Aspecto psicomotricidade.....	106
Quadro 10 –	<i>Habitus</i> docente: Aspecto Psicomotricidade .....	110
Quadro 11 –	<i>Habitus</i> docente: Escolha do repertório .....	114
Quadro 12 –	<i>Habitus</i> docente: o estudante como cidadão.....	119

## LISTA DE TABELA

Tabela 1 – Profissões e o grau de escolaridade dos pais.....	73
--	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CETI	Centro Estadual de Tempo Integral
COVID-19	Coronavirus Disease 2019
ENCOA	Encontro Nacional de Anápolis
ENCOTHE	Encontro de Corais de Teresina
ENCONTHE	Encontro de Corais de Teresina
DEA	Departamento de Educação Artística
FECA	Formas de Expressão e Comunicação Artística
FEMACO	Festival Maranhense de Coros
FIC	Formação inicial e continuada
FLOR	Feira Literária de Oeiras
HIVIF	Histórias de Vida em Formação
IDB	Instituto Dom Barreto
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
SEPEM	Seminário Nacional de Pesquisa em Música
TPM	Teoria e Percepção Musical
UE	Unidade Escolar
UFPI	Universidade Federal do Piauí

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>A MÚSICA UMA PRESENÇA CONSTANTE EM MINHA VIDA.....</b>	<b>15</b>
<b>2.1</b>	<b>O ingresso na escola.....</b>	<b>15</b>
<b>2.2</b>	<b>O ensino médio e o início da minha formação musical.....</b>	<b>19</b>
<b>2.3</b>	<b>A perda na família: as incertezas e a decisão pelo curso de música</b>	<b>23</b>
<b>2.4</b>	<b>Os anos na UFPI: 2006 a 2009.....</b>	<b>24</b>
<b>2.5</b>	<b>O Madrigal da UFPI.....</b>	<b>26</b>
<b>2.6</b>	<b>A experiência docente na rede pública estadual e privada.....</b>	<b>32</b>
<b>2.7</b>	<b>A experiência docente no Instituto Federal do Piauí (IFPI).....</b>	<b>39</b>
<b>2.8</b>	<b>As incertezas, o retorno para cidade natal, a aprovação no mestrado e a prática docente em Teresina.....</b>	<b>55</b>
<b>3</b>	<b>ESTABELECENDO O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....</b>	<b>57</b>
<b>3.1</b>	<b>Os caminhos metodológicos da pesquisa.....</b>	<b>57</b>
<b>3.2</b>	<b>Caracterização do lócus e dos participantes da pesquisa.....</b>	<b>61</b>
<b>3.3</b>	<b>Procedimentos metodológicos e instrumentos para coleta de dados.....</b>	<b>64</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>67</b>
<b>4.1</b>	<b>Análise e categorização das respostas.....</b>	<b>67</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>124</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>128</b>
	<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>134</b>
	<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES.....</b>	<b>135</b>



## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por título “História de vida e o *Habitus* docente do curso de música do Instituto Federal do Piauí - Campus Teresina Central”. A temática história de vida se refere à construção de narrativas autobiográficas que permitem explicar as formas como se vivencia e se concebe a própria formação, bem como as relações com as pessoas e com os espaços que possibilitaram essa construção. Trata-se de narrar experiências vivenciadas como uma espécie de releitura na tentativa de procurar a origem dos saberes adquiridos.

Segundo Josso (2004), narrar experiências é listar suas capacidades e competências, visto que a atitude se traduz em instrumento que poderá ser utilizado em contextos de emprego e de formação. Para a autora, "falar das próprias experiências formadoras, é, pois de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que atribui ao que é ‘vivido’". (JOSSO, 2004, p.48)

Santos (2010) concorda, pois afirma que a história de vida se constitui na escrita de si mesmo, em que o indivíduo conta a parte que ele considera importante na sua trajetória, utilizando para tal as narrativas autobiográficas que se configuram como principal meio de informação e de investigação dos sujeitos.

Com efeito, a investigação sobre a trajetória dos sujeitos e a obtenção de informações podem ser feitas oralmente por meio de relatos do narrador, nos quais ele reconstrói sua existência traçando sua linha do tempo e discorre sobre as situações vividas com o propósito de transmitir as experiências adquiridas (SILVA, 2009, p. 22).

No que diz respeito ao *habitus*, ele pode ser entendido como características adquiridas nas múltiplas formas de “pensar, agir, falar, perceber” pelos sujeitos nas diversas esferas sociais e culturais (SILVA, 2009, p.14). O *habitus* está relacionado às experiências construídas ao longo da trajetória de vida que constituem o indivíduo no que ele é.

Para Bourdieu (1989), *habitus* pode ser entendido como um conhecimento prático adquirido, um capital obtido ao longo da trajetória de vida, por um sujeito que age de maneira prática na construção desse conhecimento. Constitui-se em “um

conjunto dos saberes e do saber fazer acumulados em todos os atos do conhecimento” (BOURDIEU, 1989, p.61- 62).

Nesse contexto, a presente pesquisa foi motivada por uma necessidade pessoal e social de buscar fundamentação para iluminar a minha formação e a de meus colegas professores do curso Técnico de Nível Médio em Instrumento Musical na forma concomitante e subsequente<sup>1</sup> do Instituto Federal do Piauí, de modo a proporcionar uma leitura segura sobre a constituição de uma identidade profissional, permitindo identificar saberes, mudanças e permanências na prática docente, bem como compreender o *habitus* docente na sua esfera social e educacional.

Nesse sentido, compete indagar: Como nos tornamos professores de música? De que maneira a trajetória de vida influenciou a escolha pela docência? Como se constitui o *habitus* docente em música?

Através dessas questões norteadoras, definimos como **objetivo geral** da pesquisa: investigar, por meio das histórias de vida, a formação do *habitus* docente dos professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI campus Teresina Central. A proposta é entender em que momento do caminho pudemos nos enxergar e nos reconhecer como professores e desvelar a relação entre as histórias de vida e a formação do *habitus* docente. Para alcançar o objetivo geral, trazemos os seguintes **objetivos específicos**: desmistificar a minha própria trajetória de vida e formação e mostrar meu encontro com o objeto de pesquisa para falar com propriedade sobre os processos formativos dos professores de música do campus Teresina Central; compreender como a relação entre história de vida/formação e a teoria da prática de Pierre Bourdieu contribuem para explicar a formação do *habitus* docente; identificar e analisar através das histórias de vida e formação a constituição do *habitus* docente dos sujeitos entrevistados.

Este trabalho está dividido, além da introdução – em que apresento a problemática, a justificativa, os objetivos da pesquisa e algumas referências –, em

---

<sup>1</sup>No Curso Técnico Nível Médio, na forma Concomitante ao Ensino Médio, os estudantes devem estar cursando a 1ª, 2ª ou 3ª séries do Ensino Médio em estabelecimento de ensino devidamente reconhecido. Na forma Subsequente os estudantes devem ter concluído o Ensino Médio, em estabelecimento de ensino devidamente reconhecido pelo MEC.

FRANCO, Giulya. **Curso técnico integrado, subsequente e concomitante**: qual a diferença? Uol 23 de mar. 2021. Disponível: <https://vestibular.brasilecola.uol.com.br/especial/curso-tecnico-integrado-subsequente-e-concomitante-qual-a-diferenca.htm>. Acesso em: 24 abr. 2022.

capítulos. No capítulo 2: “A música uma presença constante em minha vida”, faço uma imersão em minhas memórias, relatando minha história de vida para entender meu processo de formação e, assim, os processos formativos dos sujeitos da pesquisa. Para Sousa (2006), a história de vida nos leva à compreensão de quem nós somos e das aprendizagens construídas ao longo da nossa trajetória, bem como dos significados que damos aos acontecimentos que perpassam nossa vida individualmente ou coletivamente.

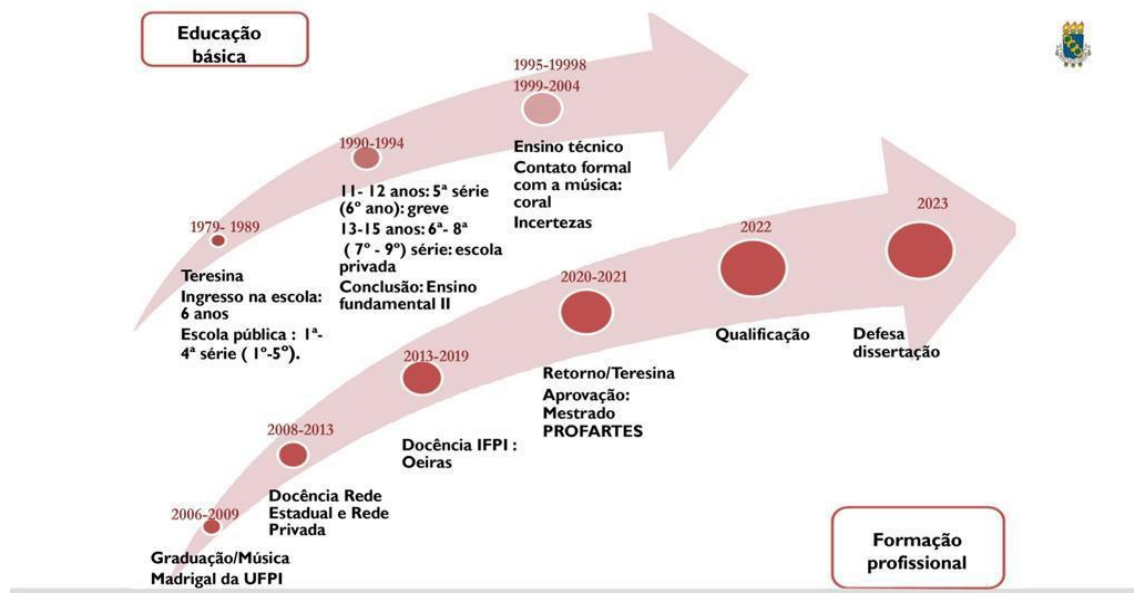
No capítulo 3: “Estabelecendo os caminhos teórico-metodológicos da pesquisa”, é abordada a conexão entre a história de vida/formação e a praxiologia de Bourdieu, bem como a contribuição dessas duas correntes teórico-metodológicas para a compreensão do *habitus* docente. A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa biográfica, tendo como aporte metodológico as histórias de vida e formação com fundamentação em: Josso (2004); Santos e Tuma (2008); Silva (2009); Albuquerque (2012); e Oliveira (2016), e como suporte teórico a Praxiologia de Bourdieu (1989,1998). O capítulo 4: “A análise dos dados da pesquisa”, mostra como o *habitus* docente foi consolidado ao longo do processo formativo dos docentes entrevistados. Por fim, no último capítulo, faço breves considerações sobre o desenvolvimento do *habitus* docente dos entrevistados tendo em vista que, em suas histórias de vida e formação, pudemos perceber um esboço do *habitus* docente, no entanto seu desenvolvimento de fato só acontece no dia a dia de sala de aula.

## **2 A MÚSICA: UMA PRESENÇA CONSTANTE EM MINHA VIDA**

Nesta seção será apresentada minha história de vida, desde minha infância e convivência familiar, passando pelo ingresso na educação básica e no ensino superior até as atividades profissionais. O objetivo é descrever minha trajetória de vida e o meu encontro com o objeto da pesquisa. Trago, por meio das narrativas, a minha história de vida e as experiências profissionais que possibilitaram me tornar quem eu sou hoje. Amparo-me na ideia de capital cultural proposta por Bourdieu (1998), segundo o qual o indivíduo, ao longo do seu caminho, condicionado às condições materiais e sociais nas quais está inserido, pode incorporar esse capital como herança cultural e social, interferindo de forma direta em sua trajetória socioeducativa (OLIVEIRA, 2018, p.20).

Desse modo, apresento a seguir a minha trajetória, compreendida entre o ano de 1979 a 2023.

Figura 1 – Minha trajetória



Fonte: elaborada pela autora (2023).

A partir dessa ideia, apresento na subseção seguinte as minhas experiências em Artes/Música desde a infância até os dias atuais. Descrevo como se deu a minha aprovação na Universidade Federal do Piauí no curso de Licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Música. De modo específico, discorro sobre as experiências musicais durante a graduação. Posteriormente, relato o meu ingresso e atuação como docente nas três etapas da educação básica: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e técnico. O início do ser/ estar professora ocorreu ainda durante o ensino fundamental em uma escola pública do estado do Piauí em que atuei como professora de artes.

Na sequência, descrevo minha prática na educação infantil enquanto educadora musical e professora de flauta doce. Dando prosseguimento, discorro sobre minha atuação no ensino médio e técnico, em que desenvolvi um trabalho musical em canto coral, técnica vocal e ensino de flauta doce nos cursos de extensão e nas aulas de música no ensino médio/integrado ao técnico no Instituto Federal do Piauí Campus Oeiras na cidade de Oeiras - Piauí, e, por fim, relato minha atuação

como professora de música no curso técnico concomitante/subsequente em Instrumento Musical do Instituto Federal do Piauí - Campus Teresina Central.

Contar nossa história de vida e formação se revela de suma importância pois é um processo de autocompreensão, além de ser uma ferramenta na formação de professores, haja vista que é inadmissível que alguém possa se dedicar à formação de outros sem antes refletir profundamente sobre seus processos formativos. Para compreender os processos dos outros, eu preciso primeiro entender como me formei (SANTOS, 2010, p.21 e 22).

## 2.1 O ingresso na escola

Nasci em 21 de março de 1979 na cidade de Teresina, no estado do Piauí. Era a segunda filha de uma família de cinco irmãos. Meu pai José Matos, funcionário público federal no cargo de ascensorista de elevador, cursou o segundo grau completo, hoje correspondente ao ensino médio. Minha mãe Maria de Fátima, do lar, como diziam antigamente, não concluiu os estudos e cursou até a oitava série do ensino fundamental, hoje correspondente ao nono ano. Casou-se muito jovem e preferiu largar os estudos e cuidar dos filhos.

Figura 2 – Minha família (ano de 1997) <sup>2</sup>



Fonte: Arquivo pessoal.

---

<sup>2</sup> No meu lado direito meu pai José Matos e no canto superior direito minha mãe - Maria de Fátima

Como sou a filha do meio, tinha a atenção dividida com os demais irmãos. Não era considerada a mais inteligente, tanto que meu pai se dedicava mais a ensinar a filha mais velha e o meu irmão, único filho homem até então. Não conseguia assimilar os ensinamentos do meu pai rapidamente como meus irmãos e, por diversas vezes, era colocada de escanteio.

No ano de 1985, sem saber ler e escrever, ingressei na escola formal aos seis anos de idade na antiga alfabetização, hoje primeira série do ensino fundamental, em uma pequena escola particular do bairro chamada de Pixote. No primeiro dia na escola a professora fez uma avaliação diagnóstica com todos os alunos, me recordo que a professora pediu que lesse algumas palavras escritas no quadro e, como eu não sabia ler, comecei a chorar e a me sentir constrangida diante de tal situação. Depois disso fui colocada na sala da alfabetização e assim dei início a minha vida escolar.

De 1986 a 1988, estudei na Unidade Escolar (U.E) Felismino Freitas situada no conjunto Mocambinho, onde cursei da primeira à terceira série do Ensino Fundamental. No ano seguinte, tive que ser matriculada em outra escola pois a que eu frequentava não oferecia a quarta série.

Figura 3 – U. E Felismino Freitas



Fonte: arquivo pessoal

Em 1989 fui estudar na Unidade Escolar (U.E) - Pequena Rubim. Fatos marcantes aconteceram comigo: más e boas recordações e até lembranças de travessuras. Lembro-me que não havia carteiras o suficiente na sala de aula para todos os alunos, de modo que se tinha que chegar cedo, antes dos portões abrirem, caso contrário teria que dividir a carteira com outro aluno.

Um dia, cheguei “atrasada” e fui designada para dividir a carteira com um colega, no entanto não gostei, julguei apertado e optei por sentar no chão no fundo da sala para poder “escorar as costas”. Outra recordação que tenho foi de fazer pose para as fotos de formatura, em que nos sentávamos com um livro aberto na nossa frente e a bandeira nacional como pano de fundo. Como estava saindo do ensino fundamental menor para o fundamental maior, eram comuns esses registros indicando o fim de uma fase e o início de outra. Um dia para ficar marcado na memória, no coração e eternizado em um retrato. Assim me despedi dessa fase da minha vida, rumo a uma nova escola que oferecesse o ginásio, correspondente hoje ao Ensino Fundamental II.

Por fim, recordo-me sorridente de uma pequena travessura. Nesse dia, pela ausência dos professores, tivemos aula somente nos primeiros horários. As aulas tinham terminado por volta de 9h30min da manhã e queríamos ir logo para casa, porém o porteiro não queria abrir o portão, tínhamos que esperar o fim do turno, às 11h30min, para poder ir para casa. Como a gente não tinha nada para fazer, ficamos eu e um grupo de colegas perambulando pela escola até que encontramos salas bem recuadas que estavam vazias; uma em especial tinha a janela quebrada, que dava para passar uma criança, então alguém teve a ideia de pular a janela. Um de nós foi primeiro para ver se dava certo, e os demais, inclusive eu, mesmo com medo de ser pega, pularam também. No entanto, o medo de ser descoberta me acompanhou até o outro dia, quando cheguei à escola e descobri que ninguém nos viu. Que alívio!

Figura 4 – CETI- Pequena Rubim<sup>3</sup>

Fonte: arquivo pessoal

No ano de 1990 fui cursar a quinta série na Unidade Escolar (U.E) Alberto Monteiro, nesse ano aconteceu uma greve dos professores, os quais se encontravam em dificuldades financeiras em função do atraso de três meses nos salários, culminando na paralisação das atividades que se estendeu até o fim do primeiro semestre e, conseqüentemente, na perda do ano letivo para todos que estudavam nas escolas públicas estaduais. Isso obrigou a todos a repetir de ano, de modo que só pude concluir a quinta série no ano seguinte, 1991. Diante da situação de instabilidade na educação pública do Piauí e graças ao aumento da renda da família, meu pai decidiu me matricular em uma escola particular, onde estudei da 6<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> série, concluindo assim o ginásio, hoje Ensino Fundamental II.

---

<sup>3</sup> CETI: Centro Estadual de Tempo Integral Pequena Rubim



Figura 5 – U.E Dep. Alberto Monteiro



Fonte: arquivo pessoal.

Sobre o ingresso no ensino médio, descrevo-o no tópico seguinte juntamente com o início da minha trajetória no campo da educação musical.

## 2.2 O ensino médio e o início da minha formação musical

Antes de descrever o meu ingresso no ensino médio e o início da minha trajetória musical de maneira formal, o termo formal pode ser entendido como o contato com uma prática musical dentro de ambiente de educação, numa instituição de ensino. Preciso ressaltar que a música faz parte da minha vida desde muito cedo, ao ouvir minha mãe cantando enquanto estava nos afazeres domésticos e na igreja que frequentava.

No ambiente familiar, gostava de ouvir a minha mãe cantando as músicas da igreja, ficava atenta e posso dizer que ela foi meu primeiro modelo vocal. Já na igreja, meu modelo era o grupo de louvor, gostava de ir à igreja só para ouvi-los. A música fazia parte da minha rotina e eu realizava as atividades domésticas cantando e ouvindo os louvores da igreja, porque não podia escutar “músicas do mundo”<sup>4</sup> dentro

---

<sup>4</sup> Músicas do mundo: refere-se a música produzida fora do ambiente da igreja, é o mesmo que música secular, ou seja, qualquer tipo de composição musical que não tenha cunho religioso.

da minha casa. No entanto, confesso que adorava as músicas seculares internacionais que minha vizinha escutava em “alto e bom som” e que foram sendo reveladas na minha formação musical.

A prática do canto, mesmo que de maneira informal, era uma realidade em minha vida antes mesmo de cantar em um coral ou em grupo de música da igreja, algo que aconteceria anos mais tarde. Imersa nesse ambiente musical, ia sendo estimulada e me tornando cada vez mais sensível à música, mesmo que de maneira inconsciente. Pena (2008) afirma que a sensibilidade à música não é algo mítico ou uma sensibilidade dada, não é fruto da vontade individual ou mesmo um dom inato. Para a autora:

Trata-se na verdade, de uma sensibilidade adquirida, construída num processo -muitas vezes, não consciente- em que as potencialidades de cada indivíduo (sua capacidade de discriminação auditiva, sua emotividade etc.) são trabalhadas e preparadas de modo a reagir ao estímulo musical (PENA, 2008, p. 29).

Diante disso, surgiu o desejo de fazer parte do grupo de louvor da igreja. Como gostava de cantar e queria aperfeiçoar o canto para conquistar a vaga no referido grupo, me interessei em estudar na Escola Técnica porque sabia da existência de um coral na instituição que iria me ajudar a cantar melhor.

Nesse período de ingresso no ensino médio minha família passou por problemas financeiros e meu pai não teve recursos financeiros suficientes para continuar pagando uma escola particular, portanto, ao terminar o Ensino Fundamental II e seguindo a tradição familiar, pois minha irmã já estudava nessa escola, me inscrevi para o processo seletivo da antiga Escola Técnica Federal do Piauí, depois Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí - CEFET-PI e desde 2008 Instituto Federal do Piauí - IFPI, onde consegui ser aprovada para o curso de Saneamento Básico.

Eu já havia planejado que a primeira iniciativa, caso aprovada, seria entrar no grupo de canto coral da instituição, o que de fato aconteceu. Meu primeiro contato formal com a música se deu, portanto, entre 1995 e 1998, época na qual cantei no coral do CEFET-PI, no naipe dos contraltos, sob a direção do professor Frederico Marroquim, meu primeiro regente e hoje professor aposentado da instituição. Um professor alegre, irreverente e amado por todos os coralistas, à frente do seu tempo e que muito contribuiu para o canto coral no estado do Piauí. Como ele diz: “*Foi muito*

*amor pelo canto Coral!*”. Ainda hoje me recordo das canções que cantávamos, como a Sinfonia do Terreiro de padre Luciano Brod e Vira Virou de Kleiton e Kledir, arranjada pelo Pedro José Boésio. Marcaram minha vida durante esse período!

Figura 6 e Figura 7 – Coral do Cefet- PI



Fonte: arquivo pessoal

No coral, fiz muitas amizades. Viajamos e apresentamo-nos em vários lugares. Destaco duas viagens: uma que fizemos para Miguel Alves, uma cidade situada a 117 quilômetros de Teresina- PI, e outra para a cidade de Anápolis, em Goiás, para participar do 11º Encontro Nacional de Coros de Anápolis - ENCOA<sup>5</sup>, onde também fizemos apresentação em igreja local. Foi a primeira vez que eu viajei para fora do estado do Piauí. Foi uma experiência fantástica. Além disso, fizemos apresentações

---

<sup>5</sup> O Encontro Nacional de Coros de Anápolis (ENCOA) retornou suas atividades no ano de 2022, depois de dois anos sem ser realizado presencialmente, devido à pandemia do coronavírus. No mês de outubro aconteceu sua 33ª edição, reunindo coristas, instrumentistas e regentes, com repertórios para todos os estilos. MARINS, Thayza. 33ª edição do Encontro Nacional de Coros Anápolis segue até sábado (8). Maisgoiás, Anápolis 07 out.2020. Disponível em: <https://www.maisgoias.com.br/cidades/anapolis/33o-edicao-do-encontro-nacional-de-coros-anapolis-segue-ate-sabado-8/>. Acesso em: mar. 2023

na própria escola e em eventos na cidade, como no IV Encontro - Encontro de Corais de Teresina, em novembro de 1997.

Figura 8 e Figura 9 – Coral do Cefet – PI em Anápolis



Fonte: arquivo pessoal.

Pertencer ao grupo coral era bastante motivador e, sobretudo, um momento de integração em que pessoas de diferentes contextos sociais estavam unidas para fazer algo novo, construir o conhecimento de si (da sua voz, de cada um, do seu aparelho fonador) para produzir música através do canto coletivo, gerando uma enorme satisfação no fazer artístico e no reconhecimento obtido mediante as apresentações públicas (FUCCI, 2007, p.77).

Em paralelo à experiência do coral e porque adquiri confiança como cantora, me candidatei para entrar no grupo de louvor da igreja. No primeiro momento, não consegui, porque não tinha o pré-requisito necessário: o batismo nas águas. Fiquei triste e desmotivada, mas sentia que era o chamado de Deus para minha vida: cantar!

No ano seguinte, já batizada, entrei no Ministério de Louvor. Para mim, era um privilégio servir ao Senhor com a música, motivo pelo qual passei anos cantando dentro da igreja, sempre acompanhada por uma banda. No altar, em frente à congregação, era o lugar do meu encontro com Deus, lugar de refrigério, de derramar o coração e ser inundada pela sua graça e amor.

### **2.3 A perda na família: as incertezas e a decisão pelo curso de música**

Os anos se passaram e chegou a fase do vestibular. Nessa época, em 1999, quando tive que tomar uma decisão tão importante, meu pai faleceu. Essa perda me afetou enormemente. Fiquei perdida, sem saber o que fazer. Nesse momento, fui orientada por uma pessoa da família, o Padre Antônio Cruz, que financiou minha matrícula num cursinho pré-vestibular, arcando com todas as despesas. Eu estava profundamente entristecida, talvez até mesmo em depressão, e não conseguia me concentrar nas aulas, motivo pelo qual não tive êxito no vestibular de 2000, quando escolhi o curso de Biologia.

No ano seguinte, por uma série de razões, tive que procurar emprego e comecei a trabalhar numa farmácia, como auxiliar administrativa. Fiquei por lá no período de fevereiro a dezembro de 2001. Depois, fui trabalhar numa loja de celulares, onde fiquei até 2004. Nesse mesmo ano, pedi demissão e voltei a estudar. Ingressei novamente no IFPI para o curso de Técnico em Administração. Ao longo desse tempo, tentei várias vezes passar no vestibular, mas não conseguia aprovação. Muito embora empregada e estudando, eu não era feliz. Faltava algo. Sabia que tinha que fazer vestibular e entrar na universidade, pois não queria continuar naquela situação. Era preciso superá-la.

Estimulada por uma amiga, decidi fazer o curso de Licenciatura em Educação Artística (Música), na Universidade Federal do Piauí. Eu gostava de música, queria cantar, queria isso para o resto da minha vida, muito embora estivesse cheia de dúvidas, pois não tinha certeza de que poderia ganhar dinheiro com essa profissão. Segui adiante com o meu propósito, mas não fui aprovada no Teste de Habilidades Específicas, em 2004. No caso da UFPI, o teste era constituído por uma prova de teoria musical e a interpretação de uma música vocal de livre escolha.

“De maneira geral, exige-se, para ingresso no ensino superior de Música, uma prova prática específica além dos tradicionais exames vestibulares. Estes testes de habilidades específicas constituem-se normalmente de uma prova instrumental e/ou vocal e uma prova teórica, que pode incluir aspectos de percepção musical e/ou questões dissertativas”. (PEREIRA, 2012, p.109)

Somente em 2005, passei no referido teste, ingressando finalmente na UFPI no primeiro semestre de 2006, fato que gerou em mim o sentimento de alegria pela vitória conquistada, além da expectativa do que viria acontecer na minha trajetória

acadêmica. No parágrafo seguinte, descrevo as experiências mais significativas ao longo do meu processo formativo na educação superior.

#### 2.4 Os anos na UFPI: 2006 a 2009

Superado o vestibular, iniciei a graduação em Educação Artística (Música), em 2006, na Universidade Federal do Piauí. Me sentia uma vencedora. Dentro do curso, havia as disciplinas específicas da área e aquelas mais gerais, voltadas para a Educação Artística. Jamais vou esquecer da Sala 450. Era nela que as aulas do Professor Paulo Libório<sup>6</sup>, da disciplina Estética e Teorias da Arte, aconteciam. Ele nos fazia viajar naqueles encontros, com sua filosofia e modo de ser. Das disciplinas de Artes, esta era a que eu mais gostava.

Figura 10 – Sala 450 UFPI



Fonte: arquivo pessoal

Como eu tinha saído do emprego e precisava ganhar dinheiro, candidatei-me para ser monitora. Consegui a bolsa remunerada no primeiro e segundo semestres

---

<sup>6</sup> Paulo Libório, hoje professor aposentado da Universidade Federal do Piauí, trabalhou no Departamento de Licenciatura em Educação Artística nos De 1979 a 2014 ministrando as disciplinas: Estética; História da Arte e Artes Cênicas.

de 2007, na disciplina Formas de Expressão e Comunicação Artística (FECA), ministrada pela professora Lúcia de Fátima Araújo e Silva Couto<sup>7</sup>.

No currículo do curso de música, tínhamos aulas de Teoria e Percepção Musical (TPM). O professor dessa disciplina era Vladimir Silva<sup>8</sup>, muito competente, dedicado e recém-chegado do doutorado nos Estados Unidos. Por ser bastante rígido, os alunos fugiam de suas aulas. O que era espanto para uns, para mim era motivação. Queria aprender com o melhor professor do Departamento. Matriculei-me, então, na disciplina. As aulas eram no período da tarde. Eu chegava cedo, meia hora antes do horário marcado. Se você não estivesse no momento esperado, ficaria de fora, porque o professor tinha o hábito de trancar a porta e não deixar mais nenhum aluno entrar.

TPM era um grande desafio para mim. Um dos mais difíceis, pois cheguei à universidade sem muito conhecimento teórico musical. Fiz o exame final nesta disciplina e, com muita dedicação e estudo, consegui ser aprovada. Harmonia foi outro desafio e, com a ajuda de amigos e grupos de estudos, consegui êxito. A minha prática instrumental foi em Canto, ministrada pela professora Déborah Moraes<sup>9</sup>. Como a experiência era pouca, mais uma vez tive que me superar. Apesar das dificuldades, gostava da disciplina, mas a minha paixão sempre foi cantar em coro. Queria aprender mais, então julguei necessário aprender piano para auxiliar no ensino do Canto. Por isso, me matriculei no curso de extensão denominado Piano em Grupo, no período de

---

<sup>7</sup> Lúcia de Fátima Araújo e Silva Couto tem mestrado em: O teatro de bonecos na educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Especialista em dança folclórica, Recursos audiovisuais e Teatro de Bonecos. Graduada em Comunicação Social na habilitação de Jornalismo, Publicidade e Tele Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora do Departamento de Artes da Universidade Federal do Piauí, desde março de 1979, ministrando as disciplinas: O Teatro de Formas Animadas, Encenação e Cenografia e também Fundamentos da Expressão e Comunicação Humana.

<sup>8</sup> Vladimir Silva é doutor em Música pela Louisiana State University, tem atuado como solista (Tenor), regente e professor convidado no Brasil, Europa e América do Norte. Foi professor da UFPI nos anos 1993 a 2008. Atualmente, é professor em cursos de graduação (UFCEG) e pós-graduação (Mestrado em Música UFPB), Diretor Artístico do Festival Internacional de Música de Campina Grande, regente do Coro de Câmara de Campina Grande e presidente da Associação Brasileira de Regentes de Coros - ABRACO.

<sup>9</sup> Déborah Oliveira, doutora em Música - Estudos em Performance - pela Universidade de Aveiro, Portugal (2016) com Mestrado em Música - Vocal Performance - por The Boston Conservatory, Estados Unidos da América (1997) e Bacharelado em Música - Canto - pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. É professora adjunta do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Piauí, membro do Núcleo de Pesquisa em Música da mesma instituição (NUPEMUS) e Colaboradora do Instituto de Etnomusicologia - Centro de Estudos em Música e Dança (INET-md Aveiro - Portugal)

setembro de 2007 a janeiro de 2008, coordenado pela professora Bruna Vieira<sup>10</sup>. Sentia-me muito realizada ao tocar aquele instrumento. Cada nota era uma conquista.

Figura 11 – 1º Recital de Canto: 2007



Figura 12 – 1º Recital de Canto: 2007



Fonte: arquivo pessoal.

## 2.5 O Madrigal da UFPI

Em 2007, abriram as inscrições para o Madrigal da UFPI, um coro universitário com participantes da comunidade externa à UFPI. Como sempre amei cantar em coral, fiz logo a minha inscrição e fui aprovada. O aprendizado foi muito mais significativo, com a teoria colocada em prática. Lá, eu aprendi a cantar no tempo e afinado e a solfejar, utilizando o Método Dó Móvel<sup>11</sup>. Esse método era desconhecido para a maioria dos músicos e dos alunos do Departamento de Música da UFPI. Foi

<sup>10</sup> Professora Bruna Vieira é doutora em Música/Ensino do Instrumento pela Universidade de Aveiro (Portugal), mestre em Práticas Interpretativas (Piano) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Bacharel em Música com Habilitação em Piano pela mesma instituição e Licenciada em Educação Artística com Habilitação em Música (ênfase instrumental Piano) pela Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente, é coordenadora do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Piauí, integrando o quadro de professores efetivos desde 2005.

<sup>11</sup> Dó móvel é um sistema para a prática do solfejo melódico, que consiste em compreender a nota dó – nomenclatura dada para um som central, a partir da função que exerce perante uma possível estrutura diatônica. Dó como tônica, não como altura. MARCONDES, João. O que é dó móvel. **Blog Sousa Lima**, São Paulo, 04 maio 2022. Disponível em: <https://www.blogsouzalima.com.br/o-que-e-do-movel/>. Acesso em 10 jul.2022.



uma revolução, na época. Muitos não gostaram, outros o aprovaram. Eu, particularmente, gostei, pois queria aprender a solfejar e estava aberta ao conhecimento.

Os ensaios do Madrigal aconteciam três vezes por semana, totalizando 06 horas de ensaio. Não perdia um ensaio, porque quem faltasse a dois encontros seria excluído do grupo. Em cada encontro, havia sempre um novo aprendizado. Como me sentia feliz. Não piscava o olho e queria aprender mais e mais. No Madrigal, tudo era uma novidade, aprendemos a cantar decifrando uma partitura e a teoria musical estava em conexão com o repertório, assim como as aulas de técnica vocal e solfejo. Quando comecei a entender uma partitura e a ler o que estava escrito, e, sobretudo a cantar, não me contive de alegria.

A estreia como cantora do Madrigal foi no dia 18 de abril de 2007, uma data que está na minha memória. Na oportunidade, cantamos o *Gloria*, de Vivaldi<sup>12</sup>, no auditório do DEA - Departamento de Educação Artística. Que dia fantástico! Esse momento foi tão marcante, que o colocava como senha nos meus e-mails. Ficou impregnado em meu coração. Aliás, todos os anos no Madrigal da UFPI foram inesquecíveis, motivo pelo qual divido a minha vida entre antes e após o Madrigal. Nos ensaios, tudo fazia sentido para mim. Tudo aquilo que eu via em sala de aula se concretizava nos ensaios. Eu queria ser como o meu professor, ensinar as pessoas a ler música e a cantar. Observa-se aqui a aquisição do *habitus*, à medida que ia convivendo com o grupo, meu modo de “pensar, de agir, falar, perceber” ia sendo construído ao ponto de querer imitar, meu professor. Para Bourdieu, as atitudes e comportamentos do indivíduo estão subordinados ao convívio social; desse modo “os gostos mais íntimos, as preferências, as aptidões, as posturas corporais, a entonação de voz, às aspirações relativas ao futuro profissional, tudo seria socialmente constituído” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 19).

---

<sup>12</sup> O *Gloria*, RV 589, uma das obras mais populares de Antonio Vivaldi, foi composta em 1715, para o coro e orquestra do "Ospedale della Pietà". É um hino de louvor e adoração, dividido em doze movimentos relativamente breves que vão do brilho festivo à tristeza e contrição. SIFFERT, Carlos. **Vivaldi - Gloria** Clássicos dos Clássicos, 2023. Disponível: <https://classicosdosclassicos.mus.br/obras/vivaldi-gloria/>. Acesso em 22 fev.2023.

Figura 13 – Madrigal da UFPI - estreia do Glória de Vivaldi



Fonte: arquivo pessoal

Dentro do Madrigal, havia dois grupos: o Coro Masculino e o Coro Feminino. Fizemos viagens incríveis, nos apresentando nesses três formatos, dentre elas destacamos Maceió-AL, em novembro de 2007 (IX Nordeste Cantat – Internacional Choir Festival), e São Luís-MA (32º Femaco - Festival Brasileiro de Canto Coral no Maranhão), outubro de 2008, tal atividade foi muito marcante, pois fomos aplaudidos de pé quando terminamos de cantar *Les Chant des Oyseaux*<sup>13</sup>, uma renascença de Clement Janequin. Na ocasião, ainda se ouviu na plateia um sonoro “Eita Piauí pesado!”<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> LE CHANT DES OISEAUX é a sua obra mais conhecida e considerada uma das mais desafiadoras do repertório coral. A canção convida o ouvinte a despertar para ouvir o canto do pássaro-preto, do rouxinol e do cuco, já que o inverno passou e a primavera chegou a primavera, época de amar e ser feliz. Escrita em estrofes, a cada uma delas Janequin intercala o texto com efeitos utilizando palavras em francês que imitam o som dos pássaros. ACADEMIA DE CONCERTO. **O canto dos pássaros**. São Paulo, 26 de jul. 2015. Facebook: Academia Concerto. Disponível em: <https://www.facebook.com/AcademiaConcerto/posts/1123980220950587/>. Acesso em 12 abr. 2023.

<sup>14</sup> Expressão utilizada para designar que algo ou alguém é da melhor qualidade, que se sobressai em relação aos demais, que executa com excelência aquilo que se propõe a executar. Nota de rodapé da autora.

Figura 14 – IX Nordeste Cantat



Figura 15 – IX Nordeste Cantat



Fonte: arquivo pessoal

Figura 16 – 32º Femaco - São Luís



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=FRx\\_djtMI8Y](https://www.youtube.com/watch?v=FRx_djtMI8Y)

Depois, fomos, em dezembro de 2008, para Campina Grande, onde interpretamos a *Missa nº 2*, em Sol Maior, de Schubert<sup>15</sup> juntamente com o Coro

---

<sup>15</sup> “Missa Nº 2, em Sol Maior de Schubert: composta em 1815 é uma obra para solistas, coro misto e orquestra de cordas, escrita em apenas cinco dias, teve que ser adaptada por uma regra do imperador Joseph II, que não permitia missas com um grande efetivo instrumental. COSTA, Rafael Rodrigues. **Gazeta do Povo**. Um mergulho na vida e na morte de Franz Schubert. 22 mai.2013. Disponível

Encanto e a Camerata Brasília da Universidade Federal de Campina - UFCG. Cada repertório era um novo desafio e muita aprendizagem. Nunca havia cantado em francês, muito menos em latim. Isso tudo era motivador. Além dessas apresentações, também cantamos no 14º e 15º Encontro de Corais de Teresina em setembro de 2007 e setembro de 2008 respectivamente.

Figura 17 – Coro Feminino



Figura 18 – Coro Masculino



Fonte: arquivo pessoal

Em de outubro de 2008, o Coro Feminino fez um programa especial só para as crianças, um lindo recital, intercalando música e poesia. Além desse recital, houve as cantatas natalinas que o coral promoveu, na casa dos seus participantes. Eram uma agradável surpresa para as famílias que nos recebiam e para nós, cantores.

Figura 19 – Coro Feminino UFPI - Recital Infantil/2008



Fonte: arquivo pessoal

Em janeiro de 2009, fizemos o nosso último concerto com o Madrigal da UFPI junto à Orquestra Sinfônica de Campina Grande. Cantamos nas igrejas de Teresina Paróquia Nossa Senhora de Fátima e Igreja das Dores e na Catedral de Santo Antônio em Campo Maior, uma cidade situada a 83 km da capital. Foi um momento de despedida do nosso regente, que estava nos deixando e retornando para sua cidade natal, Campina Grande. Foi um misto de alegria e choro: alegria por estar cantando; choro, porque ficamos “órfãos” em vida. A minha experiência no Madrigal foi incomparável. Até hoje, sinto saudades dos ensaios, das apresentações, dos amigos que fiz no coral. Lembro-me do que nós cantávamos, por exemplo, *Dirait-on*, de Rainer Maria Rilke e Morten Lauridsen<sup>16</sup>, e *Amor de mi alma*, de Garcilaso de la Vega e Z. Randall Stroope<sup>17</sup>. Às vezes, pego-me visitando o passado, cantarolando essas

<sup>16</sup> *Dirait-on*, de Rainer Maria Rilke e Morten Lauridsen: essa peça é a última música de um ciclo de 5 canções do compositor americano Morten Lauridsen chamada “Les Chansons des Roses” escrito sobre os poemas do poeta alemão Rainer Maria Rilke, que aborda o sentimento de “dar amor e não o receber de volta”. GIROTTTO, Augusto. **Ginásio musical**. Morten Lauridsen- Dirait-on. 24 jan.2016.Disponível em: <https://ginasiomusical.blogspot.com/2016/01/morten-lauridsen-dirait-on.html>. Acesso em 14 abril.2023.

<sup>17</sup> *Amor de mi alma*, de Garcilaso de la Vega e Z. Randall Stroope: esta obra compõe o ciclo coral - Quatro Sonetos de Garcilaso e baseia-se na poesia do poeta espanhol, Garcilaso de la Vega (1501-1536). Amor de mi alma é uma bela canção de amor em forma ABA, que tem todo o sabor melódico

canções, revendo fotos e vídeos e chego a ficar com os olhos marejados. Nunca mais fui a mesma pessoa, pois essa foi uma experiência transformadora através da música.

Figura 20 – Recital de despedida



Figura 21 – Final do recital



Fonte: arquivo pessoal

## 2.6 A experiência docente na rede pública estadual e privada

A minha experiência docente começa no ensino fundamental, como professora substituta, de 2008 a 2009, na rede pública estadual do Piauí com alunos de quinta a oitava série, hoje do sexto ao nono ano. No ano seguinte, 2010, me tornei professora efetiva da mesma rede, atuando nas mesmas séries. Nesse contexto, embora formada em Educação Artística com habilitação em Música, não priorizei o ensino de música. Entre os motivos estavam questões estruturais como a falta de uma sala adequada e ausência de instrumentos musicais; a falta de confiança, pois nunca tinha entrado em uma sala de aula na condição de professora de música e não me sentia segura para trabalhar com esse público. Diante de tal cenário, me senti na obrigação de ministrar aulas de artes visuais, porque, além de ser uma linguagem mais acessível, demandava poucos recursos. Naquele contexto, julguei que o mais “fácil e

---

típico de gêneros lentos latino-americanos, como o bolero, a toada ou a milonga. A melodia é dividida entre o contralto e o soprano, enquanto as vozes masculinas movem progressões harmônicas em ritmo lento. VIEIRA, Carlos Eduardo. Vídeos do meu recital com a University Singers da Universidade do Alabama. **Por mais canto coral**. Tuscaloosa/AL, jan. 2015. Disponível em: <http://pormaiscantocoral.blogspot.com/>. Acesso em: 18 abr. 2023.

prático” seria abordar essa linguagem como ponto de partida

O ensino de Artes, em especial Artes Visuais, era demasiadamente desafiador para mim. Minha preocupação, a princípio, era aprender a ensinar artes porque, mesmo habilitada em Educação Artística e tendo estudado algumas cadeiras voltadas para o ensino de Artes na universidade, ainda não me sentia preparada para tal ofício.

Chegando na escola, me deparei com uma realidade que ouvi durante a graduação dos colegas que já atuavam nas escolas: professores que não eram formados, mas que, pra preencher a carga horária, lecionavam artes, escolas sem estrutura, ausência de livro didático, alunos indisciplinados e desmotivados, pois a disciplina Artes não era reprovativa, servia apenas pra “encher linguiça”, tendo como papel principal a realização de atividades, respaldada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), de nº 5.692, 11 de agosto de 1971 que, ao instituir a obrigatoriedade do ensino de arte nos currículos das escolas de 1º e 2º graus, legitimou o ensino de arte como atividade (SILVA; ARAÚJO, 2007). Para os autores:

a referida lei, no campo do ensino de arte, caracterizou-se como uma ação não planejada. As atividades era somente para cumprir formalidades, ocupar horários, sendo ministrada por professores de áreas que não compreendia o significado da Arte na educação. (SILVA; ARAÚJO, 2007, p. 10)

As aulas aconteciam uma vez por semana, com duração de cinquenta minutos. Não havia nenhum tipo de capacitação específica para os docentes, ocorriam somente os encontros pedagógicos, que eram bastante gerais e centrados nas metodologias de ensino, o processo de ensino/aprendizagem, as avaliações, dentre outros. A ausência de um encontro específico me fez recorrer a amigos professores de artes a fim de obter ajuda e conselhos de como proceder nessa etapa de ensino. A escola não fornecia livros didáticos nem para os alunos e muito menos para o professor, portanto tive de adquirir por conta própria uma coleção de livros chamado de Projeto Radix e o livro História da arte da Graça Proença. Minha prática se norteava num misto entre a concepção de Ensino da Arte como Técnica – Tendência Pré-Modernista – e concepção de Ensino da Arte como Expressão e também como Atividade – Tendência Modernista.

A metodologia utilizada nas aulas se resumia a desenhos livres, desenhos abstratos, desenho de observação, recorte e colagens, história da arte, confecção de mosaicos, reaproveitamento de material de sucata para confecção de objetos

decorativos entre outras atividades. Era uma prática totalmente voltada para o controle dos alunos, minha práxis docente centrava-se em manter a ordem na sala, o que conseguia quando os submetia a trabalhos manuais. Não refletia sobre a importância da Arte, seus benefícios e nem os induzia a pensar sobre o processo criativo. Nesse sentido, as aulas eram baseadas nas tendências pré-modernistas – o ensino da arte como técnica, ou seja, em pleno século XXI me via imersa em uma prática de ensino tradicional em que a arte é vista como um “acessório”. Segundo Silva e Araújo (2007), essa concepção de ensino de arte no Brasil perdurou por quatro séculos, no entanto ainda hoje ela se encontra em muitas práticas escolares.

[...] essa concepção de ensino não ficou restrita apenas a esse período histórico, pois, ainda hoje encontramos nas práticas escolares essa concepção de ensino de arte, que vem se manifestando através do ensino do desenho, do ensino do desenho geométrico, do ensino dos elementos da linguagem visual, descontextualizada da obra de arte; na produção de artefatos, utilizando-se de elementos artísticos para a sua composição; na pintura de desenhos e figuras mimeografadas. (SILVA; ARAÚJO, 2007, p. 5).

Figura 22 – Decoração de Natal com material de sucata



Fonte: arquivo pessoal

Nas aulas também procurava considerar a expressão de cada aluno, diversas atividades eram realizadas de forma livre sem “intervenção e/ou mediação” do



professor. Outra questão importante a destacar na minha prática era a inabilidade para trabalhar as linguagens dança e teatro, portanto, o foco era sempre o ensino das artes visuais. Para Cunha (2012, p.13),

A falta de definições para trabalhar as diferentes modalidades artísticas também está presente na queixa de muitos profissionais da área, que acabam explorando mais o campo das artes visuais e deixando de lado as modalidades: teatro, música e dança”. (CUNHA, 2012, p. 13)

As linguagens teatro e dança não faziam parte do planejamento; tais manifestações artísticas aconteciam por iniciativas dos alunos, que se organizam para apresentações em festividade da escola como festa das mães, aniversário da escola, entre outras.

Sobre o ensino de música, como citado anteriormente, trabalhei alguns assuntos focando mais na abordagem teórica. Alguns conteúdos ministrados eram: história da música, parâmetros sonoros e, em raros momentos, a percepção do som e a exploração de ritmos em compasso simples com o binário ou quaternário.

Em 2010, fui convidada para ministrar aula de musicalização infantil numa escola particular de Teresina, o Instituto Dom Barreto (IDB), para crianças de 03 a 05 anos de idade e de flauta doce para crianças a partir dos 06 anos. Diante dessa nova realidade, a única certeza que tinha era que deveria ensinar música de forma lúdica tendo como ferramenta principal o canto e a flauta doce no processo de musicalização infantil.

Antes de iniciar minhas práticas, precisava compreender o universo da educação infantil e a inserção da música nesse contexto. Para me preparar para aulas de educação musical fui me apropriando da leitura de artigos e livros na área da educação musical escritos pelos seguintes educadores musicais: Cecília Cavalieri, Thelma Chan, Zimmerman, Beatriz Ilari, Keith Swanick, Vânia Ranucci Annunziato, Maura Penna, entre outros. Com base nesses autores, a proposta era trabalhar os parâmetros sonoros de forma divertida, sempre utilizando o canto como ferramenta pois este se configura como o primeiro instrumento de cada indivíduo. “As crianças têm acesso ao canto antes mesmo de desenvolver a fala, por isso o canto pode ser considerado a mais completa forma de manifestação musical. (MÁRSICO, 1982, p. 35 apud EGG, 2011, p.406). O objetivo era sensibilizá-los ao fenômeno musical,

inserindo-os num processo de educação musical, além de prepará-los para as apresentações artísticas da escola.

A experiência no Dom Barreto foi bastante enriquecedora, sentia-me realizada. Estava na minha área, ensinando música e até minha carteira profissional foi assinada como professora de música. Eu era, agora, professora de música! Uma grande conquista! Tudo o que sempre sonhara. No IDB, nossos encontros aconteciam uma vez por semana com duração de trinta minutos. Eu ensinava as propriedades sonoras e percepção musical utilizando como ferramenta jogos e brincadeiras musicais, sendo bem aceita pelas crianças e coordenação pedagógica. As crianças amavam! Destaco, nas aulas, a presença de um companheiro, um violão, denominado por mim de João Sebastião, em homenagem a Johann Sebastian Bach. Levava-o para a sala de aula, e as crianças interagiam como se ele fosse uma pessoa real. Em todos os encontros, as crianças sempre desejavam participar das brincadeiras musicais e explorar os instrumentos musicais, incluindo o bom João Sebastião.

Figura 23 – Aula de música na educação infantil - IDB



Fonte: arquivo pessoal

Com relação à flauta doce, estava diante de um novo desafio: aprender a tocar esse instrumento e ser capaz de ensinar o básico. A meta não era fazer do aluno um instrumentista, mas permitir o acesso a uma educação musical, bem como promover

equilíbrio físico, emocional e social. Sobre o ensino de flauta doce na educação infantil, Campos e Kaiser (2018) afirmam que: “[...] o processo de musicalização infantil não necessariamente pretende que a criança seja um músico, nem muito menos engessá-la em apenas uma vertente musical; mas, ampliar sua visão de mundo, conhecimento cultural, estimular aspectos psicológicos e sociais, podendo promover uma experiência ímpar para o aluno” (CAMPOS; KAISER. 2018, p. 02).

Seguindo as sugestões do professor da graduação que me convidou para trabalhar na referida escola, tive contato com os métodos Frank<sup>18</sup>, Monkemeyer<sup>19</sup>, Mascarenhas<sup>20</sup>, entre outros, e assim iniciei meu processo de aprendizado em flauta doce a fim de ser capaz de ensinar o básico. Decorrido esse processo de capacitação, aprendi a manusear e a tocar a flauta.

Figura 24 – Turma Flauta de Voz/ 2012- IDB



Fonte: arquivo pessoal

As aulas de flauta doce duravam sessenta minutos e aconteciam duas vezes por semana em dias alternados. No processo de ensino e aprendizagem ensinamos

<sup>18</sup> FRANK, Isolde Mohr. **Método de Flauta-doce soprano**. Porto Alegre: Ricordi, 1976;

<sup>19</sup> MÖNKEMEYER, Helmut. **Método para flauta doce soprano**. São Paulo: Ricordi, 1985

<sup>20</sup> MASCARENHAS, Mário. **Meu doce flauta doce**. 2. volume. São Paulo: Irmão Vitale, 1977

os princípios básicos do instrumento, como manuseio; dedilhado das notas da mão esquerda e da mão direita; primeira oitava; postura; respiração, sopro, emissão e controle da afinação, relaxamento; expressão, dinâmica e articulação “tu”; e leitura musical voltada para o repertório que poderia ser de músicas escritas para flauta doce ou adaptadas do cancionário tradicional. Havia também os ensaios de músicas religiosas para apresentação na coroação de Maria, que aconteciam no mês de maio, pois a escola tinha tradição católica, e no fim do semestre havia os ensaios centrados na temática do Natal.

Figura 25 – Coroação de Maria, 31/10/2012



Fonte: arquivo pessoal

Nossa experiência no Instituto Dom Barreto resultou em um relato de experiência em parceria com a professora Patrícia Paixão, uma amiga de trabalho. O artigo foi publicado no XIII SEPEN: Seminário Nacional de Pesquisa em Música da UFG, em outubro de 2013, intitulado *A educação musical no contexto escolar: um relato de experiência no instituto Dom Barreto na cidade de Teresina Piauí* (SILVA, CRUZ, PAIXÃO, 2013). O relato descreve o trabalho desenvolvido na instituição, a metodologia, os resultados obtidos e a conclusão, atestando o crescente reconhecimento entre todos os segmentos da escola, incluindo professores, pais,

coordenadores e diretores, da Música como área e ferramenta fundamental no desenvolvimento da criança.

Nesse mesmo ano, encerrei minha trajetória docente no Instituto Dom Barreto, ficando a imensa saudade e o sentimento de gratidão por ter plantado a música no coração desses pequeninos. Assim me despedi e ingressei no serviço público federal como professora do Instituto Federal do Piauí, fato que relato no tópico seguinte.

Figura 26 – Último dia de aula - Infantil II (2013)



Fonte: arquivo pessoal

## 2.7. A experiência docente no Instituto Federal do Piauí (IFPI)

Meu ingresso no Ensino Técnico e Tecnológico aconteceu em agosto de 2013, quando tomei posse no concurso público para trabalhar no Instituto Federal do Piauí - IFPI na cidade de Oeiras, situada a 280 quilômetros da capital do estado do Piauí, Teresina. Assim como muitos Institutos Federais - IFs no estado, o de Oeiras estava em fase de implantação. O *campus* estava sendo inaugurado nesse mesmo ano e ainda possuía pendências estruturais, como ausência de laboratórios e ar-condicionado, e também ausência de alunos regularmente matriculados. O pessoal humano do Campus Oeiras se limitava a poucos servidores, no total de seis professores, um diretor geral e um diretor de ensino. Em reunião com a equipe, a

direção nos orientou que deveríamos começar nossas atividades docentes com a elaboração e implementação de projetos dentro da nossa área de atuação voltados para a comunidade, os cursos de extensão, com o propósito de atrair alunos para o campus.

Seguindo a recomendação da direção, optamos por ofertar um curso que alcançasse a comunidade em geral com a proposta de educação musical através do canto coral. Assim, de novembro de 2013 a junho de 2014 realizamos o primeiro curso de extensão do Campus Oeiras, intitulado: *Curso de Canto Coral e Teoria Musical*. Era chegada a hora de colocar em prática os conhecimentos adquiridos durante a licenciatura e no extinto Madrigal da Universidade Federal do Piauí-UFPI, um projeto extensionista de canto coral realizado pela universidade. Nesse projeto, aprendi a ler música, solfejar, “a cantar no tempo e afinado”, bem como a técnica vocal. Por considerar esse modelo de prática coral o ideal, decidi replicá-lo em minha prática docente. O objetivo principal era tornar aquele espaço um local de aprendizado musical, no qual o aluno pudesse aprender: leitura musical, solfejo<sup>21</sup>, elementos básicos da teoria musical, os cuidados com a voz e a técnica vocal. A proposta era que a teoria musical andasse em conexão com o repertório, tendo como culminância um recital para encerramento do curso.

Figura 27 – Aula inaugural Canto Coral /Teoria Musical - 2013



Fonte: arquivo pessoal

---

<sup>21</sup> Solfejo: cantar o nome das notas na sua altura e ritmo correspondente

O primeiro curso de extensão do *campus* foi o meu, realizado de novembro de 2013 a junho de 2014. Esse era o momento de partilhar todo o aprendizado adquirido na universidade e no Madrigal da UFPI. O trabalho foi exitoso, contamos com a participação de 14 alunos oriundos da comunidade. No decorrer do curso, realizamos duas apresentações, sendo uma no aniversário do *campus* e a outra ao término do semestre, no Cine Teatro da cidade. Tendo em vista o sucesso da nossa ação, repetimos o projeto nos anos seguintes. Como em 2015 dei à luz a minha primeira filha, afastei-me das atividades, retornando em novembro daquele mesmo ano.

Figura 28 – 1º aniversário do Campus Oeiras



Fonte: arquivo pessoal

Figura 29 – Turma Canto Coral



Figura 30 – Recital de encerramento



Fonte: arquivo pessoal

Figura 31 – Ensaio no refeitório: Canto Coral / Teoria Musical, 2015



Fonte: arquivo pessoal

Figura 32 – Apresentação: Evento / Pronatec, 2015



Fonte: arquivo pessoal

Em 2016, de volta às atividades, decidimos institucionalizar o coral, considerando que os dois primeiros projetos foram bem-sucedidos. Batizamos o grupo como Coral Serenata, em homenagem a Possidônio de Queiroz, um compositor



autodidata da cidade de Oeiras, com vasta produção, incluindo uma valsa chamada de Serenata, composta em 1939. No mesmo ano, realizamos um recital no Cine Teatro com a participação do filho de Possidônio Queiroz, Francisco de Assis Ribeiro de Queiroz, abrilhantando nosso evento ao tocar sua flauta transversal na companhia de um grupo de músicos: Bandolim de Oeiras e Novo. Esse acontecimento rendeu uma reportagem no Mural da Vila, um site de jornalismo da cidade. Nessa matéria, a jornalista diz que “a música volta a reviver em Oeiras por intermédio do IFPI, que trabalha o ensino da música como uma atividade de extensão, uma atividade que sempre foi presente na vida dos oeirenses.”<sup>22</sup> Esse fato foi recompensador, porque estávamos recebendo o reconhecimento da população, conectando a academia à comunidade. Além disso, sabíamos o valor da iniciativa para o município, que foi a primeira capital do Piauí.

Figura 33 – Francisco Queiroz e os Bandolins e Novo Bandolins de Oeiras



Fonte: arquivo pessoal

---

<sup>22</sup> Segundo informações dadas pelo editor do jornal, em 2018 houve uma invasão no portal, e várias matérias e fotos de diferentes anos foram apagadas, incluindo a matéria citada no texto.

Figura 34 e Figura 35 – Coral recebe o nome de Coral Serenata: 2016



Fonte: arquivo pessoal

Figura 36 – Coral Serenata, Francisco Queiroz, Bandolins e Novo Bandolins de Oeiras

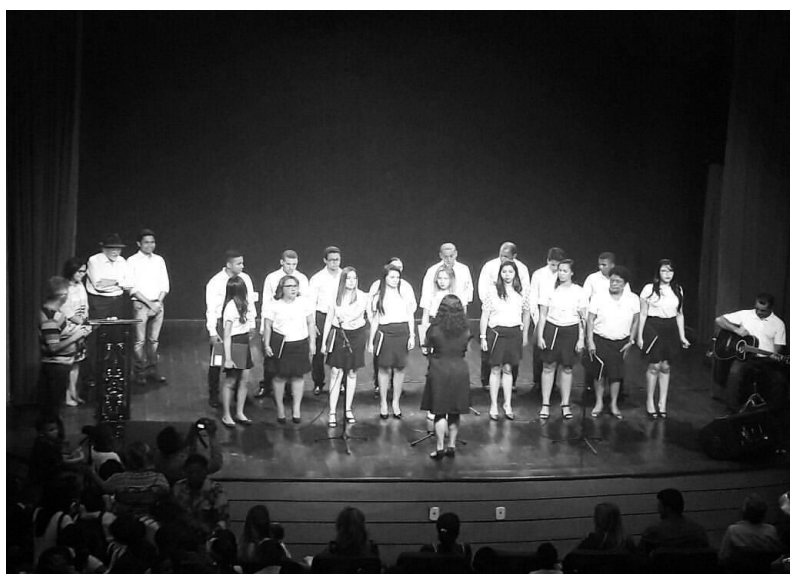


Fonte: arquivo pessoal

Depois dessa experiência, fomos chamados para várias apresentações na cidade, dentre as quais aquelas organizadas pelo Governo Estadual e Municipal, bem como para o Rotary Club. Um destaque foi a nossa presença no XI Festival de Cultura de Oeiras e IV Feira Literária de Oeiras (FLOR), uma das maiores da região.

Em setembro de 2016, aconteceu nossa primeira viagem institucional com o grupo para uma apresentação na cidade de Pedro Segundo, na Primeira Mostra Musical do IFPI, evento que reunia todos os *campis*, para exposições, apresentações culturais, cursos, oficinas, dentre outras atividades para a comunidade. Nessa ocasião, ministrei uma oficina de técnica vocal para cantores profissionais e amadores.

Figura 37– IV Feira Literária de Oeiras (FLOR)



Fonte: arquivo pessoal

Figura 38 – Coral Serenata em Pedro II - PI



Fonte: arquivo pessoal

Em dezembro, continuamos as apresentações, agora centradas em repertório natalino, nas igrejas católicas da cidade como a Matriz Nossa Senhora da Vitória, Igreja do Rosário e Paróquia Sagrada Família, bem como na abertura do Natal da cidade em frente à prefeitura de Oeiras, tendo grande aceitação do público.

Figura 39 – Cartaz

Figura 40 – Abertura do natal da cidade



Fonte: arquivo pessoal

Figura 41 – Coral Serenata em frente à Igreja Nossa Senhora da Vitória



Fonte: arquivo pessoal

Dando prosseguimento às ações educativas, no mesmo ano iniciei o projeto Doce Som, um projeto de extensão de educação musical através da flauta doce, por meio do ensino coletivo, cujo objetivo era utilizar esse instrumento como ferramenta de musicalização para crianças na idade de 07 a 10 anos. Os alunos vieram principalmente de uma escola particular e também filhos de servidores, algo em torno de dez crianças. A culminância do projeto aconteceu no final do semestre na igreja matriz da cidade, Nossa Senhora da Vitória, e na Paróquia Sagrada Família, executando um repertório natalino.

Figura 42 – Aula inaugural - Doce Som / 2016



Fonte: arquivo pessoal

Figura 43 – Recital de Natal na Igreja Nossa Senhora da Vitória



Fonte: arquivo pessoal

No ano de 2017, prossegui com o projeto de flauta doce Som e paralelamente abri uma nova turma, porém com outro público. A meta era trabalhar com alunos em situação de vulnerabilidade social que residiam no bairro Uberaba, local onde o campus fica situado. Tal como o primeiro projeto de flauta, o objetivo principal era o ensino coletivo de música através da flauta doce com conceitos elementares da música, percepção musical, manuseio e execução do instrumento e a interpretação de repertório do cancionário popular e/ou adaptado para flauta doce. Essa foi uma experiência muito intensa: os alunos estavam bastante motivados, chegavam antes de mim, tudo era uma novidade, desde as instalações físicas, até as aulas e o instrumento.

Figura 44 – Aula inaugural e o diretor do *campus*: em pé de blusa azul



Fonte: arquivo pessoal

Como de praxe, houve a culminância do projeto com um recital artístico realizado no auditório do campus, em outubro de 2017, reunindo as duas turmas de flauta com direito a entrega do certificado de conclusão do curso.

Figura 45 – Recital de conclusão de curso: Doce Som



Fonte: arquivo pessoal

Nesse ano, em 2017, fui convidada pelo professor Vladimir Silva, regente do Coro de Câmara de Campina Grande, para compor o naipe dos contraltos numa turnê internacional para a estreia da *Missa de Alcaçus*, de Danilo Guanais<sup>23</sup>, obra para solistas, piano, coro e percussão, no Carnegie Hall, em Nova York. Uma oportunidade única para minha carreira enquanto cantora e professora de música do IFPI. Ingressamos nessa empreitada em terras estrangeiras. Parecia um sonho, pois nunca havia saído do Brasil. Cantando naquele lugar consagrado, me sentia recompensada e feliz por ter escolhido a música como meu projeto de vida. No ano seguinte, em 2018, também a convite de Vladimir Silva e novamente para interpretar a *Missa de Alcaçus*, fizemos outra viagem para o exterior, dessa vez para a França. Agora, eu era, de fato, internacional!

<sup>23</sup> Danilo Guanais, paulista radicado no Rio Grande do Norte há vários anos, escreveu a *Missa de Alcaçus* originalmente para solistas, coro e orquestra em 1996, para celebrar os trinta anos do Madrigal da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Desde a estreia na capital potiguar, sob o comando do maestro André Oliveira, a missa já foi interpretada em diferentes partes do Brasil e no exterior. Em 2017 a obra foi revisada pelo autor sob a encomendada de Vladimir Silva para o Coro da Câmara de Campina Grande, estreando sua nova versão para coro misto de 4 a 8 vozes, soprano solo, barítono (ou tenor) solo, piano e percussão em maio de 2017 no Carnegie Hall em Nova Iorque. GUANAIS, Danilo. **Missa de Alcaçus**. Coro, soprano solo, barítono ou tenor solo, piano e percussão. 1 ed. Natal: Libreto, 2017. 1 partitura.

Figura 46 – Carnegie Hall, Nova York: Missa de Alçacus



Fonte: arquivo pessoal

Figura 47 e Figura 48 – Conservatório de Barleduc em Orleans – França, 2018



Fonte: arquivo pessoal

Durante os anos de 2013 a 2017 minha atuação sempre aconteceu na esfera da extensão. Muito embora já houvesse alunos regularmente matriculados desde agosto de 2014 com aulas regulares no Ensino Médio Integrado ao Técnico<sup>24</sup> em Administração e Agricultura com aulas de Artes, que é uma disciplina obrigatória. Essa

---

<sup>24</sup> Curso técnico integrado ao ensino médio: modalidade de ensino em que o estudante realiza a formação técnica simultânea ao ensino médio.



conquista foi adquirida pela lei 13.278/2016 ao instituir a inclusão das artes visuais, dança, música e teatro nos currículos dos diversos níveis da educação básica. Já o ensino de música nos IFs não é obrigatório, podendo ser ofertado na forma de curso técnico em instrumento musical, cursos de formação inicial e continuada (FIC) e cursos de extensão.

No ano seguinte, 2018, grávida do segundo filho, comecei a ministrar aulas de música no ensino médio/integrado nos cursos de Administração e Agricultura no primeiro e segundo ano, paralelamente aos cursos de extensão em canto coral. O ensino de música não estava incluso nas aulas de Artes, acontecia em horários separados com duração de cinquenta minutos uma vez por semana.

No primeiro dia de aula fiz um teste de sondagem para verificar o conhecimento musical dos alunos. O intuito era saber como deveria abordar o ensino de música. Através das respostas, percebi que muitos queriam aprender a tocar algum instrumento. Decidi focar então no canto coletivo como estratégia de ensino. Para iniciar os trabalhos no Ensino Médio abordamos os conceitos elementares da música como: as propriedades sonoras, leitura musical: pauta, claves, notas, escalas; história da música e também prática de canto coral com ensino de técnica vocal; solfejo e ensaio do repertório. Como forma de avaliação final da disciplina, as turmas deveriam apresentar uma música escolhida pelo professor com arranjo a duas vozes na conclusão do semestre. Logo em seguida, saí de licença-maternidade, retornando somente em junho de 2019.

Figura 49 – 2º Administração, 2018



Figura 50 – 2º Agricultura e Coral Serenata, 2018



Fonte: arquivo pessoal

No segundo semestre de 2019, agora não mais lecionando no ensino médio, continuei ofertando os cursos de extensão, e paralelamente comecei a trabalhar com projetos voltados somente para os alunos da instituição, os chamados projetos de ensino em Canto Coral e Prática de Conjunto em Flauta Doce. A nível de extensão, desenvolvi o curso básico de Técnica Vocal. Juntamente aos cursos, passei a coordenar uma banda de Pop Rock chamada de Brain Love, surgida por iniciativa dos próprios alunos.

Figura 51 – Projeto de ensino: Canto Coral



Fonte: arquivo pessoal

Figura 52 – Prática de conjunto - Flauta doce



Fonte: arquivo pessoal

Figura 53 – Turma de Técnica vocal



Fonte: arquivo pessoal

Figura 54 – Banda de pop rock- Brain Love



Fonte: arquivo pessoal

A culminância de todos os projetos desenvolvidos nesse ano aconteceu em dezembro, dentro da programação de aniversário dos sete anos do IFPI *Campus* Oeiras. Realizamos a I Mostra Musical do *Campus* Oeiras em parceria com a

professora Patrícia Paixão, agora também professora do IFPI, lotada no *Campus Uruçuí*. Para mim, foi uma grata satisfação poder reencontrar uma amiga tão querida depois de tantos anos. Como convidados especiais, ela trouxe o Coral do *Campus de Uruçuí* e as turmas de iniciação à flauta doce

Figura 55 – Cartaz virtual: Mostra Musical



Fonte: arquivo pessoal

Figura 56 – Coral do Campus Uruçuí



Figura 57 – Prática de Conjunto



Fonte: arquivo pessoal

Na oportunidade, juntamos todos os participantes da mostra em uma prática de conjunto de canto coral, interpretando a Suíte de Natal, composta pelas músicas Sinos

de Belém, Mary Cristo, Anunciação, Borboleta e Boas Festas, arranjo de André Protássio. O júbilo e a alegria inundaram nossos espíritos. Mais uma vez, estávamos juntas fazendo acontecer a música, agora, no semiárido nordestino.

Figura 58 – Os parabéns



Figura 59 – O diretor geral ao centro, de vermelho



Fonte: arquivo pessoal

Em meio à preparação da mostra musical, senti como uma voz interior dizendo: será sua última apresentação aqui nessa cidade. Como um prenúncio, esse sentimento de despedida tomava conta de mim. Mesmo morando em Oeiras, meu desejo sempre foi retornar para Teresina, minha cidade natal. Já tinha tentado outras vezes, porém sem êxito. Meu marido havia me dito que em 2020 a empresa onde ele trabalha iria movimentar funcionários e que teríamos a oportunidade de retornar para casa.

## **2.8 As incertezas, o retorno para cidade natal, a aprovação no mestrado e a prática docente em Teresina**

O ano de 2020 chegou e com ele a possibilidade de retornar para casa. Fui informada pelo meu esposo de que em fevereiro iriam começar as movimentações de funcionários da Caixa Econômica Federal, empresa em que ele trabalha, que em breve abriria uma vaga em Teresina. No entanto, antes de a oportunidade aparecer surgiu a pandemia do coronavírus (covid-19), uma doença infecciosa causada pelo

vírus SARS-CoV-2, obrigando a todos a um isolamento social e também ao adiamento dos planos.

Nesse contexto, a Caixa Econômica recuou com as mudanças, nos fazendo cair em um mar de incertezas. Sem saber o que fazer, me restava esperar! A espera resultou em um desânimo, por conta de toda a situação achava que somente em 2021 voltaria para casa. Os dias foram passando e, para nossa surpresa, em julho, no meio do caos pandêmico, a Caixa decidiu reabrir vagas para Teresina, acendendo em nós a esperança do retorno.

Nesse cenário de medo, ansiedade, incertezas, reclusão, ensino remoto e seleção de mestrado (porque não bastasse tudo, eu tinha me inscrito no mestrado profissional em artes da Universidade Federal do Ceará e a seleção ainda estava em andamento), aconteceu o que designei de milagre da pandemia: o nosso tão esperado retorno para casa. Assim, no dia 18 de julho de 2020 deixamos a cidade de Oeiras para voltar para nossa querida Teresina. Por conta da pandemia, não pudemos nos despedir dos queridos amigos conquistados ao longo desses sete anos. O máximo que conseguimos fazer foi um pequeno *drive-thru* na casa de algumas pessoas e seguimos rumo à capital. Uma mudança e tanto bem no meio de uma seleção de mestrado!

Chegamos em Teresina com o coração transbordante de felicidade, mas com a dúvida sobre a minha remoção, pois ainda não tinha se concretizado, apenas tinha dado entrada no processo, pedindo a transferência para acompanhamento de cônjuge. O que me restava era esperar a decisão do Instituto, mas, pelo menos, a primeira batalha tinha sido vencida: a transferência do meu esposo. Assim, no dia 20 de agosto, o Instituto emitiu uma portaria deferindo a minha remoção do *Campus* Oeiras para o *Campus* Teresina Central, para acompanhamento do cônjuge. Enfim, agora de fato e de conquista tinha sido transferida para minha cidade. Momento de muita alegria!

Em Teresina, tive que me reinventar para poder dar conta do trabalho, casa, marido e filhos, sobretudo porque estava sozinha sem poder contar com ninguém que me auxiliasse nas tarefas do cotidiano. Estava diante de nova situação em que não trabalharia mais sozinha ou com projetos de ensino e extensão. Agora estava trabalhando com outros profissionais da minha área em um curso técnico

subsequente/concomitante em instrumentos musicais. No dia 31 de agosto de 2020, sem a possibilidade de recepção presencial devido à pandemia, mas com boas-vindas remotas dadas pelos meus colegas, iniciei minha trajetória docente no *Campus Teresina Central* de forma remota ministrando três disciplinas.

Simultaneamente à mudança de residência ocorria a seleção de mestrado, o que me deixava ainda mais ansiosa. A vontade de ser aprovada e encarar o novo era grande, bem como o medo de não ser aprovada, porém, para minha alegria e alívio, em novembro de 2020 recebi o resultado da minha aprovação. Uma grande vitória, outro milagre da pandemia!

Minha aprovação no mestrado representou a conquista de um sonho que, por muito tempo, pareceu distante e intransponível. Hoje, posso me alegrar com essa conquista que está em andamento. De uma menina desacreditada me tornei uma “improvável de Deus”. Superando limites e alcançando lugares altos, a primeira mestranda da família. Meu coração é só gratidão!!!

Atualmente, sou docente do Curso Técnico Concomitante/Subsequente em Instrumento Musical cuja missão é o “desenvolvimento dos potenciais musicais através da formação e qualificação de cidadãos”, lecionando de forma presencial disciplinas teóricas como História da Música II e disciplinas práticas de instrumento musical, como Flauta Doce.

### **3 ESTABELECENDO O PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA**

Apresentaremos, nesta seção, o percurso metodológico do estudo, caracterizando-o quanto à sua natureza, além de descrever o lócus, os participantes e as ferramentas de coleta de dados. O objetivo deste capítulo é determinar uma proposta teórico-metodológica baseada nas História de Vida e Formação associadas à perspectiva teórica das estruturas sociais de Pierre Bourdieu, a fim de compreender como a relação existente entre essas duas teorias pode contribuir para elucidar a formação do *habitus* docente dos sujeitos da pesquisa.

#### **3.1 Os caminhos metodológicos da pesquisa**

Para a pesquisa, optamos pela investigação de natureza qualitativa com enfoque biográfico utilizando a abordagem teórico-metodológica das histórias de vida

e formação e tendo como suporte a teoria da Praxiologia de Bourdieu. Segundo Minayo (2013), a abordagem qualitativa “[...] aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas (MINAYO, 2013, p. 22). A pesquisa qualitativa trabalha com descrições, comparações e interpretações. O interesse está no processo e não apenas nos resultados e leva em consideração o contexto em que os envolvidos estão inseridos pois as “circunstâncias particulares” são vitais para o entendimento do objeto estudado (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

A história de vida é metodologia de pesquisa/investigação/formação que coleta dados na vida pessoal de um ou de vários informantes. Trata-se de uma abordagem biográfico-narrativa que pode “auxiliar na compreensão do singular/universal das histórias, memórias institucionais e formadoras dos sujeitos em seus contextos, pois revelam práticas individuais” (SOUZA, 2007, p.66).

A narração das histórias de vida, centradas na formação e realizadas no sentido de destacar e “questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência” (JOSSO, 2007, p.414), dentre outros, configura-se em uma reflexão a partir da narrativa de si “(pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando)”. Tal reflexão possibilita determinar a intensidade das transformações sociais e culturais na vida do sujeito e relacionar as mudanças na vida profissional e social (JOSSO, 2007, p. 414).

Na busca de entender o processo formativo do docente, devemos levar em conta os sujeitos desse processo, as questões relativas à realidade educacional que eles viveram, a história de vida e as perspectivas pessoais, profissionais e individuais em um determinado momento tempo/espaço histórico (SOARES; MENEZES; FREIRE, 2016, p. 431). Nesse sentido, a história de vida e formação se mostra como metodologia apropriada para a pesquisa, pois

a partir das histórias de vida, objetiva-se compreender a realidade sócio-histórica na qual se inserem os sujeitos, buscando demonstrar como estes, ao mesmo tempo em que a modificam, são modificados por ela, bem como compreender como as questões universais aparecem nas práticas individuais, e vice-versa. (COLOMBY; PERES; LOPES; COSTA, 2016. p.01)



A abordagem de história de vida e formação tem sido utilizada na área da educação como método de investigação-formação tanto na formação inicial quanto continuada de docentes, em pesquisas cujo objeto de estudo são as memórias e autobiografia de professores (SOUZA, 2006). O autor afirma que a aplicação de biografia e autobiografia em diversos estudos e de publicações sobre a história de vida dos professores, carreiras e percursos formativos, mostra-se de grande valor, pois restaura os professores como elemento central do debate sobre as pesquisas educacionais (SOUZA, 2006, p. 32).

O método praxiológico ou teoria da prática é uma abordagem epistemológica elaborada e pensada pelo filósofo Pierre Bourdieu, também chamada de conhecimento praxiológico. O propósito primário desse conhecimento é superar a dicotomia entre os dois modos de conhecimento social referidos por Bourdieu como modo objetivista e modo subjetivista. Para ele, esses modos não devem ser vistos de forma isolada, mas sim um relacionado ao outro. Assim sendo, a praxiologia pode ser definida como um conhecimento que:

[...] tem como objeto não somente o sistema das relações objetivas que o modo de conhecimento objetivista constrói, mas também as relações dialéticas entre essas estruturas e as disposições estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o duplo processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade.  
(BOURDIEU, 1983, p.47)

A teoria da prática desenvolvida por Bourdieu tem por objetivo encontrar a conexão entre o indivíduo e a sociedade, o homem e a história. O foco não está somente nas relações objetivas (econômicas ou linguísticas), constituídas pelo conhecimento objetivo, mas nas relações dialéticas entre essas estruturas e o mundo subjetivo (SILVA, 2016). A praxiologia é resultado do diálogo entre o objetivismo e o subjetivismo nas relações sociais, tendo como produto histórico as práticas, assim se torna impossível explicar as práticas sociais, tratando-as apenas como condições objetivas ou condições subjetivas. Para Bourdieu, a sociedade não existe somente fora dos indivíduos, ela existe também dentro, através dos indivíduos, na medida que eles internalizam as suas condições sociais de existência na forma de disposições de conduta (*habitus*) adaptadas: pensar, agir, sentir de determinadas maneiras. Esse

processo de internalização social provoca um impacto significativo no indivíduo, impulsionando-o e habilitando-o a deixar sua própria marca na sociedade. Surge desse processo um agente ativo e dinâmico motivado por certos interesses (BOURDIEU, 1983; PETERS, 2020).

Segundo Bourdieu, para intervir no mundo social de forma eficaz o agente individual precisa ter habilidades práticas. Nesse sentido, surge a ideia de *habitus* como mediação entre o individual e o social. O *habitus* trata dos mecanismos individuais pelos quais os agentes reproduzem as estruturas sociais em que estão imersos por meio de suas práticas. É uma estrutura mental e corporal incorporada pelos agentes por meio das relações constituídas durante sua trajetória de vida, influenciando sua maneira de perceber e agir no mundo. Nas palavras de Bourdieu, *habitus* pode ser definido como

Estrutura estruturante que organiza as práticas e a percepção das práticas, o *habitus* é também estrutura estruturada: o princípio de divisão em classes lógicas que organiza a percepção do mundo social é, por sua vez, o produto da incorporação da divisão em classes sociais. (BOURDIEU, 2007: 164).

Consideramos tanto a história de vida e formação e a teoria da Praxiologia como as abordagens teórico-metodológicas adequadas para nossa pesquisa, pois nosso olhar está sobre a história de vida das pessoas na perspectiva de compreender como nos formamos e como nos tornamos professores de música, portanto são essas experiências vivenciadas na área da educação e da música interiorizadas pelo agente que irão revelar a constituição do *habitus* no campo pedagógico-musical.

Tendo como princípio norteador essas duas abordagens, optamos pela técnica de coleta de dados por entrevistas narrativas gravadas com a prévia autorização dos participantes com a finalidade de compreender o processo formativo dos professores de Música do Campus Teresina Central, seu encontro com a docência e, conseqüentemente, a constituição do *habitus* na vida dos sujeitos

As histórias de vida atendem nossa proposta de estudo porque nelas o sujeito narra sua trajetória, suas vivências e experiências adquiridas durante seu processo de formação. Para Santos e Tuma (2008), com base em Delory-Momberger (2008), história de vida enquanto pesquisa se encaixa no campo da reflexão, em que os

sujeitos têm a oportunidade de rever suas práticas e dar uma nova conotação à sua existência.

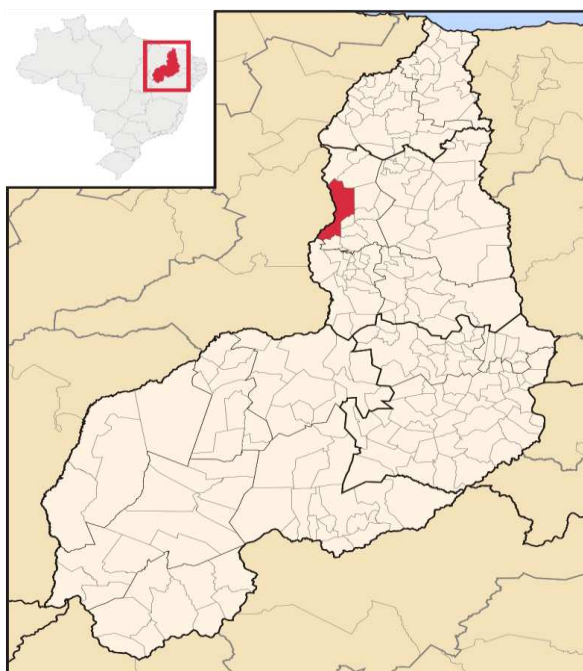
Isto significa que, os indivíduos ao retomarem suas trajetórias através do resgate do passado, alinhavando-o ao seu presente e projetando o futuro, passam por um processo de cognição intelectual, ou seja, obrigatoriamente ele “pesa” suas atitudes, suas decisões e de certa forma as revê, dando um sentido novo e renovando também seus propósitos e intenções (SANTOS; TUMA, 2008, p. 14)

Na intenção de esclarecer os caminhos percorridos, exporemos nos tópicos subsequentes a aproximação com campo de pesquisa e com os sujeitos envolvidos, bem como apresentaremos as etapas desenvolvidas na pesquisa que auxiliaram na compreensão da formação do *habitus* pedagógico musical na vida dos entrevistados

### 3.2 Caracterização do lócus e dos participantes da pesquisa

O lócus do estudo foi o município de Teresina - Piauí. A escolha se deu por ser a região de trabalho da autora, por ser no município o único campus do IFPI a oferecer o curso técnico em instrumento musical na modalidade concomitante/subsequente e pela facilidade de contato com os entrevistados da pesquisa.

Figura 60 – Localização de Teresina – mapa do PI



Fonte: <https://pt.wiktionary.org/wiki/Teresina>

Capital do estado do Piauí, Teresina fica localizada no centro-norte do estado, a 366 km do litoral, e foi a primeira capital brasileira planejada, ainda durante o reinado de D. Pedro II. Conhecida como Cidade Verde, Teresina recebeu esse apelido do escritor Coelho Neto, pela quantidade de ruas e avenidas entremeadas de árvores. Faz limite territorial entre o Piauí e o Maranhão. O seu território é banhado pelos rios Parnaíba e Poti, e sua geografia local é marcada ainda pelo relevo plano e pela ocorrência de altas temperaturas típicas do clima tropical (PMT, 2019; MUNDO EDUCAÇÃO). O município é contemplado com o único campus do Instituto Federal do Piauí a ofertar o curso Técnico de Nível Médio em Instrumento Musical na forma concomitante e subsequente.

O Instituto Federal do Piauí - IFPI está presente em algumas cidades do Piauí, possuindo atualmente uma Reitoria e dezessete *campi*. Além dos dezessete *campi*, o IFPI possui ainda três *campi* avançados, localizados em José de Freitas, Pio IX e em Teresina, no bairro Dirceu Arcoverde, onde também funciona o Polo de Educação a Distância. A distribuição desses *campi* pelo território piauiense está assim determinada, conforme pode ser verificado na imagem abaixo:

Figura 61 – Campi - IFPI



Fonte: arquivo pessoal

A pesquisa foi desenvolvida no Instituto Federal do Piauí *Campus* Teresina Central, local onde são ofertados vários cursos tanto na modalidade presencial como à distância. Entre eles, cursos técnicos na forma integrada, concomitante e subsequente, cursos superiores de tecnologia, licenciaturas, bacharelados, diversas opções de cursos de pós-graduação *lato sensu e stricto sensu*.

O *Campus* Teresina Central, lócus da pesquisa, é o único *campus* dentro do IFPI a oferecer o Curso Técnico de Nível Médio em Instrumento Musical na forma concomitante e subsequente à comunidade, ou seja, para concorrer a uma vaga no curso o candidato deverá estar cursando ou ter concluído o ensino médio ou equivalente. O acesso ao curso acontece por meio de Edital de Chamada Pública, tendo como critério avaliativo uma prova prática denominada de *Teste de Habilidades Específicas* de caráter eliminatório, que visa diagnosticar se os(as) candidatos(as) possuem conhecimentos práticos mínimos exigidos para ingressarem no curso.

O curso é ministrado em três módulos correspondentes a 400 horas/cada, nos seguintes instrumentos: Violão, Piano/Teclado, Trompete, Trombone, Tuba, Flauta Doce, Sax e Clarinete. As habilitações são ofertadas de acordo com a disponibilidade de professores nas diversas modalidades.

O corpo docente é constituído por 11 professores, sendo um desses professores lotados no *campus* Teresina Zona Sul, mas que atualmente está fazendo cooperação técnica no *campus* Teresina Central. Esse professor também foi convidado para participar da pesquisa. Com relação ao perfil de cada docente, ele está relacionado às formações, titulações, área de experiência, regimes de dedicação e de trabalho. Hoje há no *campus* docentes com titulação que abrange desde a especialização ao doutorado.

Os sujeitos que colaboraram com a pesquisa são os docentes do curso Técnico de Nível Médio em Instrumento Musical na Forma Concomitante e Subsequente, tendo como proposta investigar a constituição do seu *habitus* pedagógico-musical. Escolhemos 07 professores efetivos do curso, excluindo os que se encontravam afastados para atividades de qualificação e licença médica.

Nessa etapa de implementação da pesquisa, optamos pelas entrevistas narrativas para identificar nos sujeitos a formação do *habitus* pedagógico musical através das suas histórias de vida e formação.

As entrevistas narrativas foram realizadas de 06 de outubro de 2022 a maio de 2023, com horário pré-agendado. A maioria das entrevistas aconteceram no próprio *campus* nos intervalos entre uma aula e outra, sendo somente uma entrevista realizada na residência de um dos sujeitos.

### **3.3 Procedimentos metodológicos e os instrumentos de coleta de dados**

Na busca por investigar as trajetórias de vida dos professores de música do Campus Teresina Central, meu propósito era compreender seus processos formativos, tendo como foco as experiências que impactaram suas vidas e os contextos sociais que possibilitaram que se tornassem professores de música. As experiências narradas constituíram suas histórias de vida e formação e foram coletadas por meio de entrevistas narrativas.

De acordo com Minayo (2022) a entrevista é uma forma de interação social que visa obter informações nas falas dos agentes sociais. Trata-se de uma conversa modesta e imparcial, baseada nos acontecimentos descritos pelos sujeitos da pesquisa que “vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada” (MINAY, 2022, p. 57).

Optamos pela entrevista de história de vida como estratégia para compreender a realidade do docente, visto que o objetivo principal desse tipo de entrevista é [...] “retratar as experiências vivenciadas, bem como as definições fornecidas por pessoas, grupos ou organizações” (MINAYO, 2022, p.58).

A coleta de dados aconteceu com observação participante por ter sido planejada com antecedência de maneira sistematizada sabendo o que seria observado e como se daria essa observação. Para Ludke e André (1986), a observação participante é “uma estratégia de campo que combina simultaneamente a análise documental, a entrevista de respondentes e informações, a participação e a observação direta e a introspecção” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 28). Assim, utilizamos as entrevistas narrativas como método de coleta de dados para registrar, por meio da gravação de vídeo, as narrativas dos professores.

Considerando as entrevistas narrativas a base para compreender as histórias de vida na perspectiva de entender a formação dos sujeitos, foi realizado um planejamento prévio sobre os instrumentos de coleta e registros de dados.

Para adentrar o campo da pesquisa foi necessário elaborar um roteiro de entrevista que permitisse aos entrevistados revisitar suas memórias de tal maneira que elas os norteassem na construção dos seus relatos. Pensando em compreender o *habitus* docente a partir da história de vida e conduzida pelo meu orientador Luiz Botelho, parti para a elaboração do roteiro de entrevistas, considerando quatro dimensões importantes: cognição, psicomotricidade, afetividade e ético-política. Assim, as questões norteadoras da pesquisa ficaram definidas em três partes, cada parte contendo perguntas complementares: 1) Identificação: contemplando a formação, nível de escolaridade e tempo de magistério; 2) História de vida e formação: contexto familiar; formação na educação básica e ensino superior; como a música entrou na sua vida; experiências vividas na área da educação musical nos espaços informais e formais de ensino; 3) *Habitus* docente: início da docência, realização e expectativas com relação à profissão, os aspectos psicomotores da prática docente, aspectos afetivos da escolha do repertório e a compreensão do estudante de música como cidadão.

Depois de finalizado o roteiro de perguntas, fiz os contatos iniciais com cada entrevistado com o objetivo de convidá-los para participar do estudo, explicar a proposta da pesquisa e marcar o dia, hora e local da entrevista. Todos aceitaram participar da pesquisa, demonstrando satisfação e disponibilidade para colaborar com a temática.

Diante das entrevistas agendadas, o instrumento de coleta de dados foi aplicado com 07 professores do *campus*, sendo 01 dos convidados um professor que está em cooperação técnica. Munida com o roteiro de entrevistas, celular na mão e folhas de papel A4 para não perder nada do que seria dito, adentrei o universo dos sujeitos entrevistados para conhecer os caminhos que os formaram e os constituíram docentes do Instituto Federal do Piauí

As entrevistas foram realizadas em três ambientes: nas salas de aula, na sala da coordenação do *Campus* Teresina Central, na biblioteca do *Campus* Teresina Zona

Sul e na residência de um docente, com direito a um delicioso bolo de laranja acompanhado por um chazinho de hortelã.

Cada entrevista era um momento de partilha único e repleto de significado, de fato me sentia honrada em poder conhecer um pouco da trajetória de cada docente, pessoas que sempre admirei, e agora eu tinha a oportunidade de conhecer mais suas histórias formativas e entender os percursos que os conduziram a ser os professores de música do *Campus* Teresina Central.

No momento da aplicação do instrumento de entrevista, esclarecemos que as respectivas identidades seriam mantidas no anonimato, que seria entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual deveria ser assinado pelos participantes, seguindo a ética da pesquisa acadêmica científica, e que havia a necessidade de um segundo encontro, caso alguma questão do roteiro não tivesse sido contemplada.

Na primeira entrevista, estava repleta de expectativas quanto à forma como conduziria as perguntas e bastante curiosa com o que iria ouvir. Procurei deixar cada entrevistado à vontade para discorrer nas primeiras perguntas, que versavam sobre as histórias de vida, parte mais demorada da entrevista, mas ao mesmo sem perder o objetivo de pesquisa, de modo que entre uma resposta e outra ia intercalando as perguntas estabelecidas no roteiro. Para Silva (2009), a entrevista “é o momento do fazer com o outro, da troca, do ajustamento a hora de criar um ambiente colaborativo” (SILVA, 2009, p. 26). Nessa atmosfera de colaboração, os professores puderam discorrer sobre seus contextos familiares, sua formação, suas primeiras experiências musicais, o início da docência em música e muitas outras lembranças que marcaram suas trajetórias de vida. A entrevista é um momento em que o sujeito, ao mesmo tempo que organiza suas ideias para o relato, reconta suas experiências de forma reflexiva, possibilitando uma análise de si mesmos e a compreensão de sua própria prática (CUNHA, 1997, p. 187).

Após a conclusão das entrevistas, iniciei o processo de transcrição de suas falas. Procurei respeitar a fala do entrevistado, colocando tudo o que tinha sido falado em forma de texto. Esse ponto foi muito importante, pois nesse momento pude visualizar suas histórias orais na forma de texto, fato que me permitiu comparações entre uma narrativa e outra e a percepção de quais questões haviam sido respondidas ou não, tomando por base o roteiro de entrevistas.



Passada essa etapa, categorizamos as respostas de todos os professores em cada pergunta estabelecida no roteiro, por exemplo, depois da pergunta nº 1 elenquei as respostas de todos os professores e assim sucessivamente, de tal maneira que pudesse perceber, através dos diálogos dos sujeitos, semelhanças e divergências em suas trajetórias, tendo sempre a responsabilidade de resguardar os respectivos entrevistados e preservar suas identidades em sigilo. Para tanto, optei por codificar os nomes dos sujeitos, utilizando os seguintes códigos: P1, P2, P3, P4, P5, P6 e P7 para indicar professor 1, professor 2 etc.

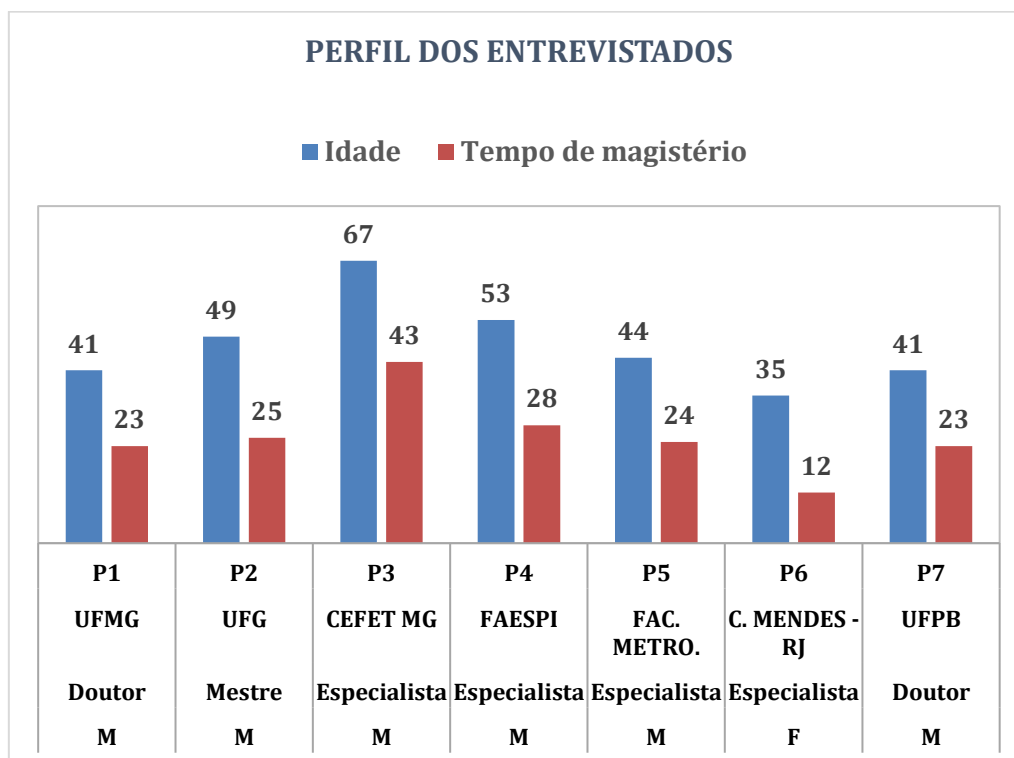
#### **4 ANÁLISE DOS DADOS E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA**

Descreveremos a seguir a análise dos resultados das entrevistas narrativas com professores de música do *Campus* Teresina Central. Em cada entrevista, pode-se compreender, por meio das histórias de vida e formação, como o *habitus* docente foi sendo constituído na vida dos entrevistados.

##### **4.1 Análise e categorização das respostas**

Nesse ponto, trataremos das análises de dados coletadas através das entrevistas narrativas, utilizando como instrumento de coleta um roteiro de entrevista semiestruturada com questões abertas e fechadas sobre a temática proposta. Para conhecer melhor os sujeitos da pesquisa foram necessários colher alguns dados, para traçarmos o perfil desses educadores. Esse perfil foi traçado com base nos seguintes dados: maior nível de formação, instituição formadora, sexo; idade e tempo de magistério. Veja o gráfico abaixo:

Figura 62: Perfil dos docentes



Fonte: elaborada pela autora

Observando o gráfico acima, percebemos que os professores entrevistados até o momento da pesquisa possuem em média 47 anos e o tempo médio de docência de 25 anos. Dos 07 entrevistados, somente 01 é do sexo feminino e também o membro mais jovem da equipe. Somente 02 possuem o título de doutor, 01 o título de mestre e os demais, totalizando 04, possuem o título de especialistas. Podemos também verificar o início da carreira docente: 05 iniciaram a docência na idade entre 20 e 25 anos e 02 deles iniciaram aos 18 anos de idade.

Nessa etapa, iremos categorizar as partes II e III do roteiro de entrevistas que tratam da História de Vida e do *Habitus* docente, respectivamente. Para análise de dados optamos por organizar as perguntas e as respostas na forma de quadros, permitindo uma melhor visualização do conteúdo a ser analisado. A Parte II, sobre História de vida, considera o contexto social familiar, lugar onde o indivíduo recebe seus primeiros conhecimentos, aptidões, costumes. Essas primeiras condições de existência são muito significativas e são internalizadas na subjetividade na forma de disposições de conduta, propensões, agir, pensar e sentir de determinadas maneiras,

caracterizando a estruturação do *habitus*. (PETERS, 2020). A primeira pergunta da parte II desta entrevista foi a respeito da origem familiar dos sujeitos (contexto socioeconômico e nível de escolaridade dos pais). Apresento no quadro 01 as respostas dos professores:

Quadro 1 – História de vida: origem familiar

Sujeito	Qual sua origem familiar? (contexto socioeconômico e nível de escolaridade dos pais).
P1	<p>Eu acredito que eu tenho até um histórico diferente para contar de quem vem de cidade pequena dessa, porque sou filho de professor, né? Então, desde cedo eu vendo minha mãe mexer com papel, com aula, com provas de alunos, com livros. Então, todos os meus irmãos são professores. Né? Somos 4. Todos viraram professor. Então venho aí dessa trajetória. Meu pai é do interior de Valença, e não teve tanta oportunidade de estudar. Teve que ir para São Paulo muito novo. Mas é a minha formação, eu diria que ela vem dessa origem familiar por ser filho de professora, que inclusive foi, minha professora. Eu fui aluno da minha mãe. Ela foi minha professora de Português. E esse hábito da leitura, esse hábito de estar na sala de aula, de ver a mãe, virar a noite elaborando provas, corrigindo. Então vem um pouco daí, dessa trajetória. Minha mãe é formada em Letras Português e meu pai não teve a oportunidade de se formar. Ele estudou só até o ensino, nem o ensino médio ele terminou, só o fundamental e sempre trabalhou com o comércio. Mas ele me incentivou na música, viu? Ele comprou meu primeiro violão. Mesmo não tendo a formação acadêmica, ele que me incentivou no mundo da música.</p>
P2	<p>Bom, eu vim de uma família de classe média. Minha família é toda aqui mesmo de Teresina. O meu pai é aposentado já. Ele era funcionário público. Minha mãe é dona de casa. O meu pai se formou em letras pela Universidade Federal do Piauí. Mas trabalhou efetivamente como funcionário público praticamente a vida toda, embora ele também tenha exercido o magistério, de uma maneira paralela. A minha mãe chegou a fazer, o que na época seria um equivalente... a escola normal, acho que seria equivalente a um curso técnico, voltado inclusive mais para mulheres. Então ela fez aquela formação da escola normal, uma formação voltada para pedagogia, só que em nível técnico e ela nunca chegou a exercer. Ela tomou a decisão de cuidar exclusivamente da casa. Então eu venho daquele ambiente familiar mais tradicional onde o pai saía pro trabalho e a mãe cuidava dos filhos e da casa. Eu tive uma infância confortável, nunca faltou nada pra gente, eu também tenho uma lembrança muito boa dos meus laços familiares, a gente teve uma boa base familiar, muito unida. Minha família vem de uma tradição católica, eu fui criado dentro do meio católico embora, eu não seja um seguidor do catolicismo, mais enfim, esse meu berço religioso, minha origem, a cultura religiosa que eu herdei, mas ainda da parte da minha mãe que era a pessoa mais religiosa. Tenho outras 2 irmãs, uma faleceu muito jovem com 18 anos vítima de câncer, e a minha outra irmã, dentre nós, foi a que chegou à titulação mais alta, ela é veterinária e tem 2 pós-doutorados na área dela. Então assim, da família ela foi a pessoa que atingiu uma maior titulação. Perdi minha mãe quando eu tinha 19 anos, isso foi um grande baque para pra família, naquele momento muita coisa da nossa estrutura familiar se rompeu ou ficou muito frágil, relativamente novos: adolescentes, jovens adultos, então a gente sentiu</p>

	<p>essa falta, essa presença materna, a gente sentiu muito isso. Por conta do trabalho do meu pai, a gente passou por algumas cidades aqui do estado, eu nasci aqui em Teresina, mas muito garoto, acho que com 2 anos a gente foi pra Campo Maior, então assim ... a primeira lembrança que eu tenho da minha infância é em Campo Maior até os 6 anos. Posteriormente, nos mudamos para Floriano e morou lá até o final dos anos 80, quando a gente voltou para Teresina, no início de 88. Meu pai se aposentou como funcionário público, se formou em letras. Aliás nesse espaço ele chegou ainda a fazer uma especialização na área de letras e após ele se aposentar, ele se formou em direito e hoje ainda, aos 74 anos, ele trabalha como advogado, com carteirinha da OAB e tudo. Então a gente sempre teve um ambiente de estímulo ao estudo, intelectual. Ah... meu pai tinha uma biblioteca generosa em casa e eu herdei boa parte dessa biblioteca.</p>
P3	<p>Meu pai era carpinteiro, né? A profissão, morava no interior de Barras, Piauí. Aí lembro que com cinco anos de idade, papai saiu de Barras e viemos para Teresina, né? Até atrás de um estudo porque tinha uma filha adiantada que ia fazer o segundo grau, nessa época no município não tinha né? Segundo grau, que era chamado colegial na época, né? Papai veio do interior, como ele tinha a profissão de marceneiro, carpinteiro. Aqui ele ficou trabalhando, né, como se diz de ... fazia confecção de porta. Janela, teto, a reforma de móveis era também... Trabalhava muito com reforma de móveis. Então mamãe não trabalhava era, como se diz de casa, do lar. E papai sempre deu aquela condição pra gente estudar. Só eu e a irmã. A outra irmã fazia pedagogia, naquele tempo todo mundo tinha acesso pra ser professora né? Então minha irmã fez pedagogia na escola normal. Era a mais velha, a mais velha. Na família só somos um casal e ela fez pedagogia, se formou em professora, virou professora do Estado. Papai na profissão sustentando a família. No ido de 70, nós viemos para o bairro de Fátima, que estava em expansão, o bairro de Fátima, bairro nobre, com muita construção. E nessa peça, o papai até melhorou sua condição financeira, econômica, visto que ele já não trabalhava só, tinha vários empregados com ele. Que ele pegava as vezes serviço de uma construção, aí fazia desde o teto, as portas e janelas, né? Armários, né? E já contratava mais trabalhadores para a ajudar na tarefa né? Do trabalho e com isso né? Acho que melhorava a questão do salário. Lembro-me que eu fazia o ginásio na escola e às vezes ia deixar o almoço pra ele lá. E nas férias quando tinha as férias na escola eu ia ajudar ele a trabalhar no serviço. Aprendi também a porta, rsrs..., sentar porta, janela, fazer teto, serviço de marceneiro, carpinteiro em geral a gente aprendeu né? Em casa porque a gente participava também dessas tarefas de lixar, raspar móvel, é um serviço ruim! Mas a gente quando nas folgas, ajudava nessas tarefas né? Além do estudo. Mas ele nunca deixou que a gente ficasse no trabalho, mas para o estudo. Então tinha que chegar em casa e dizer assim: fui aprovado, chegasse fosse reprovado a taca comia, né? Graças a Deus todo esse meu período nunca fui reprovado. Porque quando você era reprovado naquela época era reprovado geral, tinha que repetir toda a série né? Como se diz, né?</p>
P4	<p>Na verdade, todos eram agricultores, nascidos no interior, nenhum deles avançou nos estudos. Sempre o mínimo do mínimo, apenas ler e escrever, antigamente e ... ou seja, mas eles tinham uma visão de educação e a gente saiu do interior pra cidade para estudar. Primeiramente fomos para Picos, e depois, passamos 4 anos em Picos, depois viemos para cá em 1985 pra continuar estudando.</p>

P5	<p>É uma pergunta muito ampla, é muita coisa pra falar e eu vou tentar resumir. A minha mãe fala da avó dela como escrava no Ceará. Então a avó dela, são 6 gerações atrás, e aí a mãe dela já nasceria livre né? E aí ela era filha, minha mãe era filha de uma mulher que era filha de escravo. Então ela era agricultora, ela trabalhava lavrando a terra. Depois, no desenrolar disso acabou que eles tinham uma pequena propriedade no interior do Ceará, e aí depois disso ela foi criada pelos meus avós que eram lavradores, trabalhavam lavrando a terra. Mas ela foi uma filha de lavrador que estudou. Meu pai tem uma história parecida, ele não tem recordações dos avós e tal, mas ele foi filho de pais que tinham escolaridade muito baixa, e dos vários irmãos que ele teve, o único que terminou o ensino médio foi ele. Então minha mãe e meu pai se encontravam aí, ensino médio trabalhando nessa época no Ceará, na primeira metade do século 20. Meu pai contador na primeira metade da vida e depois gerente de uma indústria de beneficiamento de pó de carnaúba, uma atividade típica do Nordeste do Brasil, minha mãe era do lar. E aí depois disso eles trabalharam, a família deles se empenhou para eles pudessem ter um estudo que a família não tinha e eles transmitiram isso pra gente. Dos filhos deles, os 3 filhos deles, todos os 3 são, têm nível superior, eu e meu irmão mais velho somos professores federais, eu sou professor do Instituto Federal e meu irmão da UFCG. Meu outro irmão Rodrigo, ele é mestre em sanfona e tá também na batalha para entrar no serviço público federal que é onde nós nos identificamos mais. Meus pais, eles receberam essa oportunidade da família deles de estudar e eles passaram isso pra gente, meus pais têm o ensino médio, e os filhos deles têm nível superior, e os pais deles não tinham sequer o fundamental. Então foi uma coisa que a gente foi construindo em cima das gerações que passaram, principalmente pela análise da minha mãe, que tinha essa preocupação de lembrar quem era a avó dela, quem era a mãe dela, a gente percebe que existe essa preocupação em investir na escolaridade na medida do possível né? E então nós chegamos a esse ponto, onde os 3 irmãos, os 3 filhos desse casal que só conseguiram fazer até o ensino médio têm nível superior e são professores. Um do ensino superior e outro do ensino técnico federal, né? E outro que está é doutor, tá terminando o doutorado em música, o que não é professor federal né? E tá nessa batalha pra entrar no serviço público.</p>
P6	<p>Bom, a minha família por parte de pai e mãe, só quem teve acesso e condições de chegar a uma escolaridade maior, foi a minha mãe. Ela tem ensino médio e tem curso técnico em contabilidade, que é com o que ela trabalha e o meu pai, ele tem o ensino fundamental incompleto. Ele lê, ele escreve, mas ele não concluiu o ensino médio e nem o fundamental, e nem fez curso superior. Por conta disso, ele sempre trabalhou de maneira autônoma. Trabalhou algumas vezes empregado, mas sempre em cargos que não exigissem escolaridade tipo: vigia, motorista, auxiliar de manutenção, essas coisas assim, por conta da escolaridade. Né? E até hoje é assim, ele é pedreiro, faz serviço de construção, reparo diversos, de metalúrgica, de obra, faz tudo. E a minha mãe, por ter conseguido concluir esse curso técnico, trabalhou a vida inteira dela nesse ramo da contabilidade, né? Mas especificamente dentro do setor de recursos humanos. E aí assim é... a minha mãe por ela ter tido essa oportunidade, e ter visto que isso impacta a forma como ela é... ela ter mais condições de trabalhar e de construir uma casa e de tudo, ela prezou isso pra gente, né? A educação. Meu pai nunca foi muito é... entendido disso, e aí por isso ele não dava muito valor, né? A gente não via meu pai envolvido com a nossa educação, né? A preocupação das tarefas de saber se vai passar, se não vai passar, de prova, essa preocupação quem tinha era minha mãe e aí é eu considero que pelo esforço dela, a gente conseguiu né? Os três, que somos três irmãos ... quatro na verdade, um é adotivo é, concluímos e o ensino superior. Eu na educação artística com habilitação em Música, a minha irmã na Publicidade, meu irmão da Engenharia Mecânica e outro na Licenciatura em Física. Então somos quatro filhos e os quatro têm nível superior, graças ao esforço dela.</p>

P7

Bom a minha mãe ela era professora do ensino básico da escola do estado mesmo, era professora de História antigamente tinha a disciplina chamada estudos sociais, ela era formada nessa disciplina e depois ela migrou para outra área né? Que foi assistência social. Então ela chegou a se aposentar como professora, mas junto do trabalho de professora ela também trabalhava como assistente social em um turno. Então a primeira referência de educadora que eu tive foi a minha mãe, ela sempre foi uma educadora muito compromissada com ensino no nível que ela trabalhava que era a clientela de fundamental II e ensino médio. Então eu sempre via minha mãe ao final das noites com pilhas de tarefas e provas para corrigir e por mais que ela reclamasse algumas vezes, eu percebia que quando tinha que acompanhá-la na escola trabalhando, os alunos a respeitavam muito porque não havia espaço para divagações, no sentido que ela não gastava a aula com coisas que não seriam de fato o conteúdo programado da disciplina. Então é... muitas vezes eu acompanhei tanto a minha mãe em sala de aula quanto ela indo pra universidade, então eu assistia várias aulas quando adolescente com ela na universidade. Ela ia fazer a graduação e fez especialização e algumas vezes no final de semana não tinha com quem eu ficar então eu a acompanhava nesses estudos, né?! Mesmo não entendendo mais, já estava frequentando o ambiente universitário com 11, 12 anos de idade. Isso de alguma forma fez com que despertasse em mim esse interesse pelo ambiente universitário. Então pra mim não houve tanta problemática no sentido de escolher uma profissão, por mais que ela não quisesse que eu fosse professor por conta da questão sobretudo financeira, porque nós não tínhamos é, uma condição financeira saudável, né?! Como todo professor de nível básico do estado, era um dinheiro muito contado. Meu pai também era servidor público dos Correios, mas só veio a se formar, se graduar depois dos já filhos adultos.

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

No que diz respeito à origem familiar, o grupo se apresenta bem diversificado na vida social, econômica e cultural. Percebe-se que boa parte das famílias são oriundas do interior (P1, P3, P4 e P5), vindo para os centros mais desenvolvidos do estado até chegar na capital na busca de uma melhor educação para os filhos. Outro ponto importante a destacar é o protagonismo feminino nos esforços para que os filhos pudessem ter melhores condições de estudo e, conseqüentemente, melhores condições de trabalho, servindo de modelo e fonte de inspiração para os filhos que viram na profissão da mãe o espelho para que também optassem pela docência.

No quadro abaixo percebemos a diversidade com relação ao nível de escolaridade e profissão dos pais, o que demonstra que as condições de existência, seja financeira ou social, na infância, adolescência e juventude são diferenciadas. Somente um dos sujeitos se considerou de classe média, tendo uma infância tranquila onde nada lhe faltava tanto no aspecto financeiro quanto emocional: *“Eu tive uma infância confortável, nunca faltou nada pra gente eu também tenho uma lembrança muito boa dos meus laços familiares, a gente teve uma boa base familiar, muito unida”* (P2). Também se observa no quadro a figura feminina no complemento da renda

familiar; algumas não exercem só atividades domésticas, também trabalham fora de casa.

Tabela 1 – Profissões e o grau de escolaridade dos pais

Sujeito	Profissão do Pai	Profissão da Mãe
P1	Comerciante. Ensino fundamental	Professora. Formada em Letras - Português
P2	Funcionário público. Formado em direito.	Do lar <sup>25</sup> . Curso secundário: Escola Normal
P3	Carpinteiro. Antigo primário <sup>26</sup>	Do lar - Antigo primário
P4	Agricultor. Alfabetizado: sabia ler e escrever	Agricultora. Alfabetizada: sabia ler e escrever
P5	Contador; Gerente de indústria. Técnico em contabilidade	Do lar. Ensino médio
P6	Pedreiro, metalúrgico, vigia etc. Ensino fundamental incompleto	Técnica em contabilidade. Curso secundário: Técnico em Contabilidade
P7	Funcionário público. Graduação	Professora e assistente social. Graduação e especialização

Fonte: elaborada pela autora (2023).

Sobre o investimento empreendido na formação dos filhos, percebemos que alguns genitores, mesmo sem ter avançado nos estudos, entendiam a importância da educação ao ponto saíram de suas terras de origem à procura de oportunidades melhores, haja vista que nesses lugares a escola só ofertava as séries iniciais da educação, entendido aqui como ensino fundamental menor. Nas falas dos sujeitos, percebe-se essa preocupação dos pais. Uma em especial chama bastante atenção pelo fato de a mãe ser descendente de escravos e sempre lembrar aos filhos dessa herança e enfatizar a importância do estudo. Acredito que, no pensamento dessa mãe,

<sup>25</sup> Do lar: não trabalha fora de casa, não tem atividade profissional, dona de casa.

<sup>26</sup> O ensino de primeiro grau era constituído pelo ensino primário de quatro ou cinco anos, sendo obrigatório para crianças de 7 a 12 anos e gratuito nas escolas públicas. BRASIL, **Ministério da Educação**. Conheça a história da educação brasileira. Brasília, 2018.

somente a educação seria capaz de libertar, de promover independência. Essa ideia encontra forças nas afirmações de Paulo Freire de que a educação deve ser voltada para a emancipação do sujeito, deve ser uma educação libertadora e democrática (FREIRE, 1967). Veja o trecho da fala:

[...] A minha mãe fala da avó dela como escrava no Ceará. Então a avó dela, são 6 gerações atrás, e aí a mãe dela já nasceria livre né? e aí ela era filha, minha mãe era filha de uma mulher que era filha de escravo. [...] Então foi uma coisa que a gente foi construindo em cima das gerações que passaram, principalmente pela análise da minha mãe, que tinha essa preocupação de lembrar quem era a avó dela, quem era a mãe dela, a gente percebe que existe essa preocupação em investir na escolaridade na medida do possível né? (P5)

A segunda questão da parte II da entrevista trata da dimensão cognitiva. A intenção é conhecer a formação escolar dos sujeitos começando pela educação básica até o nível superior. Apresento no quadro 02 as respostas dos professores:

Quadro 2 – História de vida: formação escolar

Sujeito	Como foi sua formação na Educação Básica e no Ensino Superior?
P1	Olha, minha educação básica, eu estudei numa escola particular de Valença chamado (Gurgurim?), e depois virou Educandário Cláudio Alves e hoje é acho que Dom Quixote. A escola ainda existe na cidade. Eu diria que eu tive uma formação até interessante, porque era uma escola que puxava muito da escrita, da linguagem, da gramática. Então, meu básico, aprendi aí. A educação infantil eu cheguei a estudar em escola pública também, essa é do fundamental. O primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio, eu fiz em Teresina. A minha família já veio morar aqui. Com 15 anos, eu vim morar em Teresina. Eu estudei no colégio Antares, estudei no colégio Objetivo e estudei também no Colégio Pedro II, fiz o terceiro ano. Aí ingressei na Universidade Federal no ano de 2001. Demorei muito tempo para me formar. No primeiro eu ano ainda cheguei a começar em uma escola pública de Teresina, no Pires de Castro, primeiro ano do ensino médio, mas não cheguei a terminar lá, logo já mudei de escola cheguei a estudar dois meses na escola pública aqui no ensino médio, mas migrei. Ingressei em 2001 na Universidade Federal do Piauí e na Universidade Estadual do Piauí, fazia a dupla formação. Eu estudava psicologia e fazia música. Não me formei em psicologia. Cheguei próximo, cheguei aos últimos blocos, mas terminei desistindo porque trabalhava. Tinha que dar aula, então me formei em 2009. Aí, já na formação da pós-graduação foi até rápida. Porque eu entrei logo no mestrado, terminei em 2011. O mestrado eu fiz em na UESPI em Letras. E aí em 2018, eu ingressei no doutorado na UFMG, doutorado em Música. Terminei antes do tempo o doutorado.



P2	<p>Na educação básica a gente teve acesso a uma boa educação, a gente sempre estudou escola particular. Eu acabei passando por várias escolas durante a minha vida, talvez por conta do trabalho do meu pai e foram diferentes experiências educacionais, escolas que eu não me adaptei de jeito nenhum, tive uma série de dificuldades e aquelas eu lembro até hoje, do professor, do ambiente, dos colegas da época. A gente teve esse ambiente escolar de estímulo também. Eu nunca fui nenhum aluno genial, nem nada, mas tive bons momentos na escola, por exemplo acho que em 86 que eu estudava na escola Sobral Neto, lá em Floriano e a minha média final foi a melhor da escola, das turmas em todo o turno. Mas também tive minhas dificuldades com matemática, química que eu não gosto até hoje, eu sempre fui mais de humanas mesmo. Eu lembro que, na educação como eu sempre tive esse lado mais artístico, eu me lembro tanto na parte de humanas como na parte de redação. Eu tinha a fama de ser uma pessoa criativa. Eu cheguei a começar a fazer uma faculdade de Educação Física, ainda cheguei a fazer 2 anos e Educação física. Só que nessa época, a música já tinha tomado de conta da minha vida, e aí eu deixei o curso de educação física e fui para a música de fato, para a educação artística com habilitação em música que foi a minha formação e dentro da minha formação, tem algo um pouco nebuloso, eu gosto de falar abertamente, que eu entrei no curso com toda aquela coisa, já fazia alguns trabalhos com música, mas o ambiente inicial do curso pra mim foi muito desestimulante. Na ocasião, achei o curso fraco, não me adaptei, talvez reflexo daquele momento familiar da minha mãe. O fato é que eu comecei a fazer o curso e dei uma parada, fiquei só trabalhando mesmo, principalmente lecionando e tal e chegou aquele momento em que eu tinha que resolver minha vida, voltei para a faculdade e por isso passei muito tempo na graduação. E quando eu voltei, peguei aquela transição de mudança de curso, disciplina que não existia mais e isso fez com que eu passasse mais tempo ainda, questão de pré-requisito, como eu estava voltando, eu não conseguia determinadas disciplinas que eram prioridades para quem estava começando então esse meu período na graduação acabou sendo bem tumultuado, mas aos trancos e barrancos eu consegui me formar e já quando terminei a graduação, fui fazer o mestrado e já o mestrado eu consegui fazê-lo de uma maneira direta assim, eu estava muito focado na ocasião, arrisco dizer que era o período em que eu estava estudando mais. Consegui fazer um bom mestrado. E o doutorado, eu não cheguei a concluir, mas também de uma maneira mais focada. Foi bem tumultuado, porque além da questão de ser aceito em uma faculdade no exterior no Quebec, no Canadá toda a dificuldade de conseguir visto, de pleitear uma bolsa por lá, eu não tinha bolsa aqui pelo no Brasil, eu consegui uma bolsa por lá e tudo e as dificuldades de chegar em outro país, idioma, clima, você refazer a sua vida na verdade a aí com a questão da pandemia 2020, eu fiquei sem a bolsa, as atividades foram suspensas e tive que voltar para o Brasil e devido a essa questão financeira, não tive como voltar e hoje a minha luta é conseguir validar esses créditos que eu fiz por lá e conseguir terminar de escrever e defender por aqui. Embora eu não tenha concluído essa fase, mas dá pra dizer que faz parte claro da experiência de vida da gente uma experiência pessoal, profissional e acadêmica.</p>
P3	<p>Vimos para capital, Teresina, né? Eu tinha cinco anos de idade, eu já fazia segunda série primária, chegando aqui fomos matriculados na escola Anísio Brito, lá terminei o primário. No ano de 1968 fiz exame na época, exame de admissão, aqui na antiga Escola Técnica antiga Escola Industrial. Aqui eu fiz o antigo ginásio, concluí a educação fundamental e fiz o técnico em estradas, mas só que nos idos 74, eu ia terminei o último ano do segundo grau, terceiro ano. Aí eu fui servir o exército brasileiro, passei 4 anos lá e só terminei o segundo grau em 78. Sempre estudei em escola pública, no caso a Escola Técnica Federal do Piauí, que oferecia ginásio e cursos técnicos como ainda hoje como IFPI e aqui fiz o ginásio e o curso técnico em estradas, é tanto assim que quando eu sai do 25BC, que eu aqui aprendi música e fui</p>

	<p>para o exército brasileiro e lá sai cabo músico, mas não me adaptei muito ao regulamento militar, e aí pedi baixa e fui trabalhar no segundo batalhão de engenharia como auxiliar de escritório, mas na função de regente de uma Fanfarra é um grupo instrumental formado de tambores, percussão e cornetas. E aí foi quando terminei o curso técnico de Estrada e no segundo BEC já, estagiei como topógrafo, ficando lá uns três anos. Chegando na escola em 1979 já contratado como professor colaborador em 80[...] eu trabalhava só um turno [...] fui fazer cursinho e na década de 80, 1980 prestamos o vestibular, e nessa época eu prestei vestibular pra educação artística com habilitação em música e, graças a Deus, o primeiro vestibular galgamos a aprovação né?! Uma felicidade geral pra família né? Era pra todo mundo galgar o vestibular, o acesso ao ensino superior e então nos idos de 1980 adentrei na Universidade Federal do Piauí pra fazer educação artística com habilitação em música [...] no começo aquela ânsia do ensino superior e depois foi diminuindo é um período muito turbulento com muitas greves na universidade isso desestimulava em alguns momentos e por conta disso eu fiquei um pouco atrás e vim terminar minha licenciatura dez anos em 1990, por conta das greves e por conta do meu trabalho[...] Tenho especialização em educação tecnológica pela Cefet de Minas Gerais (Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais). Tenho especialização, sou mestrando em educação na Universidade Autônoma de Asunción no Paraguai, estou na fase da defesa.</p>
P4	<p>Eu comecei no interior, nas escolas das tias, em escolas domésticas, as aulas aconteciam na casa das professoras, e eram financiadas pelo município ou pelo estado. Na mesa da sala mesmo aí juntava aquela meninada do entorno, isso na educação infantil, na pré-escola, eu devia ter uns 5 anos por aí, isso na zona rural de Picos aí depois eu estudei que eu me lembro três anos em escola desse tipo e depois é que eu fui para a escola formal mesmo. Aí fiz eles chamavam de ABC, que era a alfabetização aí depois tinha primeiro ano fraco, médio e forte, quatro anos na época ... isso foi a adolescência quase toda só pra fazer o primeiro ano [rsrs...] tudo isso aí é alfabetização, além das escolas domésticas. Aí a partir do segundo ano, eu fui estudar em Picos, segundo ano do ensino fundamental menor. Aí fiz o segundo ano em um colégio, o terceiro ano em outro, o quarto em outro e o quinto em outro colégio. Aí depois o sexto ano já foi aqui em Teresina, na escola João Costa, sétimo ano no Equipe, o oitavo foi no Cursão e aí o ensino médio eu fiz no Sinopse. O ensino superior, foi de 1993 a 1996 eu fiz o primeiro semestre, eu fiz em três anos e meio o curso, logo eu passava o dia todo lá, mas eu já sabia que não ia encontrar o que eu procurava, por que eu queria estudar música, jamais educação! Eu, se fosse pra escolher eu não queria educação, e aí era o que tinha, mais próximo do que eu queria. Assim, como já tocava já sabia um pouco de música, o que mais marcou no curso mesmo foi alguma disciplina de educação, que me serviu até hoje, por exemplo a parte de didática, psicologia, essas coisas, foi o que eu tenho boas memórias, boas lembranças. Claro que num vou dizer que num teve uma ou outra coisa dentro da dentro da música, a convivência com Reginaldo Carvalho foi interessante é, e outros professores lá, mas principalmente isso aí. Na verdade, eu fui cobaia de muitos trabalhos dele, ele estava escrevendo um livro e a gente ficava revisando o livro, uma experiência interessante. Mas enfim, não era aquilo que eu buscava, então eu acelerei o processo para terminar logo. Depois disso fiz a especialização em docência.</p>
P5	<p>A educação básica, as aulas de artes eu nem lembro, foram muito raras eu não tenho recordações significativas de ter aprendido música na educação básica. Eu estudei a maior parte da minha vida em escola particular no Ceará, onde os meus pais moravam e depois em Piripiri. Em Teresina eu fiz o meu curso superior. Minha licenciatura não existe mais, era licenciatura plena em educação artística com habilitação em música, minha habilitação é em canto, apesar de eu não me considerar cantor, porque era o</p>

	<p>que tinha mais próximo de coral de regência coral né, então já que eu vou lidar com cantores, eu estudei cantos, mas eu não sou cantor, não faço apresentações, não tenho repertório, eu só uso o que eu aprendi de canto com a professora Débora para fazer o meu trabalho de coral. Foi um curso que tinham várias abordagens múltiplas, uma licenciatura plena então o meu diploma, ele nós, dá direito a dá aula de dança, de desenho né? e de música também com habilitação em canto e foi um curso que eu gostei muito, que eu já entrei nele maduro, eu entrei no curso adulto, eu estudava com garotos de 17 anos e eu tinha 28 anos, eu acho [...] Como eu fiz o curso como adulto, então eu aproveitei muito, eu tive um aproveitamento maior do que os meus colegas porque eu tinha consciência do que estava acontecendo, da aplicabilidade daqueles conhecimentos no mercado de trabalho na minha vida, porque eu já trabalhava como músico. Então eu já era músico, dava aula em escolas, eu já regia corais e então aquilo tudo para mim era muito real, era uma coisa muito útil, muito prática e muito importante, então vários professores me marcaram. O que mais me marcou foi o professor Reginaldo Carvalho, que era o meu professor de Regência coral foi com ele que eu aprendi a reger, aqui não tem curso de regência, mas eu fui regente auxiliar do coral dele por mais de 10 anos. Então foi nessa convivência de mais de 10 anos que eu aprendi a reger, e tinha esse cuidado especial de me ensinar fora dos ensaios, nós éramos amigos pessoais, eu andava muito na casa dele, a gente saía muito junto e a nossa diversão era ele me dar aula. Eu gostava de assistir aula e ele gostava de falar, era um homem idoso tinha mais de 70 anos de idade quando o conheci morreu com 84 anos, foi 14 anos. E ele gostava de falar, os idosos tem essa inclinação de falar né?! De explicar e eu tinha muitas dúvidas eu sou compositor de arranjos e músicas também e aí eu levava meus arranjos para ele e ele comentava, ele tinha toda a atenção de levar para casa e ele fazia anotações sugeria alternativas e explicava as opções que ele fez e eu perguntava para ele tudo sobre o céu, a Terra, a água, o ar, música, harmonia, regência, composição e ele sempre me explicava isso, então ele sem dúvida foi o professor que mais me marcou. Inclusive com a morte dele eu me afastei dos corais. Um ano depois da morte dele, eu parei de reger e passei sei lá 7 anos sem reger nada, estou voltando agora a reger por conta do IFPI [...] Nessa época meu filho mais novo foi diagnosticado com autismo então era o gatilho que precisava pra me afastar de vez então aí eu deixei coral, regência, canto. Em 2015, acho que ele morreu em 2014 se não me engano. Em 2015 eu deixei de reger o último coral que era o coral da escola de música, coral que o diretor da escola de música decidiu encerrar. Aí pronto ele decidiu encerrar, pronto não tenho mais coral, não vou mais atrás, não tô mais no mercado, não quero mais quero. Vou estudar educação especial, aí, eu me voltei para educação especial, inclusive agora nesse momento estou fazendo uma segunda especialização em educação especial por conta das demandas pessoais do meu filho.</p>
P6	<p>Minha educação básica foi toda em escola particular, mas foi escola particular de bairro, não foi em nenhuma escola de alto padrão. A minha mãe sempre teve esse esforço, né? de tentar oferecer pra gente o melhor que ela podia, né? Então, desde a educação infantil até o ensino fundamental, eu cursei em escolas particulares de bairro, né? E o meu ensino médio, fiz o classificatório do CEFET na época, e não consegui entrar, e aí por conta disso eu fui para o Liceu Piauiense. Então eu fiz a educação infantil e o ensino fundamental em escola particular e o meu ensino médio em escola pública no Liceu Piauiense. Eu não consegui perceber assim, grandes diferenças, acho que na época que eu peguei saindo da escola particular para a escola pública não vi muita diferença assim, porque acho que peguei um tempo bom né? De escola pública então eu lembro de ter tido no Liceu bons professores, aulas boas e também consegui sair de lá pra ingressar na universidade né!? Então assim não vi, não vejo que foi diferente assim eu ter estudado na escola particular e na escola pública. Aí o ensino superior, foi em universidade pública também na Universidade Federal do Piauí. É, apesar de ter tido essa boa experiência no ensino médio, não</p>

acha que foi ruim meu ensino médio, eu não consegui passar de primeira no vestibular né?! Na época minha o programa para entrada na universidade era o Psiu, né? Que é programa seriado de ingresso a universidade, então você fazia ao longo de três, as três etapas e aí esses resultados, eles te levavam pra algum lugar né? Então eu baseei a minha escolha de profissão nesses resultados, né? Porque eu queria entrar pra universidade logo. [...]. Então meu primeiro vestibular se não me engano foi pra medicina veterinária [...], mas medicina veterinária também é um curso bem corrido e tudo aí eu não entrei nessa época. Já no ano seguinte eu fiz pré-vestibular no SESC, durante um semestre e aí tava observando os classificatórios, os vestibulares que tava aparecendo e aí no meio no ano eu fiz o classificatório do IFPI, do Cefet na época fazer para Técnico em contabilidade, que é a profissão da minha mãe. Nessa época eu pensava nisso: olha dá pra ser nisso eu me dava bem com número, gostava de matemática e aí eu pensava dá pra eu fazer isso, já to com minha mãe, quem sabe eu não posso trabalhar com a minha mãe. Aí fiz o classificatório para técnico em contabilidade porque estava fazendo esse pré-vestibular e passei. Aí no segundo semestre deste ano que eu fiz o, esse classificatório e que eu ingressei eu também comecei a trabalhar no setor de faturamento de um laboratório já associando que isso seria bom, porque eu estava ali bem próximo do que eu estava começando a estudar né? [...], Mas paralelo a isso, eu influenciada por uns amigos lá do ensino médio, eu frequentava a Escola de Música de Teresina [...] Uma vez fui visitar a escola [...] Eu já gostava de música [...] eu gostava muito de cantar, mas nunca tinha pensado em tocar nenhum instrumento, né? Na minha família, assim de imediato, não tinha ninguém assim, músico profissional ou que tocasse. Não era assim do meu ambiente familiar era tudo só uma questão de escuta todo mundo gostava de música de ouvir música, não tinha nenhum instrumentista na família aí eu comecei a frequentar a escola de música também, escolhi um instrumento [...] meio que fui influenciada por eles [...] eu fui estudar, um violino. Nessa altura que eu estava trabalhando no faturamento de um laboratório, estudando o técnico em Contabilidade eu também estudava música, né?! Fazia um curso livre de música e aí nessa altura eu não tinha desistido de fazer um curso superior, então no final do ano eu prestei o vestibular pra música [...] Foi aí que eu passei né? Não passei pra o primeiro semestre, passei pro segundo semestre [...] Eu ia ingressar na universidade no segundo de 2006 [...] O curso em si lá na UFPI eu achei que foi desafiador porque pelo fato de eu não estar preparada pra essa visão profissional da licenciatura né da ideia de dar aula e tudo, teve algumas disciplinas que foram meio difíceis pra mim, mas difícil no sentido da motivação né? Tipo assim é as disciplinas ligadas à educação [...] eu peguei essas disciplinas, num período, o fluxograma do curso era um pouco assim solto né? Não tinha muito essa história das disciplinas que dependiam uma da outra, então eu pegava disciplinas conforme a minha disponibilidade de horários. Então teve semestre que eu só peguei disciplina relacionada a licenciatura né [...] e isso de uma de certa forma me deixava desmotivada né? Porque eu fui pro curso pensando em estudar música aí chega lá didática, psicologia da educação, história da arte num sei aonde. Isso foi difícil pra mim [...] Mesmo que aquilo me causasse um desconforto no sentido da motivação, eu conseguia ter boas notas e passar né? Pelas disciplinas, mas eu não tinha essa visão da história da profissão e aí isso me incomodava muito. Mas os anos foram passando e outras disciplinas relacionadas a música começaram a vir aí eu fui me identificando cada vez mais com aquilo né? A experiência que tive na escola de música enquanto aluna me ajudou muito né, porque eu via muitos colegas com facilidade na hora de cantar e de tocar e muita dificuldade na hora de teoria e percepção eu não tinha essas dificuldades de teoria e percepção, os estudos mais voltados pra parte teórica da música, não tinha, muito pelo contrário eu gostava muito, aquilo era o que me impulsionava [...]. Eu sou mestranda. Mas a minha maior formação é especialização em Educação Musical, pela Universidade Cândido Mendes, do Rio de Janeiro.

P7

Na educação básica, eu sempre fui aquele aluno eu não diria que eu um nerd [...] mas tirava notas boas, nunca reprovei e dificilmente ficava em recuperação, cheguei a ficar em recuperação em algumas vezes no ensino, nas últimas séries do Fundamental II e nas primeiras séries do Ensino de Nível Médio, especialmente nas disciplinas de exatas que eu não conseguia gostar tanto quanto as demais. No entanto eu sempre fui muito bom de leitura, de escrever eu escrevia muitos poemas inclusive durante essa fase do Ensino Médio e sempre estudava música paralelamente. E no ensino superior, minha formação também foi também muito boa porque eu tive acesso a professores que eram inspiradores pra mim, eles me apresentavam uma perspectiva de intelectualidade que eu precisava ter como referência, porque como eu disse minha mãe foi pra uma área que não era música e na minha família não tinha e até hoje não tem ninguém que desenvolva algo profissional na área de música, então digamos que eu seja o primeiro músico ali da minha família, mas como a minha mãe não era da área eu não tinha referência da área para que eu tivesse um espelhamento ou um espécie de mentoria, Então na graduação eu tive acesso a excelentes profissionais e em especial um deles, que foi o Reginaldo Carvalho, que foi colega do Luiz Botelho na UFPI e o Luiz Botelho foi orientador dele no mestrado. É foi pra mim o professor que mais marcou e deu todos os direcionamentos, para eu tivesse e realizasse esse trabalho aqui atualmente no Instituto Federal, então o Reginaldo além de ser um mentor, foi um amigo muito querido de alguma forma eu ajudei, o Reginaldo em alguns trabalhos ele estava desenvolvendo ainda quando estava em vida e ele desenhou todo o percurso da minha carreira, olha você vai por aqui, você faça isso. Então na graduação eu tive todo esse amparo tanto de aprimoramento acadêmico não só da parte do Reginaldo mas de todos os professores mais em especial de direcionamento acadêmico ou seja termina a graduação, faça especialização, já um mestrado, faça um doutorado tudo através do direcionamento dele. E o trabalho de performance [...] eu fiz com outro professor que também foi um mentor na área de instrumento foi o Luizão Paiva então junto da graduação eu fazia um curso de nível técnico profissionalizante na EMAP que é a Escola de Música Adalgisa Paiva e paralelo a isso eu estava sempre desenvolvendo um trabalho na área de performance, ao ponto de que no final da minha graduação, eu fui convidado para dar aula na EMAP, e aí eu passei pouquíssimo tempo porque minha agenda estava difícil de conciliar com o final da minha graduação então eu dei aula pouquíssimos meses na EMAP mas tive que pedir pra sair pra terminar minha graduação e as experiências foram muito intensas, tanto na universidade quanto na EMAP para esses dois caminhos: performance e ensino é tanto que quando eu terminei a graduação quase que imediatamente entrei na graduação para ser professor substituto, e ao terminar o meu contrato de substituto eu ingressei quase que automaticamente no mestrado. Então foi uma sequência assim, toda linear de eventos que seriam uma espécie de plantio e colheita, quase que sequenciais. A especialização na UFPI em musicologia, o mestrado na UFPB em musicologia e o doutorado também musicologia [...] Na minha mente entrei na graduação querendo fazer um bacharelado só que a universidade não me dava condições de ter um alto nível de performance, porque o curso era de licenciatura, educação artística com habilitação em música. E eu tinha muito tempo livre, porque para mim o curso era muito fácil. Em termos de instrumento. É tanto que logo no primeiro, no segundo semestre, eu já virei monitor da professora de piano, a Maria Amélia. Então, tudo que ela passava eu entregava muito rapidamente, porque era muito simples para mim, então. É. Não foi um curso que exigia de mim. Mas foi um curso que me preparou para um ambiente acadêmico mais atualizado, porque enquanto a maioria dos meus colegas não tocavam música, mas tinham boas leituras eu tentava equilibrar as duas coisas, tocar bem, ter um repertório, ser um artista e ser acadêmico. Então isso foi o diferencial digamos ali no meu percurso formativo na graduação [...] Eu me formei numa fase de transição, naquela época em que nós estávamos terminando o curso de educação artística com habilitação em música. Eu

	entrei em 2000 e terminei em 2005. Em 2008 para 2010 o curso migrou para licenciatura [...]
--	---

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Sobre a formação de cada docente, observa-se que uma parte iniciou seus estudos em escolas particulares (P1, P2, P5 e P6). Somente o entrevistado (P3) estudou a vida toda até a graduação em instituição pública. Um dado importante a ser destacado é que o sujeito (P4), quando na educação infantil, estudou nas antigas escolas domésticas no interior do Piauí. Na verdade, o termo correto a ser utilizado para esse tipo de escola era: escola isolada ou casa escola. Segundo Marinho (2020), esse tipo de estabelecimento educacional existia em grande quantidade no estado do Piauí na década de 1925, pois sua instalação dependia de poucos recursos, “necessitando apenas de um professor, o qual geralmente ministrava aulas em sua própria casa” (MARINHO, 2020, p.416).

Um ponto comum a todos os entrevistados foi o fato de todos terem feito o curso de Licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Música na Universidade Federal do Piauí - UFPI, única instituição no estado do Piauí a oferecer esse curso. Segundo Silva e Monti (2020), o ensino da música no estado do Piauí começa a partir do curso de Licenciatura Plena em Educação Artística - CLPEA, com habilitação em Música em 1977, criado pela resolução nº1 01/77 CCE/UFPI. Em 2008 acontece um período de transição do curso de Educação Artística - Habilitação em Música para o curso Licenciatura em Música. Em 2011, para se adequar à LDB nº 9.394/96, o curso passa por uma reformulação curricular, sendo extinto para dar lugar à primeira turma de Licenciatura em Música. (ZORZAL; FIGUEIREDO; ÁVILA, 2016, p.40)

Tratando da qualidade do ensino superior, o sujeito P3 relatou dificuldades como greves de professores. O sujeito (P6) afirmou que foi para universidade pensando em estudar música e que ao se deparar com disciplinas na área da educação e disciplinas específicas de educação artística ficou desestimulado. O sujeito P2 afirma que foi para a universidade pensando em performance musical e ao chegar lá, percebeu que não era bem o que esperava tendo como resultado dessa experiência a inadequação ao curso e, por conseguinte a demora na conclusão da

licenciatura. Nessa fala, percebemos que os sujeitos estão falando sobre a estrutura curricular antes vigente. Na época, a ideia era a polivalência: o professor deveria ministrar, além da disciplina música, a disciplina artes visuais. “A criação de licenciaturas neste período também englobou o que chamamos por polivalência, pois formava professores em “Educação Artística” que em sua maioria englobavam as várias linguagens em uma única formação” (BENITES, 2021, p. 46).

Muito embora, para alguns, tais disciplinas fossem desestimulantes, um sujeito em especial comenta que foram as que mais o marcaram na academia:

[...] "O que mais marcou no curso mesmo foi alguma disciplina de educação, que me serviu até hoje, por exemplo a parte de didática, psicologia, essas coisas, foi o que eu tenho boas memórias, boas lembranças [...]" (P4)

Um aspecto importante a destacar é que três dos sujeitos a saber: P4, P5 e P7 mencionaram o professor Reginaldo Carvalho como alguém muito importante nos seus processos formativos, servindo como fonte de inspiração, de ensinamentos e de conselhos. Aqui percebe-se a constituição de um *habitus* ainda na graduação. Segundo Bourdieu (2004) *habitus* pode se referir às disposições adquiridas, duráveis, ou seja, formas de agir, pensar, falar, perceber, que os indivíduos assimilam dentro de determinado ambiente, nesse caso o ambiente acadêmico. Percebemos que as ações educativas do citado professor foram internalizadas pelos sujeitos na forma de conhecimento, marcando-os na sua trajetória acadêmica e profissional. Para o sujeito P7s, ele foi responsável por desenhar sua vida profissional: “*ele desenhou todo o percurso da minha carreira, olha você vai por aqui, você faça isso*” (P7). O sujeito P5 declara o seguinte sobre Reginaldo Carvalho: “*O que mais me marcou foi o professor Reginaldo Carvalho, que era o meu professor de Regência coral. Foi com ele que eu aprendi a reger [...] então ele sem dúvida foi o professor que mais me marcou*” (P5). O social incorporado pelo indivíduo, produzindo marcas no agente e também o impulsionando a deixar suas marcas na sociedade (PETERS, 2020).

Outro dado relevante é que todos os entrevistados possuem pós-graduação, seja a nível de *stricto sensu* ou *lato sensu*. Desses sujeitos, dois possuem o título de formação acadêmica, o doutorado: P1 e P7. Um docente, P6 na fase de conclusão do

mestrado e o P2 teve a experiência inicial de doutorado no exterior e está em fase de transição para conclusão aqui no Brasil.

A próxima pergunta ainda diz respeito às experiências escolares dos docentes. A intenção é desvelar se tais experiências educacionais interferiram de certo modo na escolha profissional. Apresento no quadro 03 as respostas dos professores:

Quadro 3 – História de vida: experiências escolares

Sujeitos	Descreva suas experiências escolares: de que maneira tais experiências interferiram na escolha da sua profissão?
P1	Olha, desde cedo eu já demonstrava certas habilidades artísticas, eu gostava de desenhar. Eu sempre gostei de desenhar, de fazer caricatura dos professores. E eu tinha um incentivo de uma professora chamada Jane [...] Ela me dizia que eu tinha habilidades artísticas e comecei a tocar violão nessa época, aos 11/12 anos de idade. Eu já demonstrava certa habilidade com a música, né? [...] E ingressei no ensino médio, mas sem nunca tirar da cabeça a questão da arte, né? De ser um arte educador, trabalhar com cultura, de trabalhar com música. É verdade que tem escola que não incentiva muito os alunos que têm essa tendência, ainda mais a escola particular, que quer ver um aluno passar em medicina, direito. Inclusive eu até fui criticado por uma das escolas que estudei, que diziam que eu tinha nota para passar em curso melhor, e eu escolhi a arte, a música, então isso foi motivo de até ser questionado pela escola [...]. Mas eu diria que alguns professores nesse percurso me ajudaram. Eu fiz a escola de música de Teresina e isso foi fundamental na minha formação para decidir ser músico [...]
P2	Pra mim assim, fica bem difícil delimitar isso [...] bom eu tive a oportunidade de estudar em escolas onde a gente teve o estímulo artístico e cultural, por exemplo. Como eu disse, meu primeiro traço de musicalidade foi cantando, eu cantava nos festivais da escola, eu lembro de tinha um colega meu que cantava na época e que cantava muito bem, pelo menos a lembrança que eu tenho é dos melhores cantores [...], Mas eu lembro assim desse momento, que isso aí me deixou um pouco, embora na época fosse uma coisa muito inocente para mim e que de fato isso aí iria se tornar a minha profissão. O que eu posso dizer, é que toda a parte de estímulo cultural e artístico da escola de certa maneira me levou a hoje eu ser um professor de música. Eu posso dizer também que os professores que eu tive né [...] eu lembro de vários professores que foram inspiradores para mim, professores que estimulavam o estudo, que eram mais próximos de você, que estimulavam à sua maneira de ser e tudo [...] Então eu vejo mais isso professores que me estimularam e que hoje de certa maneira, acho que um pouco de cada um desses bons professores que eu tive está presente na minha maneira de lecionar até hoje. Eu diria que é mais isso, o estímulo cultural e artístico que eu tive nas escolas e os bons e maus professores também [...]



P3	<p>Quando fui prestar o vestibular, a gente quando fazia o ensino técnico, o ensino tecnicista na época não favorecia muito as classes menos, né? galgar o vestibular para concorrer com outros que faziam o científico na época, então eu pensava em engenharia, mas devido o tempo que eu tinha passado fora e o ensino tecnicista não nos dava condições de fluir bem a não ser que você tivesse um bom preparo né? Fazendo cursinho, outros estudos[...] Então eu optei, já que estava trabalhando na profissão, já na escola técnica, na banda de música, com música e eu gostava da música em si. Então eu fui procurar o curso superior que realmente tivesse correlação com meu trabalho, por isso optei por fazer educação artística com habilitação em música.</p>
P4	<p>Olha, na verdade sim, eu desde sempre assim, eu me programei para ser músico e, mas também, na medida em que ia aprendendo as coisas, eu comecei a gostar de ensinar, compartilhar o que aprendia e distribuir. Na verdade, essa coisa veio meio que automático, não foi assim, uma busca pra ser docente, foi automático, ia adquirindo conhecimento e tinha vontade de compartilhar. E aí teve esse curso, ou seja, eu fiz esse curso que era voltado essencialmente para educação artística e aí ou seja, eu utilizei algumas coisas que era possível dentro da minha prática de docente.</p>
P5	<p>As minhas experiências escolares interferiram muito pouco, foi mais a igreja E o gosto e inclinação pessoal meu mesmo. Como eu te disse no começo da entrevista, eu não tenho recordação de nenhuma experiência musical significativa no ensino fundamental, não tenho nenhuma lembrança de ter sido incentivado ou de ter sido marcado por alguma atividade que aconteceu no ensino fundamental, ensino infantil e ensino médio.</p>
P6	<p>Então, a escolha profissional, eu não costumo dizer que a escolha profissional mesmo, tenha sido influenciada. Acho que foi mais uma consequência, né? Teve a história do gosto pela música. Mas não é só o gosto pela música, é a licenciatura, né? Então, a experiência de eu ter lá um professor de música me dando aula, eu não me enxergava naquela profissão. Eu me enxergava tocando, cantando. Não me enxergava dando aula de música. Então eu fui para o curso de música, me identificando, a princípio, com a música, e não com a ideia de ser professor de música. Então foi assim a influência, a experiência com a música que me levou para esse curso, não foi a experiência da sala de aula como professor que me levou para esse curso.</p>

P7	Bom, dentro da escola nunca houve espaço, nas escolas que estudei, nunca houve espaço explícito pra música. Eu ainda sou de uma época que a disciplina de arte era misturada com desenho geométrico. É tanto que o meu primeiro trabalho como professor profissional foi de desenho geométrico, nem foi de músico. Então isso fez com que dentro da escola, ninguém me reconhecesse como um artista, porém, fora da escola, especialmente no espaço religioso né, minha família é muito católica. Eu comecei a trabalhar com música através da igreja e em nenhum momento da minha formação ou da minha vivência escolar no nível básico me foi dada a oportunidade de apresentar essa competência ou habilidade que eu estava em desenvolvimento ali com a música, não havia um espaço aberto para isso. Mas não foi prejuízo, porque fora do espaço escolar eu desenvolvia, sistematicamente, essa formação, através de escolas particulares que estudava. Eu fazia curso de música no Música para Todos, bem no começo do próprio Música Para Todos em 1999. E sempre tocando na missa, todos os domingos, durante muitos anos eu tocava na missa, então ali também foi uma escola.
----	--

Fonte: elaborada pela autora (2023).

Observa-se que a escola regular interferiu pouco ou não interferiu na escolha profissional desses docentes. Para os sujeitos (P1, P3, P4, P5, P6) o fato de estudarem música de forma extracurricular, a inclinação pessoal e a experiência de tocar em espaços como igrejas foram determinantes para a escolha da profissão. Dentre esses sujeitos, somente o P2 considerou que as atividades artísticas e culturais desenvolvidas na escola o conduziram para ser um professor de música. O professor P1 questiona por que da valorização de certas profissões, principalmente no contexto de escola particular, em detrimento de outras. Ele foi até mesmo criticado por professores e diretores da escola por escolher arte/música, haja vista que tinha notas que o possibilitariam escolher outras profissões, ditas “melhores”. Conforme trecho recortado da fala:

[...] É verdade que tem escola que não incentiva muito os alunos que têm essa tendência, ainda mais a escola particular, que quer ver um aluno passar em medicina, direito. Inclusive eu até fui criticado por uma das escolas que estudei, que diziam que eu tinha nota para passar em curso melhor, e eu escolhi a arte, a música, então isso foi motivo de até ser questionado pela escola [...] (P1)

Percebemos a desvalorização do ensino de arte/música, algo corriqueiro na educação brasileira ao longo da história. Um dos motivos dessa desvalorização se dá pela depreciação do conhecimento subjetivo, entendido como ligado à “sensível”, à “emoção”, dimensões humanas consideradas abaixo da razão, da objetividade, do domínio da vontade (SANTO; CAREGNATO, 2019, p.93). A ênfase da educação ao longo do tempo sempre esteve relacionada ao desenvolvimento da sociedade. Na

sociedade atual, as demandas se intensificaram com as inovações tecnológicas e o desenvolvimento do neoliberalismo. A proposta é inserir os estudantes na perspectiva do aprender a aprender e atrelar a educação escolar à preparação para o trabalho, para suprir as exigências do mercado de trabalho. O foco do ensino não reside no subjetivismo, mas sim no ensino racional, objetivo que é característico das ciências exatas (LOPES, CAPRIO, 2008).

A pergunta seguinte é a última pergunta da parte II da entrevista que trata da História de Vida. O objetivo é investigar como cada sujeito teve contato com a música e onde começaram a estudar música. Apresento no quadro 04 as respostas dos professores:

Quadro 4 – História de Vida: Primeiro contato com a música

Sujeito	Como a música entrou na sua vida? Onde começou a estudar música?
P1	<p>Desde que eu me entendo por gente. Minha mãe dizia que meus brinquedos eram todos musicais. Nunca gostei de brincar de pião, na rua, tudo era brincadeira artística. Comecei tocando bateria, eu fazia bateria de lata, desde cedo assim, fazia meus próprios violões, com objetos que eu encontrava no lixo. Estudei na Escola de Música de Teresina, mas quando eu fui, já tinha uma certa bagagem, já tocava à noite, eu aprendi muito com pessoas no dia a dia, em Valença, cidade em que nasci [...] Meu primeiro contato com o violão, não era aula formal de maneira nenhuma, aprendi com Neto Tenório, que era um músico da cidade, Wilton César. Foram os que me deram o primeiro norte no mundo do violão. Eles tocavam à noite, lá em Valença, em casas de festas, festas particulares. Eu os via tocar, eu meio que eu que pedia aula de música, ia na casa deles [...] Chegava com 11 anos de idade, descalço com o violão nas costas pedindo aula de violão, na casa deles. Eles diziam “senta aí, bora, vou te dar umas aulas de violão”. Era algo muito informal, mas que ali já era o primeiro contato com a música e de maneira formal, foi na Escola de Música de Teresina e com o professor Erisvaldo Borges também ele tinha uma sala de música na oficina da palavra, eu assistia aula com ele lá. O Erisvaldo foi também um professor muito importante na minha formação, Emanuel [...], Prof. Teotônio que me ensinou a ler música, professora Aparecida na Escola de Música de Teresina. Comecei a estudar música formalmente na Escola de música de Teresina, no ano de 1998 e depois virei professor de lá.</p>

P2	<p>Bom[...] eu tive um ambiente familiar com um bom estímulo musical. Eu sempre lembro dos meus pais ouvindo música, né? Como eu disse papai, foi através do papai que eu tive o meu primeiro um insight assim sobre música instrumental por exemplo: choro, jazz, um pouco da música clássica, como ele falava música executada. A referência da minha mãe, os cantores e cantoras populares da época, Roberto Carlos, Gal Costa, Maria Bethânia, um pouco de Elis Regina esses nomes como Chico Buarque, Edu Lobo eles vêm do ambiente familiar, primeira lembrança que eu tenho [...]. Eu gostava de cantar quando eu era garoto [...] que eu cheguei a participar dos festivais da escola, eu acho que tinha por volta de 8 a 10 anos, que de fato eu subia no palco e cantarolava. O violão eu comecei a tocar, fazer, meu primeiro acorde com 16 anos e meu primeiro professor foi esse colega da escola Carlos Alberto. Posteriormente a gente vai tendo influência [...] havia um vizinho da gente, um vizinho não, uma pessoa próxima [...] E a gente se conhecia, e ele na época ele tocava muito bem e aí ele também me passou algumas coisas. Ele tocava bem na época e eu lembro que eu ficava impressionado como ele tinha uma percepção boa né!? Tava começando a pegar aquela coisa de ouvido, pegar harmonia, e me chamava muita atenção, que ele ouvia ali a música uma vez, conferia outra coisa, na segunda ele colocava música praticamente acompanhava com os acordes bem certinho e tudo, ele tinha essa experiência, isso me chamava muita atenção [...] Então teve esses vários amigos, essas várias influências do violão. Eu fiz algumas aulas com o Erisvaldo ali em meados dos anos 90 que me deu uma base muito interessante dessa coisa do que seria o violão clássico [...] algumas aulas particulares com ele [...] inclusive eu toquei com o Erisvaldo na época que ele lançou o primeiro CD, fazia parte da banda do Erisvaldo, rsrs [...]. Uma influência musical fortíssima [...] em 97, eu participei do curso de violão, da oficina de choro e a oficina de choro era um grupo de professores, mas o professor que de fato ficava ali com a gente, coordenando tudo era o Luís Otávio Braga [...] e eu fiquei muito impressionado assim com o quão musical ele é, e aí eu de certa forma hoje eu posso dizer na, minha aula eu tento copiar um pouco daquela influência. Porque eu fiquei muito realmente impressionado [...] Particularmente o professor Luís Otávio Braga lá nesse evento em Londrina foi a pessoa que sem querer, ele não sabe disso, mas ele despertou esse interesse ou direcionou meu olhar para uma visão mais ampla sobre música [...]</p>
P3	<p>Então, quando eu fazia o curso técnico de estrada na antiga escola técnica, em 72 [...] A escola tinha aqui uma grande movimentação [...] o diretor criou uma banda de música e por acaso eu entrei nessa banda de música, até por brincadeira eu e outros colegas para brincar, mas porque na minha família tinha gente, já tinha um primo que tocava instrumento lá no interior de Barras, e quando eu via lá tinha uma banda tradicional que tocava muita retreta, fazia as famosas retretas. Talvez a minha descoberta para o lado da música tenha sido lá no interior com essa vivência, que via a banda de música tocando nos coretos e eu era pequenininho, ficava sempre na banda, papai também participava da banda, tocando banjo, tinha um primo dele que tocava sax. E sempre a retreta a gente tava lá depois da missa né!? Ficava ouvindo a banda tocar e eu ficava muito próximo da banda e tinha um primo meu que tocava também e esse primo veio para Teresina também servir o exército e eu achei que por conta de ver eles tocar, eu adentrei também na banda de música na época como estudante da escola. E aprendi praticamente o mesmo instrumento que era pistom na época, que a gente chama trompete, que meu primo tocava. Então assim evolui rapidamente é tanto assim que quando fui servir o exército brasileiro já cheguei com uma boa bagagem musical então eu já formava na banda de música do 25 BC [...] eu cheguei no 25 BC no batalhão já tocando instrumento, já tocava os dobrados com da banda, então eu já formava na banda junto com os profissionais. Soldado recruta, já cheguei tocando e formando na banda e tocava o repertório que eles tocavam. Então dentro do exército brasileiro dentro de um ano, no ano seguinte eu já fiz concurso para cabo músico porque na época tinha mestre da banda que nos preparou muito para esse concurso né? Então quando eu</p>

	<p>cheguei já fiz o curso de corneteiro, né? Então aí eu já era corneteiro de segunda classe [...] Aí engajado no ano seguinte eu já era cabo músico, fiz o concurso para cabo músico aí passei uns dois anos foi quando, eu não me adaptei muito ao regulamento, era estável né? [...] Mas não me adaptei ao regulamento então praticamente fui dispensado e quando de lá que eu fui trabalhar no 2º Batalhão de Engenharia também para trabalhar na área de música, conduzindo uma fanfarra que lá tinha [...] Foi nessa época também 77, 78 quando eu terminei o curso de técnico de estradas e já formado como técnico de estradas e como era um batalhão de engenharia e construção. Então tinha a sessão técnica né? Que trabalhava dentro do Maranhão com foco nas estradas. Então eu fui fazer o meu estágio como topógrafo dentro do batalhão, aí eu saí da banda e fui à sessão técnica trabalhar [...] Passei três meses no estágio e, ao terminar o estágio, continuei trabalhando no batalhão como topógrafo [...] daí foi quando eu vim pra escola técnica em 79 trabalhar como professor colaborador da banda de música. Então essa foi a minha passagem inicial musical até chegar na escola técnica, no idos de 79 [...]</p>
P4	<p>[...] Musicalmente falando, em termos de músicos na família, tinha alguns ancestrais que já tocaram instrumentos, violão, instrumentos de corda, meu avô tocava bandolim, mas eu não conheci, tinha primos, um tio de minha mãe que tocava violão, mas também não conheci, uma geração antes. Mas todos amadores, era só práticos [...] Bom tem essa coisa do passado, essa coisa genética, mas eu não conhecia essas pessoas tocando, mas eu sempre gostei do instrumento desde cedo, desde criança. Eu sempre via os meus amigos tocando, ficava olhando, ia pra uma festa de conjunto e passava a noite lá em frente ao pessoal tocando. Então o primeiro contato foi vendo os outros tocando, só que eu não tinha instrumento, o negócio era difícil. E aí mais na frente, quando eu já estava em Picos, já tinha 13 anos aí eu consegui comprar um violão velhinho, todo quebrado, foi o meu primeiro instrumento, comecei a partir disso a fazer alguns acordes, vendo os outros e depois eu comecei a pegar aquelas revistinhas de cifras que tinha em bancas. Muito tempo depois é que eu ouvi, isso já em 1987 é que ouvi falar de partitura na minha vida [...] A música entrou na minha vida desde pequeno, só que estava adormecida e como eu falei, sempre quando eu via alguém tocando, chamava minha atenção e eu ficava ali pertinho, seja formalmente ou informalmente, eu ficava ali o tempo todo olhando [...] Vamos falar da música de pauta como foi que eu entrei, eu já estava em Teresina no final de 1986, e uma pessoa me falou 2 palavras: partitura e em violão clássico. E eu fiquei curioso em saber o que eram essas coisas, eu não conhecia nada de nada de música erudita, essas coisas e aí durante 5 minutos em pé, não foi nem sentado, uma pessoa me apresentou [...] aquelas figurinhas básicas e tem um livro tal que você pode encontrar na loja continental e eu fui atrás desse negócio e comecei a estudar, foi meu professor de música, fui estudando [...] Comprava livros e estudava, ou seja, o pouco que eu aprendi foi em casa, basicamente. A escola foi mais dessa parte da educação mais formal [...] Nessa época eu tinha 17 anos, eu tocava um pouquinho de violão e guitarra, mas foi por aí, como eu te falei eu nunca estudei o que eu queria estudar, só me sobrou educação, quando falo educação não é desprezando, apenas não é minha escolha [...] Durante um certo tempo a minha escolha foi performance, mas talvez seja mais a criação, o arranjo, a composição. Era isso que eu almejava dentro de uma instituição. Na instituição não tinha isso e resolvi isso em casa, estudando só [...] Por exemplo, o violão aqui só tinha a Escola de Música de Teresina e aí eu fui estudar violão lá, na primeira o professor Evaldo “não você não tem que estudar aqui não, você já toca muito”. Então eu fiquei rrsr... a aí acabei fazendo teoria musical com Zé Rodrigues e aí fiz algumas aulas “não você vai fazer só as provas aqui pra terminar logo” e aí eu fiz só as provas, eu já sabia um pouquinho, já tinha estudado em casa, ou seja, na minha formação musical a escola teve uma participação muito pequena agora como professor sim [...]</p>

P5	<p>Eu aprendi música enquanto fazia educação básica, com seu Barnabé que morava perto da minha casa e tocava violão, ele era alcoólatra e aí eu tinha que ir pra casa dele bem cedo antes dele se embriagar, eu tinha que chegar lá 7 horas e ele já tava bebendo. Aí eu começava a estudar com ele e tal quando dava umas 8:30 já não dava mais, porque ele já não falava mais coisa com coisa [...] Aí eu: não, aqui acabou a aula. Eu com 9 anos de idade, já tinha que fazer essa avaliação, até quando a aula estava valendo. Na época eu usava o violão dele e aí depois que eu comecei a tocar, minha mãe me deu um. Foi como eu comecei a tocar violão, minha mãe viu que eu tinha jeito e comprou um violão pra mim, depois eu me engajei na igreja, muito também pelo viés da música, mas também acabei adquirindo a espiritualidade [...] Somos três irmãos que são músicos desde criança, a gente começou a tocar na igreja, aquelas demandas da igreja, ou seja, alguém pra tocar na missa, na reunião, e eu comecei a tocar com 9 anos de idade hoje eu tenho 44 num é? Então já dá aí uns quase 30 anos de música, 25 anos de música, é? É mais! É 35 anos de música.</p>
P6	<p>[...] Eu influenciada por uns amigos lá do ensino médio eu frequentava a Escola de Música de Teresina [...] Uma vez fui visitar a escola[...] Eu já gostava de música [...] O pessoal dizia que eu tinha a voz afinada, eu gostava muito de cantar, mas nunca tinha pensado em tocar nenhum instrumento, né? Na minha família, assim de imediato, não tinha ninguém assim, músico profissional ou que tocasse. Não era assim do meu ambiente familiar era tudo só uma questão de escuta todo mundo gostava de ouvir música, mas não tinha nenhum instrumentista na família. Aí eu comecei a frequentar a escola de música também, escolhi um instrumento [...] meio que fui influenciada por eles [...] eu fui estudar violino na escola de Música. Então, comecei a estudar música na Escola de Música de Teresina, nessa época, eu tinha 14 anos.</p>
P7	<p>Bom, tudo começou quando eu tinha 11 anos e a minha mãe percebeu que eu tinha muito tempo livre. Aí a minha mãe viu que eu precisava de uma pontuação, então como eu era um garoto mais parado, eu não gostava de me movimentar muito. Apesar de jogar esporadicamente futebol com os meus colegas, não no sentido de gostar do futebol, mas de estar socializando com ele. E como ela era muito católica, como eu falei, ela gostaria que tivesse alguém tocando na missa, então ela percebeu que esse meu tempo de ócio poderia ser convertido como tempo de dedicação à igreja. Então eu fui para a escola de música de Teresina, em 1996, para ter a primeira aula de música, então eu fui estudar Órgão eletrônico[...] Meu primeiro professor foi o Paulo Edson e estudei com ele um semestre. Bom, e depois eu não quis mais ficar, porque eu achava muito cansativo o trabalho, porque eu tinha que ler 3 claves, 2 claves de sol, uma clave de fá imagina um menino de 11 anos para ler esse monte de coisas. Então para mim era muito cansativo, eu queria era tocar, eu gostava de tocar, mas não gostava de ler música. Então eu aprendi algumas músicas com ele e aí já era o suficiente para eu tocar na missa. Então eu não entrei na missa do nada, foi assim tinha uma pessoa que tocava violão, essa pessoa escrevia a cifra pra mim. Como eu sabia três acordes: o dó maior, o fá e o sol, então quando as músicas estavam no tom de dó maior e tinha esses três acordes eu tocava. Aí pouco a pouco usando o instrumento da igreja claro, aí pouco a pouco foi aumentando meu repertório de acorde então nesse momento eu fui ganhando um pouco de participação na igreja. Mas chegou um ponto que não conseguia mais desenvolver. Então eu pedi para minha mãe eu voltar pra escola [...] eu fui na em escola chamada “De Música” é uma escola particular não tinha vinculação com o estado como tinha a Escola de Música[...] e aí era uma escola mais ou menos cara, era como se</p>

fosse uma escola de inglês que tinha um material didática e aí minha mãe sofria muito pra pagar essa escola, mas ela via que ali tinha um sentido que era tocar na igreja, que era para o trabalho da igreja. Só que eu fiz o curso muito rápido porque eu já tocava na igreja, já tinha uma audição desenvolvida, mas minha leitura não era tão acelerada. Então eu fui lá pra melhorar a leitura, mas eu rapidamente: o curso que era pra ser feito em dois anos eu fiz em menos de um ano, todos os livros que eles passavam. Na aula de harmonia o professor gostava [...] foi meu primeiro professor de harmonia, rapidamente eu fui pra harmonia mais avançada e eu aprendi muito com ele, o básico de harmonia a quatro vozes, já nesse curso de teclado, não era piano ainda. Então foi mais ou menos ali no final do meu curso de nível médio onde eu fui para o Música para Todos [...] Eu tive minha primeira professor de piano lá no Música para Todos que foi a Eliane Paiva [...] Então com a Eliane eu peguei vários repertórios de música erudita, depois fui aluno da professora Avani Xavier também peguei muita coisa de erudito e eu tava muito interessado no piano erudito inclusive cogitando a possibilidade de fazer uma graduação na área de bacharelado em performance [...] Então esse processo de musicalização ele foi meio enviesado, você pode perceber que foi meio informal, meio formal e eu dou graças a Deus por isso [...].

Fonte: elaborada pela autora (2023)

Nas respostas, observamos o *habitus* musical iniciado no ambiente familiar, o primeiro local de contato com a música, seja ouvindo música nos discos de vinil, CDs, rádios e programas televisivos ou até mesmo pela influência de familiares que tocavam algum instrumento e se apresentavam em grupos da cidade (P3). Esses saberes construídos no ambiente familiar foram sendo transformados numa espécie de capital cultural. “Na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo ethos, sistemas de valores implícitos e profundamente interiorizados [...]” (BOURDIEU, 2007, p. 41-42).

Além da família, pessoas conhecidas que tocavam instrumentos também exerceram influência na formação desse *habitus* musical, sendo seus primeiros professores em ambiente fora da escola regular ou em cursos livres de música. Veja a fala do docente P1:

[...] Meu primeiro contato com o violão, não era aula formal de maneira nenhuma, aprendi com Neto Tenório, que era é um músico da cidade, Wilton César. Foram os que me deram o primeiro norte no mundo do violão. Eles tocavam na noite, lá em Valença, em casas de festas, festas particulares. Eu os via tocar, eu meio que eu que pedia aula de música, ia na casa deles [...] Chegava com 11 anos de idade, descalço com o violão nas costas pedindo aula de violão, na casa deles. (P1)

Percebe-se que os sujeitos iam incorporando uma cultura própria através do dia a dia musical cultivado no ambiente familiar, permitindo despertar o gosto pela música e impulsionando-os a estudar música, seja em aulas particulares ou em instituições específicas.

Após esse contato inicial, a maioria dos sujeitos (P1, P2, P4, P6, P7) seguiram seus estudos musicais em Escolas de Música. Somente o P3 estudou música dentro de um contexto de banda de música, pois na instituição de ensino na qual fazia o antigo segundo grau, era oferecida essa prática instrumental no contraturno como atividade complementar.

Encerrando o ciclo de perguntas da parte II da entrevista, prosseguimos para a parte III do roteiro de perguntas que tratam do *habitus* docente. Essas perguntas estão centradas nas atividades docentes, aspectos emocionais e afetivos da profissão, questões de psicomotricidade e também na compreensão do professor sobre o estudante de música enquanto cidadão. A primeira pergunta trata do início na profissão docente e sobre as experiências anteriores ao IFPI no campo da educação musical. Apresento no quadro 05 as respostas dos professores:

Quadro 5 – *Habitus* docente: Ensino de Música

Sujeitos	Quais foram as primeiras experiências como docente de música? Comente sobre suas experiências anteriores ao IFPI, no campo da educação musical informal/formal.
P1	Eu comecei a ensinar música assim que entrei na Universidade Federal. Meu primeiro trabalho [...] foi no projeto “Música para todos”. O projeto tinha muitos problemas [...], mas o fato é que foi o meu primeiro trabalho com música, como professor de música, então foi muito importante. Pouco tempo depois, fui convidado para aulas na Escola de Música de Teresina, convidado pelo professor José Rodrigues. Mas o primeiro trabalho foi como professor de, de teoria musical no projeto Música para Todos, por volta do ano de 2002. Concomitante eu também comecei a trabalhar com arte educação, eu virei professor de Artes, trabalhei no colégio Cidade [...]



P2	<p>[...] Eu comecei a ministrar aulas particulares para ganhar um trocado, então tem essa coisa da aula particular que pra mim também foi uma grande escola por que era uma coisa meio solta, como é que eu vou dar aula de música, como é que eu vou dar aula de violão, é aquela coisa né, você sabia tocar vários acordes, tinha repertório, já lia uma partitura de maneira básica, mas como é que eu vou repassar isso para alguém, foi também uma experiência para mim, aprender isso. E aí, eu entrei na escola de música de Teresina em 98, dei aulas na Texto e Música por mais de ano. Eu trabalhei no projeto Música para Todos ali no final dos anos 90 no caso assim que começou o projeto, uns 4 meses. Eu lecionei algumas aulas, eu não saberia dizer o nome agora, era uma escolinha de reforço que ficava ali perto do Pão de Açúcar da Nossa Senhora de Fátima, era uma escolinha de reforço e eles faziam umas atividades extraclasse, digamos assim. Então aí alguém fez o contato, eu ministrei algumas aulas de violão por pouco tempo também, 2 ou 3 meses só. A maior parte do tempo eu ministrei, eu trabalhei na Escola de Música por 10 anos. Quando eu fui para Goiânia, eu tive também alguns alunos particulares, mas pouco mesmo, acho que foi 2 rapazes, uma coisa mais solta. Eu também ministrei aula na UFPI como substituto em 2008, que era na área de organologia e história da música. Enfim, teve esses vários momentos combinados também com essa parte das aulas particulares que eu ministrei [...] Eu gosto de ensinar, posso dizer que me identifico mesmo com isso. Tem também aquele período que eu lecionei no Canadá, com as crianças [...] As aulas particulares ao longo de vários períodos, essa experiência de ensino no exterior, escola de música de Teresina, Música para Todos, a escola Texto de música, essa escolinha de reforço que eu não lembro o nome. Eu também ministrei aula numa escolinha lá no Dirceu, escola de reforço e ministrei algumas aulinhas por lá. A universidade como substituto, na Escola de Música mais tempo 10 anos. Na universidade foi um ano e pouco foi a época justamente que eu fui para o mestrado e não pude fazer o segundo seguindo o contrato. Estou no IFPI desde 2010 [...]</p>
P3	<p>[...] Fui trabalhar no 2º Batalhão de Engenharia também para trabalhar na área de música, conduzindo uma fanfarras que lá tinha [...] Então eu era empregado com carteira assinada como auxiliar de escritório, mas a minha função era na fanfarras, na banda ensinando os soldados a tocar corneta e a percussão em geral [...] Por conta da minha baixa, o professor Luís Santos mestre da banda veio me convidar para trabalhar na escola técnica, com ele na banda de música. Chegando então na escola técnica em 1979, em que fui já como professor colaborador para trabalhar diretamente com a banda de música da qual eu era oriundo, né? E agora já como professor nos idos de 79, atuando na banda de música auxiliando o professor Luís Santos para dá continuidade ao trabalho da banda, que era ensinar os alunos a tocar diversos instrumentos [...] Não havia um professor específico para cada instrumento. O professor tocava um instrumento e tinha noção dos outros instrumentos [...]</p>

P4	<p>Pois é, música como eu te falei eu comecei a ensinar música desde os 18 anos[...] Alguns amigos que viram tocando “olha eu quero que você me ensine a tocar e tal” E comecei a dar aula de teoria e prática de instrumento, informalmente depois formava pequenas turmas, também fora de instituição isso tudo particular. E, ou seja, então foi desde cedo, desde dos 18 anos isso estava com menos de um ano do início da minha prática, veja bem antes dessa coisa de leitura de partitura eu já tinha uma experiência prática, totalmente sem saber o que tava fazendo totalmente de ouvido[...] Com 18 anos em 1988. A vida foi me levando para isso [...] Isso em 1988, eu vim entrar na universidade em 1993 faltava cinco anos ainda pra eu entrar na universidade e eu já estava dando aulas e nesse período eu dava aulas em escolas também, a escola de Música de Teresina eu dei aula alguns anos lá, acho que 2 ou 3 anos antes da minha formação [...] Aqui são 14 anos [...] e tem mais 18 anos fora daqui, ou seja, antes do IFPI. E dessas experiências fora daqui, acho que a mais significativa foi nos projetos sociais que eu desenvolvi na prefeitura, criei aqueles projetos “violão na escola”, “musicalizando”, e que tem gerado bons frutos [...] também criei a orquestra de violões que tem aqui em Teresina, fruto desses projetos. Então são projetos bem interessantes. Ou seja, eu sempre trabalhei assim, ou dentro de instituições, escolas particulares ou com aluno particular. Então foi uma experiência muito rica, se você pegar essa turma de violão aí ou foi meu aluno ou foi aluno de aluno meu [...] Informalmente eu já ensinava em casa, por exemplo o Emanuel estudou comigo por 2 anos, ele foi meu aluno em casa e na universidade [...] e tem tantos outros por aí.</p>
P5	<p>É, meu primeiro trabalho como músico foi professor de violão, era um trabalho informal, eu dava aula para amigos e tal, o pessoal da igreja, na casa das pessoas eu ia na casa. E aí depois disso, quando foi pra ... eu nunca tive outra opção, não tive dúvida, desde muito novo eu sabia que ia ser músico. Na época eu fiz vestibular, você poderia ter outra opção [...], mas eu só tinha a primeira opção ou música, ou música. E aí eu já comecei a trabalhar dando aula em escolas, e como eu tinha um trabalho que se destacava, eu fui convidado muitas vezes para trabalhar em escolas, fui convidado para trabalhar no Diocesano, no Dom Barreto e eu nunca levei meu currículo para essas escolas, nunca levei. As pessoas viam o meu trabalho: “rapaz faça um coral desses lá na minha instituição, empresa, escola”. Quando eu fui trabalhar no CEV, meu último trabalho antes do IFPI, eu fui lá apresentar, eu tava com um grupo Cafundó, contador de histórias, que é um trabalho que eu faço agregado com a educação musical, porque eu uso as histórias para ensinar as músicas [...] E eu fui contar umas histórias no colégio CEV com esse grupo, e lá eu encontrei uma coordenadora, uma ex-colega minha de Dom Barreto. E aí a Elonice: “Fernando tu tá trabalhando onde? Tu tem tempo de trabalhar aqui no CEV?” Tenho, e a vontade também, que gosto muito daqui [...] E foi assim, não coloquei currículo, não fui indicado por ninguém. No Dom Barreto foi a mesma coisa, eu fiz uma apresentação na igreja de Fátima, se não me engano, e a professora Socorro me convidou para casa Dom Barreto. E lá na casa Dom Barreto, eu fiz um coral que se apresentava na escola e a professora Estela viu o coral na escola “que coral é esse? É o coral da Casa?” Aí eu digo é. “Você trabalha pra mim, pois você devia trabalhar era aqui na escola”, pois me chame. E aí ela: “pois eu vou chamar me dê sua disponibilidade, você vai dá aula aqui”. Aí eu dei aula no</p>

	<p>ensino fundamental durante 1 ano [...] e me convidou para trabalhar na escola Dom Barreto. Aí eu dei aula lá durante um ano [...] Eu trabalhei um ano na escola e na Casa eu trabalhei vários anos [...] Então informal era esse de dar aula particular nas casas de violão e formal foram essas experiências no Dom Barreto [...] Antes de isso eu já tinha trabalhado no Diocesano, Madre Savina, trabalhei no colégio Mãos dadas em Timon. Meu primeiro trabalho, minha carteira foi assinada em 1999 no instituto CEPLA com a professora Cecília Mendes. No bairro dos noivos, Fundação Centro de Cultura e Educação Permanente Lineu Araújo perto do Teresina Shopping, minha carteira foi assinada lá como professor de música em 1999. Na fundação dava aulas de coral e de violão para crianças do entorno do bairro dos noivos. Era uma fundação que tinha essa preocupação em atender e propiciar experiências mais ricas para as crianças no entorno e isso foi antes da licenciatura, bem antes. Quando eu passei no vestibular, eu já trabalhava como professor de música [...]</p>
P6	<p>Ainda durante o curso superior, na Licenciatura em música, eu fui estagiar em uma escola particular que era o Dom Barreto [...] Fui convidada para estagiar na escola Dom Barreto, para dar aula de música, então foi outra experiência também desafiadora pois eu não iria dar aula de música da mesma forma que eu tinha aprendido porque era para crianças muito pequenas não alfabetizadas[...] Para fazer o que a gente chama hoje de musicalização infantil. E no curso superior de Educação Artística [...] essa parte musicalização infantil eu não vi de maneira alguma na Universidade Federal do Piauí de jeito nenhum. Então foi desafiador também por isso. Mas ao mesmo tempo que foi desafiador foi muito prazeroso [...] Foi uma experiência muito boa aí nesse momento eu disse, agora eu estou achando o caminho. Então eu fiquei no Dom Barreto até eu terminar o curso, quando eu terminei o curso no ano seguinte, isso foi em 2010 quando entrei pra estagiar. Em 2011 eu concluí o curso e a escola me contratou. Então eu passei a ser professora de música do Instituto Dom Barreto [...]. Paralelo ao Instituto Dom Barreto[...] eu também fiz um seletivo para uma escola estadual de música que é a Escola de Música de Teresina. [...] e lá que fui ter outra experiência de ensino porque é um curso livre só música [...] Uma experiência diferente aconteceu em paralelo à época em no momento que eu estava dando aula de musicalização infantil eu também fui pra Escola de Música dá aula de instrumento[...] Lá eu dava aula de teoria musical e flauta doce [...]</p>

P7

[...] Como professor de música particular por indicação da minha professora de piano, então a minha professora dizia, olha, tenho um aluno, tal que está querendo aprender. Você pode dar aula? Ai, claro que eu ia, né? Então eu ia na casa da pessoa que tinha um piano para dar aula para ela. Aqui em Teresina, isso acabou ficando muito comum ali, entre os anos 2000 e 2006. E como não tinha muitas escolas com um curso de piano, acabava que as pessoas que tinham poder aquisitivo tinham um instrumento em casa e utilizavam as suas próprias casas, como esse espaço de educação, contratando um professor particular para trabalhar. Então eu fiz isso durante muito tempo. Quase toda a minha graduação, eu dei aula particular na casa de pessoas, né? Seja por indicação da Maria Amélia, minha professora ou indicação do Luizão, que foi meu professor, ou os meus próprios clientes ficavam me indicando. Tinha o trabalho formal na escola como estagiário, tinha um trabalho como músico à noite, tocando. E tinha o trabalho como professor particular [...] Como professor de música, minhas primeiras experiências de ensino, especialmente com a música, foi no Música Para Todos. Foi meu primeiro trabalho como professor de música. Como eu te falei, eu entrei no Música Para Todos em 99. Houve um ano sem aulas no Música Para Todos que foi de 2000 a 2001. E quando nós retomamos em 2001 as aulas, eu como aluno, eu já fui convidado para ser professor. Então comecei a dar aulas de teoria musical, dar aulas de teoria musical. Foi a minha primeira experiência como professor. Eu trabalhei durante um ano no Música Para Todos, 2001, 2002, com carteira assinada e, foi o meu laboratório de ensino, foi ali onde eu aprendi o que funcionava, que não funcionava, qual seria o meu jeito de ensinar que na primeira fase eu imitava muito o meu professor de teoria que era o Camok ou o Reginaldo, só que, claro, era uma linguagem, a linguagem do Reginaldo era muito complexa para o nível do aluno que eu estava recebendo no Música Para Todos. Então foi um período de adaptação, onde eu tinha que encontrar à minha maneira de ensinar e conversar com esses alunos. E o mais incrível de tudo foi que logo no começo da minha experiência docente, eu tive aluno que era criança, adolescente, adulto, idoso, tudo na mesma sala, aula de teoria. É lá, era assim, né? E eu achava isso muito bom, porque a maneira como eu tinha que falar tinha que alcançar todo mundo. Eu agradeço muito o Música Para Todos por ter me dado essa oportunidade de trabalhar e ter aprendido, feito o meu estágio docente muito cedo. Então, quando eu fui fazer meu estágio docente, eu já era um professor mais experiente. Mas o meu estágio docente mesmo, foi no Música Para Todos primeiro.

Fonte: Elaborada pela autora (2023)

O início da atividade docente para os sujeitos: P2 P3, P4 e P5 foram experiências precoces, pois, antes mesmo de iniciarem a graduação, já ministravam aulas de forma autônoma, dando aulas particulares para amigos e conhecidos, ora se deslocando para a casa dos alunos ou no próprio espaço idealizado pelo professor. Essas aulas de música acontecem geralmente de maneira informal, com metodologia de ensino baseada na observação, imitação e repetição. Silva (2009) afirma:

Esses processos de musicalização informais ocorrem na prática e no convívio com os pares. Incorporam, assim, um processo educativo em que os conhecimentos são elaborados numa configuração distinta dos métodos formais. Não há, por assim dizer, uma organização de uma situação de aprendizagem. Há, no entanto, uma introdução do indivíduo no fazer musical,

que o leva a extrair experiências de aprendizagens através da observação e da imitação (SILVA, 2009).

Outro dado importante foi a atuação desses sujeitos: P1, P2, P4 e P6 em espaços legitimados de estruturação do *habitus* musical, por exemplo na Escola de Música de Teresina, hoje chamada Escola de Música Possidônio de Queiroz e na banda de música do 2º Batalhão de Engenharia de Construção (P4).

Sobre a valorização do profissional docente, duas falas evidenciam o prazer que eles tiveram ao ter suas carteiras assinadas como professores de música. Essa fala deixa transparecer a satisfação em ter como ofício a arte de ensinar música. A assinatura da carteira era como um carimbo de validação da profissão de professor de música. Veja o trecho das falas desses dois sujeitos:

[...] Meu primeiro trabalho, minha carteira foi assinada em 1999 no instituto CEPLA com a professora Cecília Mendes. No bairro dos noivos, Fundação Centro de Cultura e Educação Permanente Lineu Araújo perto do Teresina Shopping, minha carteira foi assinada lá como professor de música em 1999. (P5)

[...] Então eu fiquei no Dom Barreto até eu terminar o curso, quando eu terminei o curso no ano seguinte, isso foi em 2010 quando entrei pra estagiar. Em 2011 eu concluí o curso e a escola me contratou. Então eu passei a ser professora de música do Instituto Dom Barreto [...] (P6)

Nesse encontro com a docência, percebemos que a constituição do *habitus* docente ocorreu ao longo das suas histórias de vida em especial no decorrer do processo como educadores, os saberes e os conhecimentos foram sendo internalizado e incorporando como legítimos. Esse *habitus* constituído é exteriorizado, na forma de ser, agir e pensar no mundo e “...determinam as formas de pensar e de agir dos professores e professoras”. (BALDINO; DONENCIO, 2015, P.268).

A próxima pergunta trata do planejamento da carreira docente, isto é, se eles planejavam ser docentes da área de música. Veja no quadro 06 logo abaixo as respostas dos professores:

Quadro 5 – *Habitus* docente: Planejar ser professor(a)

Sujeitos	Planejava ser professor(a) de música?
P1	<p>Olha, nisso eu tenho que ser honesto numa coisa. Eu sempre quis ser professor de música. Mas eu tentei também, até um certo ponto, eu até sonhei com uma carreira de músico concertista, mas eu acho que o tempo foi me mostrando que eu poderia render muito mais como professor de música, como pesquisador. E hoje eu me considero muito mais um professor de música, pesquisador do que propriamente o músico. No sentido de performance, né? Mas durante algum tempo, eu sonhei em viajar, viver da performance musical. Mas, abracei bem a carreira de professor de música. E eu acho que hoje eu sou mais realizada assim.</p>
P2	<p>Não. Hoje é aquilo que eu falei, eu me assumo como uma pessoa que gosta de ensinar e eu até brinco assim, eu acho que eu gostaria de ensinar qualquer coisa, eu não teria nenhum problema eu gosto disso, é uma característica minha e hoje eu assumo isso quando eu repenso minha história de vida. Mas, o professor Emanuel ele meio que foi um acidente assim, eu diria talvez, não uma palavra tão forte como acidente, mas assim foi um espaço profissional que apareceu e na época tocando, não me enquadrei muito bem com alguns outros espaços profissionais em música. Toquei em casamentos, toquei em barzinhos, mas, acabou faltando da minha parte uma organização para fechar esse ponto. E já o professor não, quando aparecia “Emanuel eu preciso de alguém pra dar aula de violão em um lugar tal”, e eu fui, aquilo ali funcionou melhor para mim, agora eu não saberia dizer por que funcionou melhor pra mim, de sim, se encontrar num determinado momento a segurança daquilo e tal me pareceu uma coisa mais organizada, você vai segunda, quarta e sexta manhã ministrar uma aula, é diferente dessa vida da performance, que assim você fecha contrato em diferentes momentos, aquele corre, não sei se por isso talvez seja em parte [...] Hoje eu digo isso porque eu também me encontrei com essa coisa de lecionar, porque eu via na época amigos que também lecionava para ganhar um trocado, mas eu via que a pessoa não gostava de lecionar e alguns que diziam isso [...] Então eu me identifiquei gostei, eu gosto de ensinar eu gosto deste momento dessa partilha e assim, a docência foi o que apareceu, mas posso dizer que foi o que me conquistou também.</p>
P3	<p>Não, como eu disse assim a música surgiu na momentaneamente talvez da minha vivência no interior eu tinha visto a banda de música tocar. Gente da minha família que já tocava instrumentos. Por isso que aprendi a tocar o mesmo instrumento que eles já tocavam até de observar eles tocando. Então eu devo ter pego subsídios para de lá começar o meu ensino. Então, quando eu fui escolher o instrumento, eu escolhi o instrumento que eles já tocavam, nem sabia se tinha condições de chegar a desenvolver no instrumento. Mas consegui desenvolver bem no instrumento. Então o despertar na música foi isso nesse momento, e também meu primeiro emprego dito como emprego foi trabalhar na banda de música da Escola Técnica como professor de música. Então todos os cursos que eu fazia eram direcionados para a área para</p>

	aprimorar a minha experiência e desenvolver o meu trabalho frente a música banda de música [...]
P4	Como eu falei, planejar eu nunca planejei não, mas assim, eu sempre fui decidido na minha vida, eu queria ser músico e pronto. Aí essas outras coisas foram acontecendo, bom eu aprendi alguma coisa e, gostava de conversar, gosto de ler, gosto de conversar e encontrei na docência uma forma de extravasar isso. E aí as pessoas percebiam isso e diziam: “ Eu quero que você me ensine” e aí comecei a trabalhar com isso,
P5	Desde sempre. Eu nunca pensei que eu iria fazer outra coisa, eu sabia que ia ser músico e rapidamente eu descobri que o professor paga os boletos, você pode compor, você pode cantar, você pode fazer arranjo, você pode fazer o que quiser, mas quem vai pagar os boletos é o professor, é o contracheque do professor que vai pagar a conta de água e luz. Então eu rapidamente percebi que precisava ser professor para poder não trabalhar com outra coisa, só trabalhar com música.
P6	Não planejava. Isso foi consequência. Eu fui para o curso de música porque estava estudando música, mas eu não pensava assim que aquilo seria minha profissão. É tanto que eu mantive a ideia do curso técnico em contabilidade, porque eu pensava assim: ai meu Deus será que pessoa vive disso, rsrs?! Eu não tinha esse pensamento, mas quando cheguei para estagiar na escola Dom Barreto, é que eu vi que aquilo era possível. As crianças, como eu falei, um público muito aberto, muito engajado, muito afetivo, muito carinhoso e tudo. Então aquilo foi o que me despertou para essa coisa de ser professora e perceber como a gente pode ajudar as outras pessoas a crescerem enfim [...]
P7	Sim, por conta da minha mãe, né? Alinhar o útil ao agradável.

Na resposta da questão, percebe-se que uma parte do grupo: P1, P5, P7 se via como professor e decidiu que trabalharia lecionando música. No relato do P1, ele discorre: que, embora sonhasse em paralelamente seguir a carreira de músico concertista, compreendeu que a carreira docente renderia mais frutos. Já para o P5, a docência era meio pelo qual ele estaria sempre em contato com a música, de tal forma que não poderia trabalhar em outra atividade que não a atividade musical, seja tocando, compondo ou lecionando. O P7, tendo inspiração a mãe, desejava seguir o

caminho da docência. Os demais sujeitos: P2, P3, P4, P6 responderam que não planejavam ser professores, gostavam da música, estudavam música, no entanto não se programaram para a profissão docente, embora gostassem de ensinar. O entrevistado P4 afirmou que à medida que ele ia adquirindo conhecimento musical, também tinha a necessidade de transmitir esse conhecimento: *“Aí essas outras coisas foram acontecendo, bom eu aprendi alguma coisa e gostava de conversar, gosto de ler, gosto de conversar e encontrei na docência uma forma de extravasar isso” (P4).*

As perguntas seguintes tratam da dimensão afetiva. O objetivo é compreender a inteligência emocional, o nível de satisfação e as expectativas dos sujeitos com relação à profissão docente. A primeira pergunta é sobre como eles se veem emocionalmente enquanto professores. Seguem as respostas, conforme apresento no quadro 07:

Quadro 6 – *Habitus* docente: Ensino de música

Sujeitos	Hoje, como se percebe emocionalmente enquanto professor(a) de música?
P1	Olha, emocionalmente é uma coisa que me faz muito bem. Eu acho que eu não me vejo fazendo outra coisa. Eu acho que completa, a minha experiência enquanto sujeito no mundo. A música, ela não é só um ganha-pão, mas ela cria sentido na vida, uma arte que produz uma narrativa. Que faz sentido para eu viver. É uma missão mesmo. Acho que é uma missão minha ensinar música. É uma tarefa que me faz bem e que me complementa enquanto sujeito [...]
P2	É difícil dizer, eu volto a aquilo [...] Que eu gosto de ensinar, então partindo dessa premissa. Então eu posso dizer que eu sou emocionalmente muito feliz com o que eu faço, eu posso dizer que trabalho com o que gosto, gosto de música e gosto de ensinar. Dentro disso, de ser emocionalmente feliz posso dizer que sou realizado, mas a gente vai tendo diversas provocações, a gente vai se criticando, se contestando, será que de fato eu estou dando aula legal essa aula de hoje foi boa, tem dias que você acha que a aula de hoje não foi legal, não atendi bem o pessoal, a aula não foi produtiva [...] A gente fica se perguntando sobre a qualidade do nosso trabalho, mas eu digo que sou emocionalmente feliz e realizado porque pra mim vem o duplo, como eu disse eu me assumo como uma pessoa que gosta de ensinar e eu gosto de música [...]



P3	<p>[...] Toda essa vivência a gente se doa bastante, quando a gente tem o contato com o aluno, então a gente fica feliz quando o aluno consegue vencer, tocar. A banda é uma família, a gente não é só professor, a gente é o colega, é o amigo. Nessa vivência a gente constrói uma amizade muito grande, quando a gente convive num grupo [...], Mas a banda tem mais vivência, contato direto com os colegas. A gente sempre diz que a banda tem esse momento da troca, da amizade, do coleguismo, da vida social, de estar sempre junto. A banda é uma unidade, todos em prol de executar bem o trabalho, de se apresentar. Os momentos de viagens, para tocar no interior [...] Toda essa vivência contribui para essa afinidade com todos [...] Sabíamos onde os alunos moravam, suas condições sociais [...] e sabíamos os problemas, tínhamos convívio com as famílias dos alunos [...] Criamos esse vínculo afetivo com o aluno. Já estou com mais de 40 anos na profissão, mas ainda hoje chegam ex-alunos que progrediram na formação musical [...] galgaram êxito na profissão musical [...] É uma família praticamente, uma segunda família. Então eu me identifiquei muito com a banda de música. A minha primeira família está em casa, e a segunda está na escola.</p>
P4	<p>Olha, tranquilo. Hoje eu não consigo passar muito tempo fora de ensinar, eu quando tenho férias, sinto saudades da sala de aula. E também quando tem aula em excesso, eu sinto falta das férias. É aquela história, um pé no palco e outro na sala de aula. Não é que me encontrei na docência, mas eu acho importante exatamente pelo fato de ler muito, de pesquisar bastante e é um ambiente onde eu posso compartilhar isso, se a gente ficar com isso só pra gente fica ruim demais. Mas assim, eu não me vejo aquele professor teórico, cem por cento integral, por outro lado eu acho que tô no local certo, porque trabalho no curso técnico, que visa lançar as pessoas no mercado de trabalho e, essas pessoas, como eu tenho um pé na docência e outro no mundo prático, é o casamento perfeito. Mas eu não me imagino aquele professor 24 horas ali, mas eu gosto.</p>
P5	<p>Ah, muito à vontade. Eu gosto muito da situação de ensino. Eu tenho muito prazer no aprendizado dos meus alunos. Eu tenho prazer em planejar minhas aulas. Eu estava agora como você chegou, editando o repertório do coral. São músicas que tem na internet, a partitura, eu poderia escolher a partitura e baixar o PDF e mandar pelo WhatsApp para a moça da xerox que ela copiava para mim. Mas eu gosto de colocar do meu jeito, na formatação que eu gosto, com a fonte que eu gosto. Eu gosto que tenha um nome coral do Instituto Federal campus Teresina central e tal, eu gosto das informações, eu gosto de acrescentar sinais na partitura. Então eu tenho muito prazer em planejar e executar minhas aulas.</p>

P6	[...] Eu me sinto realizada por estar trabalhando com uma coisa que gosto e de estar proporcionando ajuda aos alunos na caminhada deles, mas não me sinto realizada nesse outro sentido de ser uma profissão muito difícil e de ser muito desvalorizada [...]
P7	Emocionalmente, eu me sinto plenificado na profissão de professor de música. [...] Me sinto plenificado porque a educação nos educa, nós somos os principais afetados neste processo. Eventualmente nós estamos aqui na frente, mas a nossa função é humanizá-los para que esse processo se reverta. Então, eu vou sair dali (espaço de educação) mas eu deixei o melhor de mim para que esses alunos, que venham assumir o trabalho que eu realizei do jeito deles, da forma deles [...]

Todas as respostas convergem para o mesmo ponto, o de se sentir bem emocionalmente e satisfeito com a profissão docente. As palavras-chave citadas para essa resposta foram: completo, feliz, tranquilo, à vontade, satisfeito e plenificado. Tais termos só reafirmam o quanto os sujeitos estão motivados com a profissão. Na fala do sujeito P1 afirma:

A música, ela não é só um ganha-pão, mas ela cria sentido na vida, uma arte que produz uma narrativa. Que faz sentido para eu viver. É uma missão mesmo. Acho que é uma missão minha ensinar música. É uma tarefa que me faz bem e que me complementa enquanto sujeito [...] (P1)

O docente P3 deixa bem claro que o sentimento que o enche de satisfação é o fato de ele considerar o ambiente musical como um lugar fraterno, chegando a dizer que seus alunos são como uma segunda família. O sujeito P7 afirma sua completude porque, para ele, a educação não educa somente o professor, ela é uma via de mão dupla, ao mesmo tempo que ele educa para a humanização, ele recebe de volta essa mesma educação a fala dele afirma sua satisfação com a docência: *Emocionalmente, eu me sinto plenificado na profissão de professor de música. [...] Me sinto plenificado porque a educação nos educa, nós somos os principais afetados neste processo (P7).*

Quadro 7 – *Habitus* docente: Expectativas em relação à profissão

Sujeitos	Você se sente realizado enquanto docente? Quais expectativas em relação a sua profissão?
P1	<p>Eu me sinto realizado, mas vejo muitos problemas, principalmente de ordem política, social que atrapalha nossa atuação de músico. Aqui mesmo, onde estamos realizando essa entrevista, aqui falta material, falta sala para dar aula, não tem cadeira adequada para os alunos se sentarem, não temos instrumentos musicais e todo esse aparato técnico que falta ele atrapalha muito o andamento das aulas. É, e se eu disser que tenho boas expectativas, é até certo ponto. Porque eu acho que é uma mudança de mentalidade, tem que ser muito grande na sociedade, para encarar a música não como um entretenimento qualquer, mas como a área do conhecimento que forma a gente, forma cidadão. Cria significados na vida das pessoas. Não é só uma forma de diversão ligeira. Então acho que só vão começar a valorizar mais a música [...] Por que construir várias salas pro curso de engenharia civil? Por que não falta laboratório para eles? E por que não faltam laboratórios para outras áreas? O que falta para a música? Isso é muito, é uma questão social, no currículo oculto que existe, a gente não quer às vezes, enxergar mais existe. É porque eles próprios acham que não é tão importante. Se achassem, tinha instrumento musical, laboratório, sala de aula adequada. Então, minha expectativa, é a longo prazo. E a curto prazo, eu acho que essa realidade não vai mudar tão cedo.</p>
P2	<p>Sim, eu me sinto realizado. Expectativas, eu acho que a gente tem um grande campo de trabalho, em relação ao ensino de música, tem muito material a ser descoberto [...] A pandemia nos mostrou que a gente precisa se atualizar para acompanhar tudo. Eu posso ministrar aula para alguém do outro lado do mundo a gente precisa ficar aberto a isso. É importante pro músico conhecer a tecnologia [...] Uma consciência muito forte de que enquanto professor de música a gente está lidando com uma geração, que é cada vez mais ágil, mais ansiosa, que a realidade musical muda. A realidade musical que eu vivo hoje, eu sei que não é, se eu dou aula pra alguém que tem 17 anos hoje, embora a gente possa compartilhar dos mesmos gostos musicais, mas eu sei que o ambiente musical que ele vive é muito diferente do equivalente pra mim que é 32 anos atrás. Um amigo meu que é músico disse uma coisa: olha, nós músicos temos que tomar cuidado para não virarmos professores de história. Porque o tempo vai passando e 1 hora a gente tem que assumir que a gente tá lidando com uma música, e pra mim isso é fato, que tem 40,50, 80 anos, 100 anos ou mais. E, por outro lado, é importante que a gente continue cultuando essa música inclusive pelo valor cultural e histórico que ela tem né, eu acho importante isso, que a pessoa conheça Chiquinha Gonzaga, como assim não conhecer uma musicista maravilhosa dessas? Conhecer Bach? [...] Mas eu sei que meu aluno escuta João Gomes, isso falando de um exemplo muito básico e acessível, eu particularmente acho muito interessante o trabalho do João Gomes, mas assim é o aluno que escuta música eletrônica, que escuta piseiro, funk né [...] Eu acho que vale a pena, nós professores de música, sim a profissão tem espaço, a gente pode ver o quanto a música continua sendo importante nas nossas vidas, a gente tem um papel de</p>

	<p>educar, de ensinar as pessoas, independente se elas vão se tornar músicos profissionais ou não, algo importante no ensino de música que vem das várias outras, dos benefícios associados à música [...] Há um espaço para o professor de música mais é importante que a gente esteja atento com a velocidade que as coisas acontecem, questão da tecnologia, lidar com isso [...] Tem muito espaço pro professor de música eu vejo ainda pro futuro, há um tempo atrás eu confesso que estava desestimulado com isso , mas hoje eu vejo que a gente tem ainda um campo de trabalho mas é preciso que a gente se atualize. A gente não pode negar que o mundo tá girando e achar que vai ficar eternamente caindo na armadilha de simplesmente se realizar: “ah o meu aluno está tocando aquela música que eu gostava quando eu tinha 14 anos pela qual eu tenho grande envolvimento afetivo”. Não pode ser apenas isso, porque ali era um outro momento [...] Aqui no IFPI a gente tem alunos jovens de 17, 18 anos que gostam de música de 40, 50 anos atrás, mas ele está também em outro, ele gosta de outras coisas, ele ouve outras coisas, ele tem o círculo social dele, a gente não pode negar isso [...]</p>
P3	<p>Me sinto muito bem na minha prática docente de todo esse tempo que eu convivo aqui na escola. Porque eu sempre busquei realizar o melhor possível dentro das minhas condições, trabalhar bem e me apresentar bem, e me esforcei também [...] Para melhorar minha prática docente. Graças a Deus eu me sinto muito confortável com isso por aquilo que aprendi na minha vida [...] Minha docência foi muito proveitosa. Passo o dia inteiro na escola, minha vida é aqui na escola eu gosto de dar aula [...] praticar os instrumentos junto com os alunos. É grandioso ver eles progredirem. Eu sempre espero que meus alunos me superem. É gratificante ver eles lá na frente [...] bem avançado [...] Os alunos são nossos representantes, nós somos apenas o meio, eu espero sempre que o aluno me supere, isso é gratificante para o docente. Como já estou chegando bem no final da caminhada, a gente já não está muito motivado quando era jovem [...] Com a idade a gente vai diminuindo um pouco aquela aceleração, a gente vai pontuando, mas, a gente vai pouco a pouco. Mas a questão da responsabilidade e compromisso que você tem com o aluno não muda. Você pode ter mudado por causa da idade [...] Já na idade você é mais compassado [...] Diminui o ritmo, assim, mas em termos de ensino não diminui o ritmo, você tem mais amplitude em termos de conhecimento para ajudar os outros [...] Vamos ampliando os horizontes, direcionando melhor os alunos, já temos mais experiência em como vencer os obstáculos e motivar melhor os nossos alunos [...] Eu me sinto muito bem, realizado na minha profissão, eu gosto de tocar o instrumento. Me sinto prazeroso com a música [...]</p>

P4	<p>Eu me sinto realizado, porque como te falei, eu gosto de dar aulas só não muito. Por mais que eu tenha 22h/aulas semanais, pra mim tá bom. Agora mais do que isso, não. E as expectativas é continuar trabalhando sempre, sempre buscando aprimorar o ofício. A gente vê o resultado do nosso trabalho, a gente pega uma pessoa que entra no nosso curso e de repente com 1 ano e meio você vê os resultados daquele trabalho florescendo, eu acho muito gratificante, isso eu gosto de fazer é um esforço que vale a pena.</p>
P5	<p>Sim, com certeza. Aqui nessa última etapa, trabalhando no IFPI, me deu o que eu estava precisando, que eu precisava de tempo para planejar as aulas nesse nível que eu gosto de planejar e tempo para cuidar da minha família, do meu filho autista e uma remuneração justa. Eu não acho nem alta, eu acho que eu ganhava até mais quando trabalhava nas escolas particulares, que trabalhavam em três. Eu fazia um monte de coisa por fora. Acho que ganhava mais dinheiro quando eu trabalhava nas escolas particulares, mas eu não tinha tempo de planejar as aulas com o nível de detalhe que eu gosto de planejar, eu não tinha tempo de cuidar da minha família também, só trabalhava e era insustentável. Era um ritmo impossível [...] Quando eu passei para o Instituto Federal a minha posse foi dia 02/12/ 2019, recente agora. Quando eu passei nesse concurso isso me deu os elementos que faltavam eu me sentir uma pessoa realizada na minha profissão que era tempo para planejar as aulas e tempo para cuidar da minha família [...] e pra que eu pudesse desfrutar do meu trabalho sem aquela correria, sem aquela tensão de estar sempre no limite [...] Entrar no serviço público[...] Me deu os elementos que faltava para que eu me sentisse uma pessoa realizada com a minha profissão [...] Rapaz, agora são grandes as expectativas né, porque nesse momento especial que eu entrei no curso, o IFPI está abrindo um novo curso técnico, não vai ser mais um instrumento do curso de instrumento. Vai ser 2 cursos técnicos de músico que o IFPI vai ter. O curso de instrumento musical e o curso de canto. E dentro desse curso de canto, eu consegui, eu vou conseguir assim, eu noto que os interesses dos professores estão todos convergindo, porque eu votei, nós estamos preparando o fluxograma das disciplinas. Nosso curso tem 3 módulos. É 1 ano e meio. Então, vai ter coral 1, coral, 2 e coral 3 e vai ter percepção 1, percepção 2 e percepção 3 e as duas disciplinas ficaram comigo [...] Vou ter um coral com quarenta alunos [...] Que vão ensaiar comigo [...] A minha expectativa está extremamente alta [...] Estou muito empolgado [...]</p>

P6	<p>Essa questão da realização, eu posso dizer que sim e que não, por que eu trabalho com uma coisa que eu gosto de trabalhar que é a música, mas eu não posso dizer que no país em que vivemos é fácil ser professor, por que não é. Hoje eu posso dizer que tenho uma condição confortável, porque é uma coisa que muitas pessoas vislumbram, um cargo público, mas não é fácil, continua não sendo fácil, pois existem diversos desafios relacionados à profissão e muito pouco reconhecimento desse esforço [...] É uma profissão muito difícil eu me sinto realizada por estar trabalhando com uma coisa que gosto e de estar proporcionando ajuda aos alunos na caminhada deles, mas não me sinto realizada nesse outro sentido de ser uma profissão muito difícil e de ser muito desvalorizada [...] Eu não costumo criar muitas expectativas, eu vou vivendo, rsrs. Porque assim ainda mais assim nesse atual momento em que nós estamos vivendo, tanta coisa acontecendo na política e poucas ações voltadas para a educação, porque se a gente for pensar muito a gente vai só sentar e chorar. Vou levando, esperando sempre que aconteça o melhor.</p>
P7	<p>Bom, realizado, pra mim tem várias dimensões. E com relação às expectativas, então a minha expectativa em relação à profissão é que esse processo de educação holística que eu vou chamar de holística, porque ela envolve o social, o crescimento humanizado do profissional, as competências e habilidades técnicas da área se tornem um caminho que todos nós docentes deveríamos assumir para que mudássemos, alterássemos o sentido positivo da palavra, os sistemas de ensino, as metodologias de ensino. O trabalho de educação de uma forma coletiva, ele pode promover a ampliação do acesso à educação musical, no estado em que nós estamos, então é uma espécie de contaminação positiva quando nós trabalhamos nessa perspectiva. Porque as pessoas vão se sentir impactadas e aonde elas forem, elas vão levando o nome da instituição onde aqueles profissionais que trabalham por essa perspectiva estão realizando esse trabalho, né? Então o nome do instituto, ele vai crescendo, o nome do curso de música do instituto federal vai crescendo porque ali existem pessoas que estão verdadeiramente comprometidas com ensino, mas observando essas variáveis, sociais, humanas, as competências e as habilidades planejadas nos planos de cursos. Todas essas variáveis são consideradas para que eu ofereça o melhor acolhimento possível daquilo que os alunos trazem e aí naquele espaço de tempo institucional ensino formal que desenvolvemos nós vamos transformar o indivíduo para melhor, aí nós vamos devolvê-los para o mundo profissional de uma forma muito mais humanizada. Não estamos colocando no mercado de trabalho operários, mas seres humanos sensíveis, atentos e conscientes da responsabilidade social que cada um tem no trabalho que realizam, no caso aqui nosso o trabalho musical.</p>

Fonte: elaborada pela autora (2023)

Todos os sujeitos se sentem realizados no desempenho da profissão docente. No entanto, dois sujeitos: P1 e P6 falam da desvalorização da profissão e o P1 especificamente cita a presença de um currículo oculto que valoriza determinadas profissões em detrimento de outras. A escola como um espaço estruturado distribui competências educacionais, reproduzindo um capital cultural dominante. Para Bourdieu e Passeron (1975), a escola reproduz essa cultura dominante, perpetuando e impondo determinados valores e configurando-se em violência simbólica. As ações escolares são voltadas para impor os arbítrios culturais dessa cultura e isso acontece por meio de um *habitus* que, ao reproduzir valores de um determinado grupo social, coloca em prática a violência simbólica que legitima a cultura dominante imposta, tornando-a naturalizada, com o objetivo da conservação social e da perpetuação das relações de classe (ARAUJO, 2018).

Com relação às expectativas, os sujeitos: P1, P2, P3, P4, P5 disseram que o desejo é continuar trabalhando com compromisso e responsabilidade, sempre buscando o aprimoramento, a melhoria na qualidade docente. O docente P7 espera que a educação holística<sup>27</sup> seja um caminho trilhado por todos os docentes para que a educação seja trabalhada de forma humanizada, levando em consideração as variáveis sociais e humanas e as habilidades e competências que são planejadas nos planos de cursos, com o propósito de oferecer um melhor acolhimento aos discentes para torná-los “*seres humanos sensíveis, atentos e conscientes da responsabilidade social que cada um tem*” (P7).

A pergunta subsequente diz respeito ao aspecto psicomotor envolvendo a prática docente, que abrange a prática instrumental de cada um e seu estudo preparatório prévio, incluindo carga horária e metodologias de estudo. Apresento abaixo o quadro 09 com as respostas dos sujeitos:

---

<sup>27</sup> Educação holística centrada no estudante visa proporcionar aos educandos uma reflexão, os conhecimentos e habilidades necessárias para criar consciente e deliberadamente uma visão de futuro que eles desejem, ou seja, aprender a aprender. COELHO, Malu. Educação holística. Blog do João Maria Andarilho Utópico; Blog o santo nome; Blog vídeo, imagem e som. 4 jun. de 2009. Disponível em:

<https://educacaodialogica.blogspot.com/search/label/EDUCA%C3%87%C3%83O%20HOL%C3%8DSICA> Acesso em: 19 jun. 2023.

Quadro 8 – *Habitus* docente: Aspecto psicomotricidade

Sujeitos	Qual sua prática instrumental? Como acontece sua preparação antes das aulas na sua prática instrumental? Qual a sua carga horária de estudo semanalmente? Utiliza algum método específico? Quais métodos de estudo?
P1	<p>Violão popular, basicamente. [...] Olha, a preparação, sempre um instrumentista, o músico, apesar de eu não ser um músico que trabalha como foco principal na performance no violão, mas sempre tem o dia a dia no uso, um estudo básico de escalas, de leitura musical, de técnicas, de acompanhamento, de aprender repertório, então tem todo esse preparo diário. Mas recentemente eu tive um filho e, hoje, não consigo manter uma estrutura básica todo dia. Mas eu tento sempre avançar em algum quesito, seja escala, seja arpejo, seja repertório, todo dia eu faço alguma coisa relacionada a música, pode não ser diretamente ao instrumento. Porque eu acho que estudar música é uma coisa mais ampla, mais do que pegar só um instrumento. Ouvir música, estudar música, tirar música de ouvido, você está estudando. Você ler história da música também, está estudando performance, eu acho que tudo isso está estudando, todo dia, de alguma maneira, eu estou entrelaçado com a música. Olha, eu digo do ponto de vista artístico de arte, educação, eu trabalhei muito com a abordagem triangular da Ana Mey, pensando sempre na história da arte, na apreciação. Na análise, isso me ajudou muito. Do ponto de vista da música, eu sempre penso sempre numa questão muito maior do que só um momento da aula em si. Eu penso muito na educação como algo, também que envolve as emoções do lado emotivo, entender o aluno. Eu acho que o Henrique pinto me ajudou muito nisso. Os métodos de violão. A pedagogia Freireana, Paulo Freire me ajudou muito nesse sentido de pensar o universo cultural dos alunos e tentar trazer um repertório que faça algum sentido pra vida cultural daqueles alunos. E pensar a prática musical, sempre associada com a estruturas sociais na qual aqueles alunos estão inseridos [...] Eu sempre pensei nisso. O construtivismo, a pedagogia construtivista me ajudou muito também.</p>



P2	<p>Minha prática instrumental é o violão. É o único instrumento que eu toco, eu tenho ali os rudimentos do teclado, como eu disse quando eu era garoto eu gostava de cantarolar, eu gosto de cantarolar até hoje e isso faz parte do meu treinamento musical e hoje mais ainda, como eu disse anteriormente, quando eu estou em casa e vou estudar eu prefiro pegar o violão, tocar e cantar alguma coisa, como eu gosto do estudo de idiomas, por exemplo eu gosto de cantarolar em inglês e francês e pra mim é até uma maneira de manter pelo menos a pronúncia dessas músicas em dia [...]. Pra mim, esse estudo hoje de sentar e cantarolar músicas que eu gosto é um meio muito mais afetivo de trabalhar a música de uma forma mais ampla, porque estou trabalhando a harmonia, estou mantendo a minha técnica do instrumento [...], Mas a minha prática instrumental, ela durante um bom tempo foi associada a coisa do violão solista mesmo, eu tive isso muito forte em determinado momento da minha vida. Arrisco dizer que naquele período ali do mestrado até meados de 2013, eu poderia dizer que foi o meu auge técnico. Porque era um período que eu tinha bastante repertório solo [...] Eu não uso método específico. Na minha abordagem como professor [...] Eu uso livros de determinados autores, até porque ali tem algum exercício, alguma ideia e adapto esse material de acordo com as necessidades, interesses dos alunos, ao que eu veja que seja importante. Hoje eu vejo muito mais a pessoa que utiliza o método muito mais interessante. [...] A minha visão é como você vai usar aquele trabalho com seus alunos, de acordo com a realidade deles, no nível deles. O Scott Tennant inclusive eu gosto do material, é um material voltado para técnica, mas eu já utilizei exercícios com os alunos, mas hoje cada vez mais adequado a necessidade dos alunos. Eu segui vários tem dois autores que gosto muito. Um é o Othon Filho: Minhas primeiras notas ao violão que é um método de violão completinho [...] acho que foi um método publicado no final dos anos 60 e ainda hoje sou fã de carteirinha [...] O outro é Matteo Carcassi [...] ele faz uma abordagem por tonalidades, eu gosto. Então eu sigo estritamente o Carcassi mas eventualmente eu recomendo olha faça os estudos desse método. Se eu fosse citar dois nomes eu diria esses: Primeiras notas ao violão do Othon Gomes e o método para violão opus 59 do Matteo Carcassi [...] A minha preparação para aula, ultimamente tenho estudado repertório de acompanhamento porque é algo que supre várias necessidades minhas : harmonia porque você conhece os acordes, conhecimento da melodia porque você vai cantarolar alguma coisa e você tem um elemento intervalar, não deixa de ser um estudo de solfejo informal, questões de tessitura [...] Então hoje eu faço esse tipo de repertório , a preparação para aulas de instrumento incluem separar o repertório que eu vou utilizar com os alunos. A minha maneira de trabalhar com plano de aula, eu trabalho com tópicos [...] Ainda assim, eu mantenho um momento para praticar alguma escala no instrumento. Todo dia eu pego no violão, pouco mais pego, as vezes eu pego só pra conferir uma harmonia e às vezes eu sempre chego nas minhas aulas e aí eu pego um instrumento disponível [...] Aí reviso a digitação de uma escala, mas sempre de uma maneira muito menor do que era há alguns anos [...] Uma parte da minha preparação implica em ficar consultando o repertório que vou usar na prática de conjunto [...]</p>
P3	<p>Meu instrumento é o trompete, que utiliza bocal [...] A gente se educa para estudar, existem várias metodologias, meios que permeiam sua forma de planejar sua hora para o estudo musical. E no planejamento das aulas, o professor faz o planejamento [...] Mas quando chega na prática, às vezes, chega na hora é diferente. Inicialmente quem toca instrumento, antes da aula já deve estar preparado, aquecido. Uns 10 minutos antes deve aquecer para</p>

	<p>não entrar na aula frio, sem um preparo básico para que o instrumento soe bem [...] Antes você fez um aquecimento básico, e nesse aquecimento básico existem vários métodos [...] Por exemplo, no instrumento de sopro existem exercícios de bocejo, respiração, depois faz um exercício para aquecer os lábios (besorar) [...] De modo que os lábios fiquem bem aquecidos ao tocar o bocal [...] Faço aquecimento com notas longas. Exercícios para a escala para o dedilhado [...] Para ter uma desenvoltura de execução, e exercício para fixar o som [...] Esses são os princípios básicos. Instrumento de sopro todos os dias tem que pegar [...]. Essa preparação dura em média 15 minutos. Eu vi vários métodos ... A gente pega os métodos Claudio Gordon, Ali Venturini [...] E ver qual melhor se adequa a você. Você faz a escolha de acordo com aquilo que é necessário para você [...]</p>
<p>P4</p>	<p>A minha prática instrumental, bom eu sou violonista né, autodidata, e eu fui o meu professor. No curso de educação, como eu te falei, na parte da pedagogia, a psicologia, a didática, foram as duas disciplinas que eu achei mais interessantes, eu utilizei em mim mesmo, na minha própria formação. Eu já tinha uma formação, mas a partir destas disciplinas eu consegui melhorar um pouco a autoformação, então eu aplico isso nos meus alunos [...] Olha só, toda pessoa que lida com música, tem alguma alteração física, não tem essa [...] Não conheço nenhum que não tenha nenhuma alteração [...] Então, a gente tem que ter consciência que faz parte do ofício, cada instrumentista com o seu ônus. Eu usava, acho que 6 horas para o estudo, ou até mais. E aí, com a questão da reflexão, da prática, eu comecei a aprender a me conhecer [...] Meu método depois de alguns anos sou eu mesmo. Entrei dentro de mim e comecei as coisas a partir de dentro e não de fora. Eu tento fazer isso com os meus alunos, eu apresento o que existe e o que funciona [...] A minha carga horária de estudos antes era de 6 horas, hoje em dia eu já separo o estudo físico e o instrumental. Hoje toco muito mais mentalmente do que fisicamente. Eu comecei a ler também sobre treinamento mental, é mais um trabalho de meditação [...] Então meu tempo hoje foi reduzido bastante, ou seja, eu consigo produzir mais em menos tempo. Não preciso mais dessa quantidade de horas. O ideal seria estudar hoje pelo menos 2 horas por dia [...] Hoje eu não utilizo nenhum método específico, antes eu utilizava, e todos esses métodos no fundo, dava algumas pistas desse sentido do fazer mais com menos. Mas eu utilizei vários métodos bons, no violão os principais, os 2 mais profundos foram "La escuela de la Guitarra" e "Série didáctica de la guitarra", do Abel Carlevaro [...] Esses 2 foram os mais significativos, eu usei durante muitos anos esses trabalhos.</p>

P5	<p>Olha, o instrumento que eu me sinto mais à vontade é violão, mas o que eu mais uso do coral, é o teclado. Então, eu uso o violão, geralmente mais pra música popular [...]. Então, é violão e teclado. Como eu te falei, eu tive um momento de avanço grande durante a pandemia. Nós ficamos em casa meio que obrigados a ficar em casa, e uma das coisas que eu fiz com meu tempo foi estudar violão, então eu melhorei como violonista nos últimos anos, por conta disso, eu tive muito tempo pra estudar. Então, melhorei como violonista nesses tempos, tive problemas de postura porque, eu comecei a estudar muitas horas, coisa que eu não tinha costume. Eu trabalhava muito. Eu sempre toquei muito, mas eu tocava, não era estudando, era durante as minhas aulas. Eu usava o violão como instrumento de apoio nas minhas aulas de musicalização. Então, um dia normal, eu tocava 5 horas tranquilamente ou só porque eu não era um contexto diferente, eu só estava usando um instrumento para dar aula. Não era estudando o instrumento. Então, durante a pandemia, eu pude continuar com essa, com esse mesmo ritmo, só porque estudando isso aí eu tive problemas de postura [...] Então, segunda, terça e quarta-feira de manhã, eu passo a manhã inteira dedicado à música, essas 3 manhãs [...] Rapaz, a minha formação em violão é informal, porque o que eu estudei na UFPI foi canto, eu não estudei violão. Então eu sou uma pessoa muito esperta, sou professor de música e sou músico, então eu sei pesquisar isso aí, a parte teórica de harmonia, de percepção é a mesma para cantar e para tocar. Então eu pesquisei por minha própria conta e também pela minha própria prática maneiras de estudar violão, métodos, técnicas e desenvolvi o meu próprio jeito de estudar. Eu tenho 2 estudos, que é prática que normalmente as pessoas adotam: um estudo técnico e um estudo de repertório [...]</p>
P6	<p>Na prática instrumental, eu já utilizei muitos instrumentos, mas a prática atualmente está mais focada na flauta doce, eu não posso dizer que esse instrumento é o que eu toco profissionalmente. Mas está centrada na flauta doce. Já estive mais centrada no canto e no violão, que foi na época em que eu trabalhava com as crianças, que tinha as oficinas de flauta doce, mas o pontual mesmo era cantar e tocar violão [...] Minha preparação, eu tiro um tempinho para estudar, porque assim se temos que fazer alguma demonstração, se a gente tem que especificar o que que é um exercício prático ou uma dinâmica, então tudo isso nós temos que já ir preparado. O ideal e o certo é estudar aquilo antes para poder otimizar o tempo. A carga horária de estudo varia muito, às vezes quando tem mais tempo, é mais tempo, é assim [...] Eu utilizo vários métodos, eu costumo dizer que primeiramente é pensar essencialmente naquilo que a gente precisa oferecer para o aluno, pensar em técnicas e o que temos de métodos e repertório. O mesmo método que eu utilizo para estudar é o mesmo que eu aplico no ensino com os alunos. Tem o Monkemeyer, os Hans Keuning, método Suzuki entre outros [...]</p>

P7	Então, essa preparação para as aulas, ele na verdade, ela nunca, ela não é segmentada na minha visão, né? Porque em todas as aulas eu estou tocando com os alunos. Então eu não deixo, eu não fico assistindo o aluno tocar, eu estou tocando com aluno, então o exercício que ele faz eu faço. A música que ele toca, eu toco no outro. Então, à medida em que ele cresce, eu estou crescendo junto com ele. Ah, não é um repertório difícil para mim, mas eu estou oferecendo condições criativas de que mesmo aquele repertório simples se torne algo muito complexo, porque eu estou oferecendo as ferramentas criativas, então para mim, a técnica, a preparação técnica, ela acontece em todos os momentos. Em sala de aula e fora da sala de aula, porque eu também estou tocando. E todo dia eu toco, não do jeito que eu queria, mas eu deixo um piano em casa para eu ficar tocando pelo menos 1 hora, né? Na hora que eu tenho, todos os dias, mas eu não toco músicas, eu faço manutenção de técnico [...] A prática instrumental é piano, e o método específico é o Hanon e outros métodos [...]
----	---

Fonte: elaborada pela autora (2023)

A maioria dos sujeitos: P1, P2, P4 e P5 tem como prática instrumental o violão, e os demais possuem prática variada, como trompete (P3), flauta doce (P6) e piano (P7). Todos disseram manter uma rotina de estudo entre 15 minutos e duas horas diários. Ainda sobre o tempo de estudo, a maioria afirmou que ele é centrado no aprendizado do aluno, mediante o objetivo de cada aula. Com relação aos métodos utilizados, todos relataram que já usaram ou usam algum método e que os recomenda para seus alunos.

Quadro 9 – *Habitus* docente: Aspecto Psicomotricidade

Sujeitos	Você pensa em algum exercício que trabalhe a corporeidade discente na preparação das suas aulas, considerando cada faixa etária?
P1	Olha, eu penso muito na questão rítmica, entra muito o se expressar com um instrumento de percussão. Eu gosto muito de usar instrumentos de percussão. Nas aulas de educação musical, bater palma. São exercícios que uso muito, entender primeiro o ritmo no corpo, antes de pegar um instrumento, talvez para mim é essencial. Mas existe a adequação, de acordo com cada turma e faixa etária [...]

P2	<p>No exterior [...] Certa vez eu fiz um com garoto, ele tendia a tocar muito curvado sobre o instrumento e um dia eu fiz uma brincadeira com ele [...] Depois mostrava para ele as duas formas: olha aqui é a posição ruim, aqui é posição boa. Aí falava com ele posição ruim, posição boa. Ele ia me mostrando as posições, mostrei para mãe dele e ela achou uma maior barato [...] Aqui eu uso sim várias analogias para demonstrar como funciona: olha tua mão está desse jeito que você vai fazer? Manter os dedos, mas agora você vai girar a partir do seu pulso sobre o pulso [...] Fulano você está usando seu polegar muito pra fora pense que você vai dá uma joinha [...], Mas tudo que a faixa etária eu vejo é o feedback do aluno [...] A gente usa diversas analogias [...] Não penso tanto na faixa etária, mas você sabe que quando está trabalhando com uma pessoa idosa ou de meia idade você não tem tanta flexibilidade. Você sabe que ela pode ter uma maior dificuldade com movimento, então você vai respeitar aquele tempo [...], Mas eu penso mais que a faixa etária é esse espaço que o aluno me dá ou não. Você chega inicialmente faz ali um quebra gelo e aí você percebe não essa turma é mais séria e eu não vou forçar [...]</p>
P3	<p>Hoje a gente tem, com a evolução da tecnologia, você pré-estabelece antes de uma ação [...] Tocar um instrumento: exercício de inspiração e expiração. A gente faz alguns tipos de exercícios corporais que são levados para o instrumento [...] No caso de instrumentista de sopro, então ele pode fazer alongamento dos dessa região da caixa torácica, exercícios de inspirar e expirar, trabalhando a questão do tronco e abdômen, rotação dos braços [...] Então toda essa região abdominal e tórax é trabalhada além dos braços [...] Tem esse preparo antes. Trabalhar os órgãos envolvidos no caso o pulmão inspirar e expirar em pouca quantidade para isso, para manter a oxigenação sanguínea.</p>

P4	<p>Olha, é aquela história, quando eu vou ministrar a aula eu primeiro vejo para quem eu vou ministrar essa aula e a partir disso, eu planejo assim. Eu atuo de forma diferente, se eu for ministrar aula para crianças o meu comportamento é outro, de acordo com a faixa etária, e não só a faixa etária, mas de acordo com o nível social da pessoa, eu procuro me adequar, inclusive a linguagem [...] A questão do corpo, existem algumas coisas bem complexas ao longo da história do violão, por exemplo na idade média o violão era tocado com palheta, e a partir do século XVI, começou a usar dedos. E tem a questão também de segurar o instrumento, que é um dos maiores problemas de hoje em dia para um violonista, aquela postura da escola clássica ela tem aleijado muitos violonistas, aleijado assim entre aspas, tem entortado a coluna de muita gente. Se observar o passado do violão não era assim de você colocar ele na perna esquerda, ele sempre foi na perna direita. E aí eu sempre coloco para o aluno essas 2 opções e ainda coloco uma terceira que seja intermediária que tem alguns violonistas flamencos tradicionais que chegam a utilizar entre as duas pernas e não nem nessa, ou nem nessa. Enfim, eu experimento e deixo ver o que o aluno se sente mais à vontade, levando em conta a anatomia de cada um, o que é bom para cada um.</p>
P5	<p>Sim, a gente sempre faz quando trabalha com coral, porque a gente canta e toca com o corpo inteiro. Então existe sempre uma rotina de alongamento, de massagens e de vocalize, o jeito de sentar na cadeira a gente planeja que não seja muito relaxado, uma parte do ensaio a gente faz em pé que para a respiração isso faz muita diferença. Então, sim, eu tenho essa preocupação com a postura dos meus alunos e com a maneira como eles vão ensaiar, como eles estão se colocando fisicamente e a repercussão disso no resultado sonoro do trabalho.</p>
P6	<p>Olha, eu confesso que eu deveria fazer isso na flauta doce, mas era mais comum eu fazer isso com o pessoal do canto, com as crianças, com os alunos de canto coral, que é uma etapa muito importante, mas com os alunos de flauta não. A gente trabalha a consciência corporal, no sentido de, sendo um instrumento de sopro, a respiração é uma coisa fundamental, então se a gente percebe que o aluno está com uma má postura que vai interferir naquilo, aí faz a correção, mas nenhum exercício preparatório nesse sentido, não.</p>

P7	Bom, eu me preocupo, não é constantemente com isso, mas eu primeiro, ajusto a postura do aluno para tocar, e quando ele vai tocar, eu fico observando como o corpo dele reage. Graças a Deus, assim, eu não tenho alunos que me deem trabalho nesse sentido. Até porque hoje, no ambiente escolar é muito delicado você tocar nas pessoas, especialmente nas mulheres. Eu como professor homem, eu evito tocar nas mulheres, nas alunas, assim como eu evito tocar nos alunos. Então eu prefiro estar tocando com eles para que eles observem como meu corpo reage, já que nesses ambientes institucionais, né? A gente tem essas leis que resguardam o aluno no sentido do assédio, não é? Eu sempre fui muito preocupado com isso, de não alinhar a minha imagem a esse tipo de situação, então eu prefiro tocar com os alunos do que tocar neles. Eventualmente eu toco sim, mas eu pergunto se eu posso [...] Mas eu sempre observo a questão da postura.
----	---

Fonte elaborada pela autora (2023)

Nas respostas da questão, observamos que todos tem a preocupação em preparar a corporeidade do aluno. Esse trabalho é realizado através de atividades que trabalhem a respiração, postura, posição das mãos dentre outras, tendo como proposta uma melhor adequação do aluno ao instrumento, o que irá refletir no resultado sonoro no momento da execução instrumental.

Nessa ideia de corporeidade também se produz um *habitus*. Medeiros (2011), ao escrever sobre corporeidade à luz da teoria da Praxiologia, afirma que o corpo é portador de *habitus* quando disposições incorporadas, no caso as técnicas para tocar instrumentos, transformam o corpo até torná-lo um corpo social. Para a autora, a noção de *habitus* abrange o corpo porque, enquanto disposição, em contínua construção, aberto e sujeito a novas experiências, orienta as atividades corporais, traduzindo uma maneira de ser no mundo (MEDEIROS, 2011, p. 285).

No entendimento de Olivier (1995), a corporeidade, trabalhada pela psicomotricidade, se compreende como uma construção cultural através das relações sociais e históricas de cada indivíduo.

O corpo humano, como corporeidade – como permanência que se constrói no emaranhado das relações sócio-históricas e que traz em si a marca individualidade – não termina nos limites que a anatomia e a fisiologia lhe impõem. Ao contrário, estende-se por meio da cultura, das roupas e dos instrumentos criados pelo homem. O corpo confere-lhes um significado e sua utilização passa por um processo de aprendizagem de hábitos. (OLIVIER, p.47-48).

A pergunta seguinte trata também da dimensão afetiva que perpassa a escolha dos repertórios a serem trabalhados com os seus alunos. O objetivo é entender como o gosto pessoal dos sujeitos interfere nessa seleção. Abaixo segue o quadro 11 com as respostas dos sujeitos.

Quadro 10 – *Habitus* docente: Escolha do repertório

<p>Sujeitos</p>	<p>Como sua formação estética interfere na seleção desse repertório? Qual repertório costuma utilizar (gêneros musicais)? Você acredita que a escolha do repertório está de acordo com a faixa etária com a qual trabalha?</p>
<p>P1</p>	<p>Interfere muito. Eu acho que todo professor de música. O universo cultural que a gente traz, a bagagem, nossos <i>habitus</i> para falar como Bourdieu. Ele vai dizer muito o tipo de música que a gente ensina. Eu venho muito do universo da música popular brasileira, então minhas aulas estão voltadas para a música popular brasileira. Mas, é claro que também penso muito no universo cultural dos alunos. A pedagogia construtivista de Keith Swanick me ajudou muito também no processo de educação musical. Aquela coisa de pensar no que o aluno já traz que ninguém é uma tábua rasa, todo já traz alguma musicalidade e eu tenho que trabalhar a aula de música musicalmente, não só falar sobre música tem que experimentar, sentir. Na hora de escolher o repertório, eu penso muito no que os alunos já trazem, se ele é evangélico e quer tocar os hinos da igreja eu acho justo eu acho que ele esteja dentro daquele universo que ele gosta de tocar. Na maioria das vezes é música popular brasileira principalmente aquela faixa do samba, da bossa nova, da música de protesto, tropicalismo eu trabalho mais nessa linha que eu acho que é o que eu faço melhor também né! Se eu for dá aula de jazz, de improviso não é tanto o que eu faço no meu dia a dia [...] Eu acho que sim, mas eu sempre insiro algo que seja o mais contemporâneo deles, do pop rock. Porque eu acho que muitas músicas do meu tempo, eu acho que eles não conhecem. Às vezes eles não conhecem ou nem tem interesse, mas algumas eu passo porque elas são didáticas, agora por exemplo estamos trabalhando Geraldo Vandré, muita gente não sabe nem quem foi Geraldo Vandré eu acho que já é uma oportunidade também de dá aula de um pouco de história da música popular brasileira [...] Entra também nas aulas de violão um pouco de aula de história da música [...], Mas eu tento adequar um repertório básico de mpb com o que há de mais atual também que eles gostam [...]</p>



P2	<p>Essa coisa da escolha do repertório ela vai um pouco daquilo eu falei agora a pouco sobre a gente pensar enquanto professor de música e a gente tomar cuidado para que o aluno não seja simplesmente alguém: “Ah eu gosto dessa música ele vai gostar também”, o envolvimento afetivo pode ser bem diferente. Então a gente traz algumas propostas eu gosto às vezes de falar isso para os alunos: “Olha a gente vai trazer esse tipo de repertório” e eu digo porque: “Olha pode até ser que você não goste dessa música nesse momento, mas, essa música que a gente está praticando agora é por causa disso. É porque nela você vai treinar a pestana, mostrar o que é uma música Aba. É porque essa música tem mudança de tom” [...] Então eu gosto de dizer para que serve. Porque eu não tenho como negar o repertório que eu escolho, ele vai fazer parte do meu mundo musical né!? A música que eu gosto mais ou menos, mas são poucos que fazem parte do reservatório. Então eu acabo repassando isso, a gente acaba caindo nessa armadilha de repassar o nosso gosto musical para o aluno, mas dentro disso: “Olha é por isso por isso por isso que a gente tá fazendo essa música, tá é por causa disso” [...], Mas assim a gente tem que tomar cuidado para não simplesmente não repassar o nosso gosto musical. A escolha de repertório para mim se baseia principalmente em qual o objetivo daquele repertório para o aluno, de repassar alguma coisa para ele. E eu gosto de convidar o aluno a explorar o repertório que ele toca [...]</p>
P3	<p>Quanto ao repertório, cada grupo instrumental e cada instrumento tem seu repertório básico [...] No caso da banda de música somos levados mais a tocar os dobrados e passo dobre para vibração da tropa [...], Mas a banda também toca repertório erudito, popular, música folclórica. Então a banda abrange muito isso, porque hoje você tem um leque de opções de músicas que pode ser adaptada para diversos tipos de grupos musicais. A banda hoje tem repertório tradicional e alguns arranjos que são feitos da MPB para banda de música tocar. Então quando a gente toca aquela dobrados militares para a população, muitos desconhecem aquelas músicas. Viram a banca tocar, mas não toca a sensibilidade do público. Mas já quando você toca uma música que é popular, popular é que já pertence ao povo, que é uma música difundida nos meios de comunicação em massa, e é feito um arranjo específico daquela música em um contexto de arranjo e guitarras para uma banda de música com os instrumentos de sopro, que hoje envolve também não só instrumentos de sopro, mas eletro eletrônicos, guitarra, baixo, bateria [...] Então a gente toca esses arranjos, que são populares, que são arranjados, a gente acessa uma gama maior do público. Então o repertório a gente elabora ele tendo em vista o público, também com nível técnico do seu músico [...] No meu caso eu só boto músicas dentro do nível técnico que eu vejo que meu grupo tem capacidade de execução. Então músicas que são elaboradas dentro do nosso repertório é de acordo com o contexto dos músicos, a condição deles. Então eu dependo deles. A música só vai ser executada se eles conseguirem executar a obra, se não conseguir executar não adianta. E se tiver dois, três, eu não consigo tocar aquele tipo de execução musical porque os músicos não têm condições técnico instrumentais de trabalhar aquela determinada obra.</p>

P4	<p>Existe dentro do ensino do instrumento, aquilo que nós chamamos de repertório padrão para tentar resolver determinadas necessidades motoras ou mecânicas [...] Eu tento utilizar alguma coisa desse repertório chave, mas também eu faço sempre uma consulta, um diálogo com os alunos, sobre a identidade daquele repertório. Porque não adianta você passar um repertório artificial para o aluno, o que pode ser bom mecanicamente, mas não vai ter significado para eles, então repertório a gente também sempre molda [...] Se não encontrar alguma coisa que resolva essa demanda técnica eu escrevo alguma coisa nesse sentido estilo [...] É sempre negociável [...] Todos os gêneros, todos entre aspas é claro. Eu procuro utilizar a minha formação clássica, a gente está numa escola que os alunos tem história da música, uma série de disciplinas correlatas. A gente tenta mostrar alguma coisa ou a nível de curiosidade, mas eu procuro sempre dá uma pincelada de história no repertório. Mas também uma boa dosagem de contemporaneidade, contextualização, levando a consideração a bagagem que o aluno traz [...], Mas é isso, primeiro eu conheço o aluno, vejo onde ele está inserido socialmente, culturalmente, para depois a gente vê repertório. O repertório eu nunca preparo antes de conhecer a turma, eu preparo ideais do que aquele aluno precisa dominar num instrumento [...]</p>
P5	<p>Interfere muito, totalmente. Então o trabalho, o repertório coral, para mim, é o repertório que eu aprendi com o professor Reginaldo, né. Ele tinha duas práticas. Ele tinha uma prática de fazer arranjos para músicas populares. As músicas populares que ele trabalhava com o coral dele eram com o arranjo dele e eu também faço isso. Geralmente as músicas, hoje nós estamos cantando duas músicas aqui, começamos no momento com duas músicas novas no coral e os dois são arranjos meus [...] Então o meu repertório de coral é um repertório erudito. E quando é popular, é com arranjo meu, e o meu repertório de violão é repertório popular. E, em raras exceções, eu faço um repertório erudito do violão [...] Então eu tenho essas duas vertentes: eu sou erudito no coral e sou popular no violão [...] Eu peço a eles que escolham canções populares que eles gostariam de cantar que eu vou ajudá-los a preparar essas canções, eu vou correpetí-los ao violão [...] Então nós temos os dois repertórios contemplados, o que eles escolhem e o que eu escolho e é mais ou menos um equilíbrio né? Eu toco as músicas deles e eles cantam as minhas.</p>

P6	<p>Essa é uma discussão, uma reflexão que eu particularmente venho fazendo desde a minha graduação. Então o que a gente percebe, que a gente recebe, ou pelo menos o que eu recebi lá da Universidade Federal, eu recebi o que os meus professores receberam dos professores deles. Então a maioria deles, tinha a formação de conservatório, então eles priorizaram a música erudita e o que foi que aconteceu comigo na hora que cheguei na escola básica para atuar com os meninos da educação infantil, esse repertório a princípio não serviu. Então essa é uma reflexão que eu tenho feito nesse sentido do que a gente precisa saber para a gente poder proporcionar para o nosso aluno. Eu procurei dentro da minha prática, ao longo desses 12 anos não reproduzir isto, estudar e pesquisar de que maneiras a gente pode se aproximar mais desse aluno, para deixar essa experiência de aprendizagem musical mais significativa para ele. Então na hora de selecionar um repertório, é claro que se eu tenho um aluno que chega, que já vem desse meio erudito e quer tocar música erudita, tranquilo ele vai tocar música erudita, porém ele também vai tocar música popular, alguma coisa do meio dele, mais nova [...] Isso também influencia muito na motivação deles pra aprender música. Então quando eu vou selecionar um repertório eu penso muito nisso, a idade deles, o que eles querem, o que eles já tocam ou gostariam de tocar, eu considero muito o que eles trazem e a partir disso tentar ampliar a experiência deles, para não continuar sempre tocando a mesma coisa e também não deixar de ver alguma coisa.</p>
P7	<p>É curioso porque normalmente, o aluno que vem pra cá, ele já sabe como eu sou. Já existe uma comunicação externa, dito o que esperar da minha aula, porque os próprios alunos atuais fazem esse marketing externo com os outros músicos, e aí então, basicamente eu estou recebendo alunos por indicação. Então o aluno já sabe que eu gosto de jazz, que eu gosto de harmonia, que eu gosto de improvisar. Então o aluno quer aprender isso, ele vem por conta dessa, desse meu viés. Mas quando ele chega aqui, ele se depara com outra situação, de que para chegar ali é preciso estudar o repertório dito de concerto, de música erudita [...] Então eu não tenho barreiras em relação ao repertório, o aluno quer tocar música gospel, pois vamos aí, você entrega uma música gospel para eles, mas olha essa música aí está pedindo uma base, essa base vem desse repertório então eu entrego uma invenção de Bach pra ele. Então, se tocar essa invenção e estudar essa música junto você vai tocar muito melhor porque esse música tem esses elemento que a invenção de Bach também tem. Então se eu passar só essa música gospel pra você, você vai tocar, mas você pode tocar muito melhor, se você tocar essa inversão também. Então vamos começar a mexer nessa música gospel. Vou pegar agora alguns acordes que estão na música de Bach [...] É que eu estou ensinando para ele que não existe uma música só, existem músicas e é elemento dessas músicas. E isso só existe em mim, porque eu estudei na musicologia muito a parte de análise musical [...] Então aí o aluno começa a perceber isso, que é importante, que ele vai aprendendo a lidar com essa forma híbrida de repertório [...] Com relação ao repertório, bom, isso depende muito de cada aluno. Mas eu peço que eles negociem comigo sempre [...] Ontem foi a separação do repertório para o próximo bimestre. Então eu chamei de um por um e pergunto qual música você quer tocar? “Essa”. Aí fui lá as que não conhecia fui ouvir e já ao ouvir: “Olha essa música dá certo com essa pra você estudar junto”. Então o aluno que pensava que ia tocar só uma, já sai com duas músicas, mas bem diferentes normalmente são as ditas eruditas com músicas ditas populares. Não</p>

	necessariamente a faixa etária, mas com o propósito artístico que trouxe o aluno para o curso. Como é um curso muito rápido, eu tenho que trabalhar em cima do que o aluno quer [...] Então, é sempre direcionado com aquilo que o aluno quer aprender.
--	---

Fonte: elaborada pela autora (2023)

Sobre a escolha do repertório, os sujeitos: P1, P2, e P5 declararam que a formação interfere sim na escolha do repertório, pois você acaba sendo influenciado e também, em certa medida, influencia seus alunos. No entanto, todos afirmaram que levam em consideração os conhecimentos prévios que os alunos trazem para a sala de aula, bem como seus gostos musicais. Machado (2020) afirma que o gosto pode ser compreendido como uma das consequências do *habitus*; ele é construído ao longo da vida e das escolhas, dependendo das condições, que cada sujeito faz (MACHADO, 2020, p 304). Citando Bourdieu, o autor afirma:

o gosto está ligado à classe social, sendo que cada classe tem seus valores estéticos, seu gosto musical, o que funciona como um fator determinante à categorização das pessoas, onde não há algo tão poderoso para a distinção dos indivíduos quanto o gosto musical (BOURDIEU, 1979, p. 17 apud MACHADO, 2020, p.304).

Para o sujeito P3, a escolha do repertório é, por vezes, centrada naquilo que o aluno deseja tocar e também em seu nível técnico. Porém, P2 reforça a necessidade do acréscimo de outras músicas necessárias para trabalhar técnicas específicas de cada prática musical. Reforçando essa ideia P6 afirma: *“Existe dentro do ensino do instrumento, aquilo que nós chamamos de repertório padrão para tentar resolver determinadas necessidades motoras ou mecânicas”*. O objetivo é promover uma experiência musical mais ampla com o acréscimo de peças no repertório musical desse aluno.

Chegamos agora à última pergunta do roteiro de entrevista, que diz respeito à dimensão ético-política. O intuito é descobrir como o professor compreende a dimensão do estudante de música como cidadão, como as artes/música se vinculam ao exercício da cidadania. No quadro 12, seguem as respostas dos sujeitos:

Quadro 11 – *Habitus* docente: o estudante de música como cidadão

Sujeitos	Descreva a sua compreensão do estudante de música como cidadão. Como a leitura de mundo pode ser realizada através da educação musical?
P1	<p>Olha, a pergunta é muito boa e ela gera até polêmica, né? Porque eu acho que nós, professores de música, vamos para uma questão social mais ampla do cidadão, não é? Às vezes, nós somos de o quê? O perfil da maioria dos professores de música, eu acredito que de classe média, que teve acesso à cultura. Né? Então a gente tem de achar que o tipo de música que a gente ensina é melhor e superior. Eu não penso muito assim. Eu acho, por exemplo, que o funk faz sentido para quem nasceu ali na favela, para quem vive naquele universo. Eu não condenaria um aluno por trazer um funk para ouvir, o rap, o funk. Não acho que são músicas menores. Só que eu penso que, é óbvio que existe aí uma certa faixa etária, né? Que talvez algumas músicas, né? Aquelas expressões que elas trazem, não sejam tão adequadas para se trabalhar na sala de aula. Mas eu acho que a escola não pode criar uma redoma e achar que os alunos têm que ouvir só Tchaikovsky, Beethoven, Brahms ou Chico Buarque e Caetano Veloso. A escola, ela tem que se abrir e tentar entender esses diversos universos culturais que existem. De quem nasceu no contexto da favela, de quem nasceu na periferia. De um tipo de música que faz sentido para aquela pessoa. Então eu penso muito nesse universo cultural do aluno, que tem que entrar de alguma forma na escola também [...] Às vezes pode não ser meu estilo preferido de música, mas eu acho que eu tenho que me comunicar com o universo deles.</p>

P3	<p>É uma coisa muito ampla, muito complexa de falar, mas assim, a música está inserida dentro do próprio ser humano na pulsação rítmica do coração, o seu modo de andar, de falar, o seu movimento, essa musicalidade está dentro do ritmo, você tem um ritmo marcado, seu passo, seu modo de falar, e a música convive com o ser humano internamente. Então existe uma musicalidade que canta com você, quando determinadas composições vão tocar sua sensibilidade. Então aquela música que toca a sensibilidade da pessoa, elas gostam daquela melodia, e nem sempre a questão do gosto é discutível. Você se educa para aprimorar. Quando essa musicalidade toca sua sensibilidade, então você se sente feliz ou angustiado, tem estes dois momentos [...] Então, a música pela melodia, a letra em si, a composição e como ela é transmitida para este público, tem o poder muito grande de sensibilizar este povo e mudar um pensamento, criar ideias. Então o poema, que está inserido dentro de um contexto melódico, se ele é tênue, se ele é melodrama, se ele é muito eloquente, depende muito da poesia dentro do contexto melódico. Então, tem-se uma poesia e eu vou musicalizar essa poesia, essa melodia talvez eu queira que seja muito explosiva, ou melancólica, alegre ou triste, e ela tem esse grande poder de tocar a sensibilidade da pessoa e mudar pensamentos. Assim, a música, a arte em geral, transmite ideias, e essas ideias chegam a dominar, motivar, ou modificar determinado conceito que as pessoas tenham sobre diversas concepções do mundo interiorizadas nela. Então tem as músicas ditas de protesto [...] Então ela é feita direcionada para esses aspectos. Isso vem muito de como o compositor/criador consegue conceber aquele momento e ele vai criar aquele tipo de letra que vai retratar e a musicalidade como ela vai tocar a sensibilidade da pessoa [...] Quando eu penso assim "vamos nos apresentar em um determinado contexto" pensamos em tocar em algo que se adequa ao momento e às pessoas, que vai ter conexão tanto do seu grupo como do povo [...]</p>
P4	<p>Olha, eu trabalho com música instrumental, já não corre o risco da letra induzir determinadas coisas. A música ela sempre foi um produto de sua época, a gente tem um grande problema, que é daquela figura do conservatório [...] Aquela coisa da doutrinação. O ensino de música sempre foi mais mundano, mais real [...] Mas, a partir disso sempre existiu aquela música chamada funcional, essa música vai servir para essa função e aquela outra para outra função. Então, eu procuro conhecer o aluno socialmente e culturalmente, lembrando também pra ele, que ele vai usar isso, já que é um curso técnico, ele vai usar o que aprendeu aqui futuramente na sua vida. A gente tem a obrigação de mostrar algo além daquilo que ele traz, se não, não faz sentido a escola. Abrindo sempre a mente dele, eu estou te mostrando isso, saiba onde utilizar em determinados contextos [...] Cada coisa tem o seu lugar. Então sempre tem músicas apropriadas como você citou o exemplo, o cara que perdeu a paixão e quer tomar umas até cair; tem músicas apropriadas para o cara que quer elevar-se espiritualmente; A música pro cara que quer só meditar; Música pro cara que quer fluir intelectualmente [...] Sempre existiu isso aí [...] Então a gente tem que aprender a distinguir a música para trabalhar a emoção, para trabalhar o intelecto e a música para trabalhar o corporal. Tem pessoas que escutam música só para dançar, outras para se emocionar e outras só para abstração.</p>

P5	<p>Na minha compreensão, sou tendencioso porque sou professor de música e de arte né!? Então eu sempre acho que a minha disciplina é a melhor e a mais importante e vivo dessa forma, e tá dando certo até hoje, 44 anos dando certo. Então, na minha leitura a disciplina de arte e tudo o que tem a ver com cultura é fundamental porque no nosso caso específico aqui do Brasil, não é falta de educação, os nossos gestores são mestres doutores e isso não faz deles pessoas boas. Então a educação é indispensável, mas não é a solução como as pessoas gostam de falar. A solução é a cultura. Uma cultura de paz, uma cultura ecológica, uma cultura de conscientização do meio ambiente [...] Então através da música, através da arte, do teatro, são as ferramentas mais eficazes que eu vejo para melhorar o nosso povo brasileiro como cidadão, para criar neles uma empatia. Então não é só uma questão de você instruir as pessoas, fazer com que todo mundo tenha nível superior vai resolver o problema, não é só isso. É investir no aumento da empatia das pessoas e isso é desenvolvido através da cultura [...] Eu acho que o estudo da arte do teatro, da dança eles são as nossas ferramentas mais poderosas para mudar a cultura das pessoas e talvez reverter um cidadão de mais qualidade, mais empático, mais conectado com os seus semelhantes.</p>
P6	<p>Eu percebo que eles fazem também essa relação, não é uma coisa que a gente vá proporcionar para eles. Eu posso dar aqui um exemplo, esse recital que a gente fez pensando nas crianças. Então a gente selecionou um repertório, que já não faz mais parte do cotidiano deles, não é uma música que eles tenham interesse em aprender aquilo, que vá se interessar e ir buscar por conta própria procurar música infantil para tocar. Mas durante a experiência eles perceberam qual era o sentido daquilo e isso foi coroado quando a gente os levou para as escolas e eles foram tocar com essas crianças. Então de certa forma eu senti que eles também aprenderam que esse repertório trouxe para eles uma possibilidade de partilha. A música tem essa possibilidade de dar essa aquisição do conhecimento de uma forma cidadã, não é aprender a tocar por aprender a tocar. Qual o sentido do aprender a tocar? Qual o sentido de eu cantar? Eles conseguiram perceber esse sentido quando eles foram partilhar aquele repertório que eles aprenderam para as crianças, com certeza isso impactou na formação cidadã deles e em como eles percebem a música, e em como podem ser influenciados por ela nessa construção cidadã.</p>

P7	<p>Bom, é o que a gente, de certa maneira, passou por isso, não é? Quando falávamos ali do impacto da educação no professor. Então, eu fui impactado por esse tipo de formação humanística e holística, ou seja, envolve vários aspectos e variáveis da formação para nós. Eu quero que o meu aluno compreenda isso como uma questão urgente. Porque não basta só tocar muito bem hoje em dia. Você tem que se relacionar muito bem. Então, eu ensino, de alguma forma, na sala, nas aulas coletivas, para que eles se ajudem. Então eu pego um aluno que é mais experiente, digo, olha você vai me ajudar a ajudar aquele aluno. Então eles por si só aprendem sem a minha presença muitas vezes. Então é um sentido de trabalhar colaborativamente. Trabalhar em equipe, trabalhar de forma que o meu crescimento promova o crescimento do outro e não uma competitividade. É claro que vai sempre haver uma competitividade e comparação entre aluno A e B, entre professor A e B, entre professor do curso e outro de fora. Mais o que é mais importante, o que a gente precisa entregar pro nosso aluno não é isso seja importante. Mas é o quão diferente você consegue ser somando todas essas qualidades humanas e técnicas. Eu acho que o ambiente escolar, se planejado para esse viés, nós vamos trazer para a sociedade profissionais de altíssimo nível que quando eu digo de altíssimo nível são aqueles que compensam muito bem a inteligência emocional com a inteligência, ou habilidades e competências num determinado ambiente. É isso que eu trabalho com meus alunos, que eles dentro de uma aula coletiva assumam a perspectiva da auto colaboração da ajuda de uns para com os outros [...]</p>
----	---

Fonte: elaborada pela autora (2023)

Na visão dos sujeitos, para que haja uma formação cidadã dos estudantes de música é preciso levá-los ao entendimento de que a música, além ser promotora de sensibilidade, é uma transmissora de ideias e de concepções do mundo, podendo promover nos ouvintes algumas reações, sejam motivacionais, de conhecimento, bem como modificar conceitos outrora estabelecidos. O momento da performance musical deve ser entendido como um momento de partilha, que vai muito além de só executar uma peça ou cantar uma música. A aquisição de repertório com vista à performance pode ser um momento de troca não só para quem faz a música como para quem a recebe. Para os que produzem, mostra o seu papel enquanto cidadão na promoção dos valores morais como honestidade, respeito pelo próximo, responsabilidade, cooperação, empatia, dentre outros, e para os que apreciam pode ser um momento transformação de conduta. Segundo o sujeito P5, a produção cultural expressa através das atividades artísticas é uma ferramenta mais eficaz para desenvolver empatia e promover a melhoria do povo brasileiro como cidadão.



Para o sujeito P7, o ensino da música dentro de uma instituição não pode considerar somente um tipo de música como a melhor ou a superior. Segundo ele, a escola tem que se abrir e tentar entender esses diversos universos culturais trazidos pelo aluno. Cada música dentro do seu contexto tem um sentido para aqueles que a fazem, por exemplo o funk, o rap, entre outros. O sujeito P4, complementando essa resposta, fala que o educador *“tem a obrigação de mostrar algo além do que daquilo que ele traz, se não, não faz sentido a escola”* (P4). Para ele, é preciso abrir a mente do aluno para ele entender que cada música pode ser bem aplicada, desde que sejam considerados os diferentes contextos.

Encerrando a ideia do estudante de música como cidadão, destaco a resposta do P7 que fala da necessidade de o aluno ter uma educação humanística e holística, pois, na visão dele, não basta só tocar bem: é preciso se relacionar bem com os demais colegas e trabalhar de maneira colaborativa. *“Então, eu ensino, de alguma forma, na sala, nas aulas coletivas, para que eles se ajudem. Então eu pego um aluno que é mais experiente, digo, olha você vai me ajudar a ajudar aquele aluno. Então eles por si só aprendem sem a minha presença muitas vezes. Então é um sentido de trabalhar colaborativamente. Trabalhar em equipe, trabalhar de forma que o meu crescimento promova o crescimento do outro e não uma competitividade”* (P7).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fundamentado na história de vida e formação e na Teoria da Praxiologia de Bourdieu, este trabalho procurou compreender, através das entrevistas narrativas, como aconteceu a constituição do *habitus* docente dos professores do Instituto Federal do Piauí Campus Teresina Central.

Partindo do conceito de *habitus* como as disposições duráveis incorporadas pelos agentes por meio das relações constituídas durante sua trajetória de vida, influenciando a maneira de ser, pensar e agir dos sujeitos no mundo, é possível dizer que o conjunto de saberes, experiências e conhecimentos que os professores internalizaram e incorporaram como legítimos são construídos ao longo de sua trajetória docente compõem o *habitus*.

Os sujeitos são inseridos e formados em vários espaços sociais por onde transitam no decorrer de suas trajetórias de vida, como o ambiente familiar, a base da socialização, a escola, a universidade e ambientes de formação. Esses espaços delineiam seus valores, suas ações, suas práticas docentes. No entanto, o *habitus* docente chamado por Silva (2005) de *habitus* professoral, diz respeito ao modo de ser e agir dos professores em sala de aula. O ato de ensinar é estruturado por meio das influências oriundas do ambiente de formação. Para a autora, durante a formação o que se estrutura é o *habitus* estudantil e não o *habitus* professoral: “ou seja, durante a formação os discentes estruturam o *habitus* estudantil, e não o *habitus* professoral, pois o último será desenvolvido somente no e com o exercício da docência” (SILVA, 2005, p.160).

De acordo com Silva, podemos indagar: será que os docentes entrevistados que começaram a ensinar antes mesmo de entrar na graduação, local de formação para a carreira docente, já não estavam em processo de constituição de um *habitus* docente? Vimos que, ao longo das entrevistas, muitos relataram que ensinavam amigos e conhecidos de maneira informal em suas casas ou na casa dos alunos, ou seja, muito antes de entrar de ingressar na graduação eles já desempenhavam práticas docentes em um ambiente não institucional. Segundo a mesma autora “a prática aprende-se quando se está exercendo a profissão, e somente com o exercício prático é que é desenvolvido e incorporado um tipo de *habitus*” (SILVA, 2005, p. 160).

Diante disso, podemos concluir que esses sujeitos estavam desenvolvendo um *habitus* docente. A formação recebida durante a graduação foi um complemento, servindo para melhoria da qualidade teórica e cultural desse sujeito, no entanto, o *habitus* docente já estava incorporado.

Nesse caminho, ao descobrir o *habitus* docente também pudemos notar, ao longo das entrevistas, a constituição do *habitus* musical dos sujeitos, composto pelas experiências musicais e, conseqüentemente, os saberes musicais construídos em escolas de música e, depois, na graduação. Fizeram parte da constituição desse *habitus*, do fazer música propriamente dito, as experiências como tocar em banda de fanfarra, tocar à noite em bandas locais, tocar na igreja, cantar e reger corais. Essas vivências foram fundamentais na construção de habilidades e competências para constituir os sujeitos como músicos. O exercício da prática musical os levou ao desenvolvimento e à incorporação do *habitus* musical que futuramente os levaria a encontrar-se na docência em música.

Vale dizer que o *habitus* incorporado no ambiente familiar, na escola, na prática musical e na prática docente conduziu esses sujeitos ao esboço de um *habitus* professoral, o qual só veio a ser constituído no exercício da profissão docente no dia a dia.

No encontro com a docência, em especial no campo da educação musical, percebemos que a maioria das trajetórias é oriunda de ambientes que, embora não formalizados, foram a base para estruturar suas práticas musicais e suas práticas docentes. Dentro desse contexto, o conhecimento prático foi acontecendo e os docentes iam aprendendo a ensinar ensinando.

Percebemos que a história dos sujeitos se funde quando se fala de *habitus* docente. Segundo Silva (2005), “a estruturação do *habitus* professoral é comum a todos os profissionais na sala de aula” (SILVA, 2005, p. 161); mesmo traçando caminhos ora divergentes, eles se cruzam no ato de ensinar em sala de aula.

Nesse caminho para compreender a história de vida e formação e o *habitus* docente dos professores de música do campus Teresina Central, percebemos que em muitos momentos suas histórias se confundiam com a minha. Nesse processo, pude olhar para minha história e percorri caminhos terapêuticos: em vários momentos dessa escrita me peguei em lágrimas num misto de alegria e de tristeza. Revisitar

minhas memórias e reescrevê-las era como revivê-las, era como se minha vida tivesse sido descortinada na minha frente e eu a visse da plateia. Pude perceber, então, que as experiências vividas me formaram quem sou. Assim, afirmo que esse exercício na busca de entender minha história de vida e os meus processos formativos foi de suma importância para compreender as histórias dos sujeitos da pesquisa. Durante as entrevistas, pude identificar semelhanças e diferenças entre mim e cada um dos sujeitos até chegar ao momento do exercício da profissão, “espaço este que passa a unificar essas diferenças” (SILVA, 2016, p.153) e onde o *habitus* docente é constituído.

Nesse espaço comum da docência que é o campus Teresina Central, onde os caminhos se encontraram, percebemos o contínuo desenvolvimento do *habitus* docente. É nesse lugar em comum, em que as habilidades e competências apreendidos nos diferentes espaços sociais por onde passou foram internalizados e incorporados em disposições de condutas, *habitus*, que o sujeito será impulsionado a deixar suas marcas nos alunos.

Outro ponto importante que precisamos mencionar foram as dimensões formativas que auxiliam na constituição do professor: A dimensão cognitiva que diz respeito à inteligência e à memória presentes no decorrer de todo o processo de aprendizagem dos sujeitos entrevistados; A dimensão estético-afetiva. A dimensão estética está relacionada ao gosto, nesse caso específico o gosto musical, que pode interferir na escolha do repertório a ser trabalhado em sala de aula. Como visto nas entrevistas, alguns afirmaram que de fato suas preferências norteiam seu trabalho, no entanto eles são bem claros quando afirmam que não deixam de considerar a bagagem musical prévia do aluno ao chegar ao campus Teresina Central; assim, nesse misto de repertório, eles organizam suas práticas instrumentais. A dimensão afetiva nesse trabalho levou em consideração o grau de satisfação e a percepção de si mesmo no exercício da profissão. A maioria foi unânime em dizer que se sente realizada. Como visto nas narrativas, para alguns o trabalho é uma missão, local de encontro consigo mesmo onde sua existência faz sentido, e para outros é como um segundo lar, lugar de afeto. A outra dimensão investigada foi a dimensão ético-política, que diz respeito a como o professor compreende o estudante como músico e como cidadão e a como as artes se vinculam à cidadania. Nas entrevistas vimos a

preocupação dos agentes sobre como a música pode promover um ser humano melhor e com mais empatia para com seus pares. Ligada a isso, vimos também na fala de outro sujeito a necessidade de formar cidadãos com base numa educação altruísta, em que todos em sala de aula agem em benefício um do outro, numa espécie de colaboração mútua.

Concluo dizendo que o presente trabalho tinha como propósito entender como, através das histórias de vida e formação, aconteceu a constituição do *habitus* docente na vida dos sujeitos entrevistados e na minha própria vida. A pesquisa em questão, usando como base outros trabalhos como os de Silva (2009 e 2016), constatou que todos os caminhos percorridos nos conduziram à docência em música e, conseqüentemente, à aquisição e internalização de um *habitus* que depois se constitui em *habitus* docente quando no exercício da profissão em sala de aula.

O trabalho tem um certo pioneirismo pois dentro do âmbito do Instituto Federal do Piauí é o primeiro trabalho da área música, no campo da educação musical a tratar a temática do *habitus* docentes e musical.

Encerro dizendo que conhecer as histórias e a formação dos outros é como uma via de mão dupla, é um dá e receber. Isso aconteceu durante todo esse processo de investigação quando eu escrevi sobre e mim e quando forneci aos colegas ferramentas de autoconhecimento, desde a aplicação do roteiro da entrevista até o momento em que todos nós nos encontramos na nossa prática docente. Nesse sentido, dentro contexto da educação musical no IFPI, concordo com Silva (2016) quando ela afirma: “a história de um é história de todos” (SILVA, 2016, p. 153).

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Magdalena Maria de. História oral e formalidades metodológicas. *In: IX Encontro Nacional de História Oral: memória, democracia e justiça social*. Rio de Janeiro, 2012. **Anais eletrônicos**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://www.encontro2012.historiaoral.org.br/site/anaiscomplementares>. Acesso em: 23 mai. 2023
- ARAUJO, Viviane Patrícia Colloca. O conceito de currículo oculto e a formação docente. **Revista REAe - Revista de Estudos Aplicados em Educação**, v. 3, n. 6, jul./dez. 2018. Disponível em: [https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_estudos\\_aplicados/article/download/5341/2589/17968](https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_estudos_aplicados/article/download/5341/2589/17968). Acesso em: 19 jun. 2023.
- BALDINO, J. M.; DONENCIO, M. C. B. O habitus professoral na constituição das práticas pedagógicas. **Revista Polyphonia**, Goiânia, v. 25, n. 1, p. 263–281, 2015. DOI: 10.5216/rp.v25i1.38563. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sv/article/view/38563>. Acesso em: 18 jun. 2023.
- BENITES, Rita de Cássia Ribeiro. A desvalorização do ensino de arte no Brasil: origens e alguns aspectos. **Revista eletrônica Trilhas da História**, v. 10, n. 20, jan.-jul., ano 2021, p. 35 – 50. Disponível em: <https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/10465> Acesso em 21 jun. 2023
- BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. *In: ORTIZ, R. Pierre Bourdieu/ Sociologia*. Trad. Paula Montero. 2. ed. p. 46-81, São Paulo: Ática, 1983 (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de hábitos e de campo. *In: Bourdieu, P. O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e a cultura. *In: CATIANI, A; NOGUEIRA, M. A. (org.). Escritos da educação*. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4239100/mod\\_resource/content/0/Pierre\\_Bourdieu%20-%20A%20Distin%C3%A7%C3%A3o.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4239100/mod_resource/content/0/Pierre_Bourdieu%20-%20A%20Distin%C3%A7%C3%A3o.pdf). Acesso em 18 mai. 2023.
- CARVALHO, Tássio Mascarenhas de; SILVA, Cristiane Rodrigues da; BIANCHI, Eliane Maria Pires Giavina. Análise Crítica da Pesquisa Narrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 8, p.01 a 07, jul. 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/17743/15336>. Acesso em: 20 ago.2022.
- COLOMBY, R.K. *et.al.* **Histórias de vida como um caminho metodológico em estudos organizacionais**: um estudo bibliométrico. IV Congresso Brasileiro de

Estudos Organizacionais - Porto Alegre, RS, Brasil, 19 a 21 de Outubro de 2016. Disponível em: <https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/view/151/143>. Acesso em: 12 mai. 2023.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora! as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação São Paulo**, v.23, n.1/2, p.185-195, jan./dez.1997. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/59596/62695>. Acesso em: 23 mai. 2023.

CUNHA, Júlia Maria de Jesus. Ensino de Artes: dificuldades, experiências e desafios. **Periódico de Divulgação Científica da FALS**, Praia Grande, ano VI, n. XIV, p.1-20, dez. 2012. Disponível em: [http://fals.com.br/novofals/revela/REVELA%20XVII/art\\_exp05\\_14.pdf](http://fals.com.br/novofals/revela/REVELA%20XVII/art_exp05_14.pdf). Acesso em: 23 mai. 2023

FUCCI AMATO, Rita. O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-musical. **Opus**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 75-96, jun. 2007.

FROSSARD, Fábio. Conheça o Método Praxiológico ou Teoria da Prática de Pierre Bourdieu. **Alunoexpert**, [s.d]. Disponível em: <https://alunoexpert.com.br/metodo-praxiologico-ou-teoria-da-pratica-de-pierre-bourdieu/#>. Acesso em: 18 mai. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

INSTITUTO FEDERAL DO PIAUÍ. **Projeto Político-Pedagógico de Curso: Técnico de Nível Médio em Instrumento Musical na Forma Concomitante e Subsequente**. Teresina, 2022.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Prefácio Antônio Nóvoa; revisão científica, apresentação e notas à edição brasileira Cecília Warschauer; São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *In: Educação*. Porto Alegre, ano XXX, n.3, v. 63, p.413-438, set./dez.2007. Disponível em: [https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a\\_tranfor2.pdf](https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf). Acesso em: 12 mai.2023.

KACZAN, Marcelo. **Entrelaçando Caminhos: Histórias de Vida dos Professores de Música em Fortaleza**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/24878>. Acesso em: 28 fev. 2022

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: <file:///C:/Users/usuario/Downloads/LAKATOS%20-%20MARCONI%20-%20FUNDAMENTOS%20DE%20METODOLOGIA%20CIENTIFICA.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2022.

LOPES, Ediane Carolina Peixoto Marques; CAPRIO, Marina. As influências do modelo neoliberal na educação. **Política e gestão educacional**, Araraquara, n. 5, p. 1-16, 2008. Disponível em:

[http://www.fclar.unesp.br/Home/Departamentos/CienciasdaEducacao/RevistaEletronica/edi5\\_artigoedianeledes.pdf](http://www.fclar.unesp.br/Home/Departamentos/CienciasdaEducacao/RevistaEletronica/edi5_artigoedianeledes.pdf). Acesso em: 17 jun. 2023.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Roberto Stepheson Anchiêta. A construção do gosto musical: de Bourdieu à categorização do ouvinte e de seu cardápio sonoplástico. *In: Anais do VI SIMPOM 2020 - Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música*. Rio de Janeiro, 03 a 06 de novembro de 2020. Anais eletrônicos. Disponível em <http://seer.unirio.br/simpom/article/view/10688>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MARINHO, Joseane. O entusiasmo pela educação como fator de progresso do Piauí entre os anos 1920 e 1940. **Revista da Academia de Ciências do Piauí**, n. 01, jul. a dez. 2020. p.139-165. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/acipi/article/view/713/677> . Acesso em: 26 jun. 2023.

MEDEIROS, C. Carta Cardoso de. Habitus e corpo social: Reflexões sobre o corpo na teoria sociológica de Pierre Bourdieu.. **Movimento**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 281–300, 2011. DOI: 10.22456/1982-8918.13430. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/13430>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MED, Bohumil. **Teoria da Música**. 4. ed. Brasília: Musimed, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 21. ed., Petrópolis: Vozes, 2002. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2022.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. Sociologia de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano XXIII, n. 78, abril 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/wVTm9chcTXy5y7mFRqRjX7m/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 abr. 2023.

OLIVEIRA, Jassira Braz da. **Habitus docente no ensino de Música**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Artes (PROFARTES). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: 2016. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/24252/3/2016\\_dis\\_jbsilva.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/24252/3/2016_dis_jbsilva.pdf). Acesso em: 06 abr. 2022.



OLIVEIRA, Carla Dolores Menezes de. **Habitus, Representação Social e Formação Docente**: A escolha profissional do curso de Pedagogia por alunos de uma Universidade Federal do Nordeste Brasileiro. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2018. 95 folhas. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/35899/5/2018\\_dis\\_cdmoliveira.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/35899/5/2018_dis_cdmoliveira.pdf). Acesso em: 17 abr. 2023.

OLIVEIRA, Valeska Fortes. Educação, memória e histórias de vida: usos da história oral. **História oral**, Recife, v. 8, n. 1, p. 92-106. jan./jun. 2005. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/118/114>. Acesso em: 04 abr. 2022.

OLIVIER, Giovanina Gomes de Freitas. **Um olhar sobre o esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas: Campinas 1995. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/95223>. Acesso em: 29 jun.2023.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 08 n.02, p. 216-266, jan.2008. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/307674478\\_A\\_pesquisa\\_narrativa\\_uma\\_introducao](https://www.researchgate.net/publication/307674478_A_pesquisa_narrativa_uma_introducao). Acesso em: 18 ago.2022.

PENNA, Maura. **Música(s) e seu Ensino**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros. **Ensino superior e as licenciaturas em Música (pós diretrizes curriculares nacionais 2004)**: um retrato do *habitus conservatorial* nos documentos curriculares. Dissertação de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul: Campo Grande, 2012. Disponível em: [https://www.academia.edu/13061464/Ensino\\_de\\_Superior\\_e\\_as\\_Licenciaturas\\_em\\_M%C3%BAAsica\\_P%C3%B3s\\_DCN\\_2004\\_um\\_retrato\\_do\\_habitus\\_conservatorial\\_nos\\_documentos\\_curriculares](https://www.academia.edu/13061464/Ensino_de_Superior_e_as_Licenciaturas_em_M%C3%BAAsica_P%C3%B3s_DCN_2004_um_retrato_do_habitus_conservatorial_nos_documentos_curriculares). Acesso em: 26 abr. 2023.

PETERS, Gabriel. Bourdieu em pílulas (2): objetivismo, subjetivismo e praxiologia. **BlogLabemus**, [s.n], mar. 2020. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2020/03/02/bourdieu-em-pilulas-2-que-cazzo-e-praxiologia-por-gabriel-peters/> Acesso em: 18 mai. 2023.

SANTOS, Cláudia Regina Alves dos (UEL); TUMA, Magda Madalena (UEL). Histórias de vida, formação e projetos: os ateliês biográficos como proposta metodológica. *In*: Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação-PPE.2008, Maringá. **Anais**: Maringá,2008.p.1 -16. Disponível em: [http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario\\_ppe\\_2012/trabalhos/co\\_04/083.pdf](http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2012/trabalhos/co_04/083.pdf). Acesso em: 04 abr. 2022.

SANTOS, Elzanir. **Professores - estudantes e suas trajetórias**: A construção de si como sujeitos da formação. Dissertação de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: 2010. Disponível em:

[https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3301/1/2010\\_Tes\\_ESANTOS.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3301/1/2010_Tes_ESANTOS.pdf). Acesso em: 25 abr.2022.

SANTOS, M. S. dos; CAREGNATO, C. Uma permanência na escola sob ameaça: reflexões a respeito da desvalorização do ensino de Arte. **Revista DAPesquisa**, Florianópolis, v. 14, n. 22, p. 078-099, 2019. DOI: 10.5965/1808312914222019078. Disponível em:

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/1808312914222019078>. Acesso em: 17 jun. 2023.

SILVA, E M. A.; ARAUJO, C. M. Tendências e Concepções do Ensino de Arte na Educação Escolar Brasileira: Um estudo a partir da trajetória histórica e sócio epistemológica da Arte/Educação. *In: Reunião Anual da ANPED*, 2007. Disponível em: [http://30reuniao.anped.org.br/grupo\\_estudos/GE01-3073--Int.pdf](http://30reuniao.anped.org.br/grupo_estudos/GE01-3073--Int.pdf). Acesso em: 20 jun. 2022.

SILVA, Juniel Pereira da; MONTI, Ednardo Monteiro Gonzaga. Criação do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Piauí: horizontes musicais e legais. *In: FERREIRA, Ezequiel Martins (org.). Processos criativos e educacionais em artes*. Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

SILVA, Marilda. O habitus professoral: o objeto dos estudos sobre o ato de ensinar na sala de aula. **Revista Brasileira de Educação**, n. 29 Maio /Jun /Jul /Ago. de 2005. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/LdBdvGQ66DwZBCTXx8qnRcd/abstract/?lang=pt#:~:t=ext=%22Habitus%20professoral%22%20%C3%A9%20o%20caminho,ensinar%20na%20sala%20de%20aula>. Acesso em: 26 jun. 2023.

SILVA, Maria Goretti Herculano. **Cotidianos sonoros na constituição do habitus e do campo pedagógico musical**: um estudo a partir dos relatos de vida de professores da UFC, 2009. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: 2009. 121, folhas. Disponível em:

[https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6624/1/2009\\_dis\\_mghsilva.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/6624/1/2009_dis_mghsilva.pdf). Acesso em: 27 abr. 2022.

SILVA, Maria Goretti Herculano. **Ao tecer somos tecidos**: (Re) significando a docência na constituição do *habitus* em estudantes de música – Licenciatura. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa

de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2016. Disponível em:  
<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/22730>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **A arte de contar e trocar experiências**: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. Revista Educação em Questão, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006. Disponível em:  
<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8285/5958> Acesso em 22 fev.2023.

**(Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação.**

In: NASCIMENTO, AD., and. HETKOWSKI, TM., orgs. Memória e formação de professores [online]. Salvador: EDUFBA, 2007. 310 p. ISBN 978-85-232-0484-6. Disponível em: <https://docplayer.com.br/24677855-Auto-biografia-historias-de-vida-e-praticas-de-formacao.html>. Acesso em: 22 fev.2023.

VERNAGLIA, Taís Verônica C. **Pesquisa Qualitativa**. eduCapes, Rio de Janeiro, 18 set. 2020. Disponível em:  
<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/581071/4/Pesquisa%20Qualitativa.pdf>  
f. Acesso em: 10 abr. 2022.

ZORZAL, Ricieri Carlini; FIGUEIREDO, Edson Antônio de Freitas; ÁVILA, Guilherme Augusto de. Ensino de instrumento musical na Licenciatura em Música: contextualização e relatos de experiência no nordeste brasileiro *In*: MOLINARI, Paula (org.) **Música, Educação e Cultura**: tecituras e tessituras no nordeste brasileiro. Campo Limpo Paulista: FACCAMP: 2016, 167f. Disponível em:  
[https://www.unifaccamp.edu.br/pesquisa/arquivo/pdf/musica\\_educacao\\_cultura.pdf](https://www.unifaccamp.edu.br/pesquisa/arquivo/pdf/musica_educacao_cultura.pdf)  
Acesso em: 19 jun. 2023.

## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade Federal do Ceará  
Programa de Pós-graduação em Artes

**NOME DA PESQUISA:** HISTÓRIA DE VIDA E O *HABITUS* DOCENTE DO CURSO DE MÚSICA DO INSTITUTO FEDERAL DO PIAUÍ- CAMPUS TERESINA CENTRAL

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** MÍSIA TAVARES DA CRUZ ARAÚJO

Tel.: (86) 9.9434-5674

E-mail: misia.tavares@ifpi.edu.br

**ORIENTADORA:** Prof. Dr. Luiz Botelho de Albuquerque

**COORIENTADORA:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jeriane da Silva Rabelo

Prezado(a) professor(a),

Sou aluna do Curso de Pós-Graduação em Arte, do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará (UFCE) e estou realizando um estudo monográfico denominado “História de vida e o *habitus* docente do curso de música do Instituto Federal do Piauí- Campus Teresina Central”. Este estudo tem como objetivo investigar, por meio das histórias de vida, a formação do *habitus* docente dos professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI campus Teresina Central. Esta pesquisa permitirá entender através das histórias de vida dos participantes o momento em que se encontraram com a docência, conhecer as práticas educativas, analisar os aspectos e formação dos *habitus* docentes na vida dos professores entrevistados. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a um questionário. Assim solicitamos a permissão para a gravação do áudio de suas entrevistas. Os dados coletados poderão ser utilizados em publicações e eventos científicos. Sua identidade será protegida pelo anonimato. A sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode se recusar a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Você não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras, nem será submetido a situações de risco. Participando da pesquisa, você contribuirá para uma reflexão mais aprofundada em relação à temática. Você receberá uma cópia desse termo, em que constam os contatos da pesquisadora e da orientadora, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Teresina, PI \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

Assinatura Professor (a) Participante: \_\_\_\_\_

Assinatura da Responsável pela Pesquisa: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS PROFESSORES



Universidade Federal do Ceará  
Programa de Pós-graduação em Artes

**NOME DA PESQUISA:** “História de vida e o *habitus* docente do curso de música do Instituto Federal do Piauí- Campus Teresina Central”

**Orientador:** Prof.Dr. Luiz Botelho de Albuquerque

**Coorientadora:** Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Jeriane da Silva Rabelo

**Discente:** Mísia Tavares da Cruz Araújo

### Parte I – Identificação

Formação: \_\_\_\_\_

Maior nível completo de escolaridade

Instituição: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_ Idade \_\_\_\_ Tempo de magistério: \_\_\_\_ (anos)

### Parte II – História de vida

- Qual sua origem familiar? (contexto socioeconômico e nível de escolaridade dos pais)
- Como foi sua formação na Educação Básica e no Ensino Superior?
- Descreva suas experiências escolares: de que maneira tais experiências interferiram na escolha da sua profissão?
  - Como a música entrou na sua vida? Onde começou a estudar música?

### Parte III – *Habitus* docente:

- Quais foram as primeiras experiências como docente de música? Comente sobre suas experiências anteriores ao IFPI, no campo da educação musical informal/formal.
- Planejava ser professor(a) de música?
- Hoje, como se percebe emocionalmente enquanto professor(a) de música?
- Você se sente realizado enquanto docente? Quais expectativas em relação a sua profissão?
- **No aspecto psicomotricidade:**

- Qual sua prática instrumental? Como acontece sua preparação antes as aulas na sua prática instrumental? Qual a sua carga horária de estudo semanalmente? Utiliza algum método específico? Quais métodos de estudo?
- Você pensa em algum exercício que trabalhe a corporeidade discente na preparação das suas aulas, considerando cada faixa etária?
- Sobre a escolha do repertório: como sua formação estética interfere na seleção desse repertório? Qual repertório costuma utilizar (gêneros musicais)? Você acredita que a escolha do repertório está de acordo com a faixa etária a qual trabalha?
- Descreva a sua compreensão do estudante de música como cidadão. Como a leitura de mundo pode ser realizada através da educação musical?

Muito obrigada pela colaboração!